O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

ESTER

HAGNOS

ESTER

O Livro que Descreve como uma Heroína Salvou seu Povo

ESTER

10 Capítulos
167 Versículos

INTRODUÇÃO

O livro canônico de Ester (ver o artigo sobre Ester, Adições ao Livro de, no *Dicionário*) conta-nos a história de Ester, jovem judia que substituiu Vasti, como rainha do rei persa, Assuero. Esse livro propõe-se a fornecer-nos as circunstâncias históricas do estabelecimento da festa judaica de Purim. Trata-se da história de uma heroína judia, por conseguinte. Embora não contenha o nome de Deus, e nem seja citado uma vez sequer no Novo Testamento, tem desfrutado de grande popularidade entre os judeus. O hino de louvor aos heróis da fé, em Eclesiástico 44:49, não menciona Ester. Nos fins do século I D.C., os rabinos judeus continuavam disputando sobre a canonicidade do livro. Lutero emitiu o desejo de que o mesmo nunca tivesse sido escrito. Também não figurava entre os rolos dos *Manuscritos do Mar Morto* (ver a respeito no *Dicionário*). Esses fatos dão ao livro uma posição curiosa, dentro do cânon sagrado. Mas, a corrente principal do judaísmo sempre lhe deu um grande valor.

Esboço:

I. A Heroína e Certas Dificuldades Históricas
II. Conteúdo
III. Propósito Geral
IV. Autoria e Data
V. Posição no Cânon

I. A Heroína e Certas Dificuldades Históricas

O nome hebraico dessa mulher era Hadassah, que significa «murta», o nome de uma planta. Ester era o nome (provavelmente persa) que lhe foi dado, quando ela tornou-se parte do harém real. É possível que esse último nome esteja ligado a *Istar,* nome de uma das principais deusas babilônicas. Há um targum que revela que ela foi assim chamada em honra à estrela Vênus, no grego, Aster, vinculada à palavra portuguesa *estrela.* Alguns estudiosos supõem que essa troca de nomes tenha seguido uma imitação da palavra hebraica, não tendo havido uma troca genuína de um apelativo por outro. Ester pertencia à tribo de Benjamim. Seu nome tem sido imortalizado no livro que foi escrito para decantar seus atos heróicos. Ela tinha um primo, Mordecai, que a adotou quando da morte de seus pais (Est. 2:5-7), tendo-a criado na Pérsia. Ali ela também foi o instrumento na salvação dos judeus, quando as autoridades do império persa queriam destruí-los. Isso foi possível somente porque Ester tornou-se a rainha do rei persa, em lugar de Vasti. Desse modo, Ester ficou em uma posição em que pôde interceder em favor de seus compatriotas judeus.

Muitos eruditos liberais não crêem na historicidade do livro de Ester. Preferem pensar que se trata de um romance histórico, porquanto contém vários erros históricos evidentes. O principal desses erros é que não é possível identificar com certeza qualquer rei da Pérsia chamado Assuero. Assuero tem sido identificado por outros como Xerxes (485-465 A.C.). Mas Mordecai, o primo de Ester, teria sido levado para o exílio por Nabucodonosor, mais de um século antes da subida de Xerxes ao trono da Pérsia. Assuero também tem sido identificado com Artaxerxes II (404-358 A.C.), mas há várias dificuldades cronológicas que acompanham essa identificação. Ester, por sua vez, tem sido identificada com Amestris, de Xerxes, mas sabemos que o pai de Amestris era um general persa, o que significa que Amestris não era uma donzela judia.

O problema da avançadíssima idade de Mordecai só poderia ser explicado se pensássemos que, em Ester 2:5,6 há menção a Quis, o bisavô de Mordecai, e não a este último. Menos grave é a questão do nome de Ester, que não figura nos registros históricos. Isso deve-se à circunstância de que os monarcas antigos tinham muitas esposas e concubinas, cujos nomes apenas em um caso ou outro são mencionados. Contudo, alguns estudiosos pensam que o livro é uma *peça pseudo-história,* usada para simbolizar o conflito entre os deuses babilônicos e elamitas. *Nesse* caso, *Ester é Istar,* e Mordecai é Marduque. A similaridade de sons, entre esses nomes, é impressionante, mas poucos estudiosos pensam que essa teoria possa ser defendida com êxito. Outras objeções giram em torno de coisas subjetivas, como a indagação se Hamã teria a coragem de tentar um genocídio. Ele anunciaria a data do massacre com tanta antecedência? Uma jovem judia teria o poder de exercer qualquer influência sobre um poderoso monarca persa? Alguém construiria uma forca com vinte e cinco metros de altura? Isso equivaleria a um moderno prédio de oito andares. Porém, visto que a vida real por muitas vezes é mais estranha que a ficção, essas objeções não têm muito peso. Também não precisamos supor que todos os detalhes da história sejam exatos, mesmo que o livro de Ester seja essencialmente histórico.

Outras Dificuldades Históricas Dignas de Serem Mencionadas:

1. O trecho de Ester 1:1 menciona cento e vinte e sete províncias persas. Mas Heródoto (3:89) alude somente a vinte satrapias. As inscrições de Dario variam entre 21 e 29 satrapias. A resposta dada a essa objeção é que as satrapias maiores eram divididas em unidades menores, e que o livro de Ester refere-se a essas divisões todas. Todavia, não há como provar que o argumento está certo.

2. Heródoto (3.84) diz-nos que os reis da Pérsia eram obrigados a escolher sua rainha dentre as sete principais famílias da nação. Essa objeção é respondida dizendo-se que essa regra não era necessariamente permanente e absoluta, e que em um sistema onde havia pluralidade de esposas, tal regra facilmente podia ser desobedecida. Provavelmente, seria aplicável somente às esposas principais, que servissem de rainhas. Mas na verdade, Ester aparece como uma rainha. A rainha de Xerxes, conforme se sabe, foi Amestris, que era uma princesa persa. Portanto, deve-se supor que uma outra rainha tenha entrado em cena. Esse problema, nem por isso, fica resolvido, porque Vasti também não era Amestris. Ou seria?

3. Se a festa de Purim foi instituída por Mordecai, por que isso não é mencionado senão quando ocorre como o dia de Mordecai, em II Macabeus 15:36? A resposta a essa objeção é que a festa de Purim só se tornou proeminente na época em que o livro de II Macabeus foi escrito, pelo que não teria sido mencionada, juntamente com outras festas nacionais dos judeus. O próprio livro de Esdras não menciona todas as festividades judaicas, incluindo algumas mais antigas que a festa de Purim. A lista de heróis, em Eclesiástico, não menciona nem Ester e nem Mordecai. Pelo que, pergunta-se: teriam sido eles figuras históricas? Essa objeção é respondida supondo-se que aquela lista seja incompleta. Pois o autor da lista também omitiu Esdras, — que, sem dúvida alguma, foi uma personagem histórica.

II. Conteúdo

1. A História da Rainha Vasti (1:1-22)
2. Ester, Substituta de Vasti (2:1-23)
3. Hamã Conspira para Aniquilar os Judeus (3:1-15)
4. Intervenção Corajosa de Ester (4:1 — 7:10)
5. Os Judeus Vingam-se (8:1 — 9:19)
6. Instituição da Festa de Purim (9:20-32)
7. Mordecai em Posição de Autoridade (10:1-3)

III. Propósito Geral

Embora o nome de Deus não seja ali mencionado, o livro, evidentemente, tem o intuito de dar uma vívida demonstração de como a providência de Deus opera entre os homens, podendo reverter qualquer situação difícil. Outrossim, a narrativa tem a finalidade de explicar como veio a ser instituída a festa de *Purim* (ver a respeito no *Dicionário*). Essa festa judaica é mencionada pela primeira vez em II Macabeus 15:36. Ao preservar o seu povo, muitos dos quais se mostravam lassos em sua conduta, Deus demonstra o poder do seu pacto com eles. *Purim* é palavra que vem do assírio, *Puru,* que indica um pedregulho apropriado para ser lançado como se fosse um dado, em sortilégios. Ver Est. 3:7; 9:24,26. Esse *puru,* pois, representa o destino. Hamã lançou sortes para ver qual seria o melhor dia para tentar destruir totalmente os judeus. Mas Deus reverteu esse destino. Se, porventura, o livro só foi escrito na época dos Macabeus, então o seu propósito foi o de encorajar a fidelidade a Deus, em consideração a fidelidade histórica do Senhor.

IV. Autoria e Data

O livro é anônimo, mas a tradição judaica tem procurado fazer algumas identificações. Alguns supõem que o próprio Mordecai tenha sido o seu autor ou, pelo menos, tenha sido uma das principais fontes informativas. Admite-se que a história contém um autêntico colorido da vida e dos costumes persas, o que significa que o autor tinha conhecimento desses costumes em primeira mão, ou então, que teve acesso aos registros apropriados. Agostinho atribuía o livro de Ester a Esdras; mas os eventos ali registrados ocorreram depois de seu tempo. O pseudo-Filo e o rabino Azarias afirmaram que o livro foi escrito por Joiaquim, filho do sumo sacertote Josué, no décimo segundo ano do reinado de Artaxerxes, a pedido de Mordecai. Mas, tudo isso não passa de conjectura.

Data. A mais antiga referência pós-bíblica à festa de Purim fica em II Macabeus 15:36, com data de depois de 161 A.C. Refere-se ao *dia de Mordecai,* o que quer dizer que o livro deve ter sido escrito antes desse tempo. É comumente datado no século II A.C. Se foi uma história genuína, e se foi escrito perto, quanto ao tempo, dos acontecimentos ali descritos, então foi escrito em cerca de 500 A.C. Muitos estudiosos supõem que o livro reflita os conflitos dos Macabeus e que foi escrito como uma espécie de novela romântica, a fim de encorajar os leitores a fidelidade a Deus, mediante a confiança em sua providência. Isso o colocaria dentro do século II A.C. Se foi escrito durante o governo de Artaxerxes Longânimo, então deve ter sido escrito por volta de 450 A.C.

V. Posição no Cânon

A canonicidade do livro de Ester foi longamente disputada entre os judeus. Essa disputa prosseguiu até o fim do século I D.C. Seja como for, aparece na terceira divisão das Escrituras hebraicas, entre os livros de Rute, Cantares, Eclesiastes e Lamentações, como um dos rolos. Os rabinos, em Jammia (cerca de 100 D.C.) deram atenção especial à questão de sua canonicidade. Contra a sua canonicidade eles argumentavam que o livro instituía, como obrigatória, uma nova festa religiosa, que ultrapassava a lei de Moisés, que, presumivelmente, havia instituído todas as festas obrigatórias. Mas essa objeção foi afastada mediante a invenção de que o livro fora revelado a Moisés no monte Sinai, embora só tivesse sido escrito na época de Mordecai (Talmude de Jerusalém, *Megillah,* 70d). Isso serve de triste demonstração de como a mente religiosa pode chegar a qualquer conclusão, *a priori,* que uma pessoa ou um grupo de pessoas queiram fazê-lo. Sua suposta natureza não-religiosa (por não mencionar nem uma vez o nome de Deus), sem dúvida alguma, fora a grande razão que levou Lutero e outros a rejeitarem tão violentamente o livro.

O livro de Ester tem desfrutado de grande popularidade entre os judeus, o que é muito compreensível. Ele é lido anualmente, por ocasião da festa de Purim. O livro notabiliza-se por seu ardoroso nacionalismo, de mistura com a atitude de repúdio aos pagãos e ao paganismo. Não precisaria mais nada para garantir a sua preservação. (AM I IB WBC WES Z)

Ao Leitor

O leitor sério, ao examinar o livro de Ester, preparará o caminho para o estudo lendo a *Introdução* ao livro. Essa introdução aborda os seguintes assuntos: a heroína e certas dificuldades históricas; conteúdo; propósito geral; autoria e data; posição no cânon.

A esses assuntos gerais, adiciono alguns poucos comentários, que se seguem:

Caracterização Geral. "A significação do livro de Ester é que ele testifica a respeito da vigilância secreta de Yahweh sobre o povo disperso de Israel. O nome de Deus não ocorre neste livro nem uma vez sequer, mas em nenhum outro livro da Bíblia a Sua providência é mais conspícua. Terminado o cativeiro babilônico, um mero remanescente retornou a Jerusalém e a Judá. A grande massa da nação de Judá preferiu a vida fácil e lucrativa sob o governo persa. Mas Deus não se esqueceu deles... Os eventos historiados no livro de Ester cobrem um período de doze anos (Usher)" (*Scofield Reference Bible*).

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus.* Assim como o livro de Jó especializou-se em tentar informar acerca do *Problema do Mal,* por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem (ver o artigo sobre esse assunto no *Dicionário*), o livro de Ester especializou-se em contar sobre a *providência de Deus.*

"O livro de Ester foi escrito a fim de encorajar o remanescente dos exilados judeus, lembrando-os da fidelidade de Deus, que cumpriria as Suas promessas, feitas à nação. O autor sacro estava descrevendo a infalível preservação, por parte de Deus, a Seu povo (mesmo os "desobedientes", que não quiseram retornar a Jerusalém, como Ester e Mordecai). O autor sagrado também explica como começou a Festa de Purim. Essa festa, cada vez que fosse celebrada, encorajaria o remanescente" (John A. Martin, na sua introdução ao livro de Ester).

"Na Bíblia hebraica, Ester aparece em último lugar nos cinco rolos (*megilloth*), os quais eram lidos nas grandes festividades do ano judaico. E o *Rolo de Purim,* uma festa secular que celebrava o livramento de um plano sutil de anti-semitismo. Os rabinos disputaram sua aceitação ao cânon das Escrituras por longo tempo, pois ele não contém nenhuma referência às coisas mais preciosas da religião judaica, nem mesmo menciona, uma vez sequer, o nome de Deus. Na Bíblia grega, o livro de Ester ocupa lugar entre os livros históricos e também tornou-se mais longo pela adição de passagens que tencionam torná-lo mais religioso (*Oxford Annotated Bible,* Introdução)". Ver *Adições ao Livro de Ester* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Purim,* quanto a detalhes.

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Natureza Secular do Livro de Ester. O autor sagrado não menciona, nem uma vez sequer, o nome de Deus nem apela à oração e a outros exercícios religiosos. No judaísmo posterior, tornou-se prática nunca usar o nome divino. Talvez o autor do livro tivesse em mente que o secularismo é, na verdade, uma *superpiedade* velada. Parece até que ele temia mencionar as *coisas sagradas,* por medo de estragá-las. Ele temia tornar-se culpado de *ostentação* com coisas sagradas. Essa é uma lição que muitos evangélicos precisam aprender.

A História da Rainha Vasti (1.1-22)

O autor inicia sua narrativa pelo primeiro grande tema, a necessidade de Deus livrar o Seu povo. Ele nos dá o pano de fundo da questão. O autor sagrado descreve aqui, com algum detalhe, como era um banquete persa, bem como as razões pelas quais *Ester* chegou a um lugar de proeminência. A *providência de Deus* precisou mostrar-se ativa, ou os judeus pereceriam totalmente.

Assuero, o rei (várias identificações) é usado para estabelecer a cena histórica. Ele serve como um *tipo,* um governante antagônico, uma força que os judeus precisavam enfrentar, um poder que a providência de Deus teve de anular em favor de Seu povo. Antes de tudo, Assuero baixou a ordem de que todos os judeus deveriam ser executados (Est. 3.13). Mais tarde, reverteu esse decreto, no sentido de que fossem mortos todos os que queriam matar os judeus (Est. 8.11). Assuero, assim sendo, foi o aniquilador potencial dos judeus, mas, pelo poder de Deus, tornou-se o protetor daquele povo. Em tudo isso, Ester foi o instruções que levou a essa mudança, a heroína de uma história que os judeus nunca esqueceram. A festa de Purim foi iniciada para que os judeus nunca a esquecessem.

1.1

Nos dias de Assuero. Esse rei tem sido variegadamente identificado. No *Dicionário* descrevo *quatro* pessoas que receberam esse nome. Provavelmente ele é o segundo daquela lista. O nome é tipicamente hebraico e significa "homem poderoso" ou "olho poderoso". O nome grego é Xerxes. "Assuero (Esd. 4.6; Dan. 9.1) é Xerxes I (485-464 A C.), cujo império persa se estendia da Índia (isto é, do vale do rio Indo) até a Etiópia, a moderna Núbia, e incluía vinte *satrapias* (ver Heródoto, *História* III.89), que eram subdivididas em *províncias"* (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 do livro).

Há dificuldades com qualquer uma das identificações, conforme mostrei na introdução I.1, especialmente no segundo parágrafo. Os críticos supõem que qualquer referência histórica é apenas artificial, porquanto acreditam que o relato sobre *Ester* é uma *novela religiosa,* e não história autêntica. Abordo os problemas históricos na primeira seção da introdução, com discussões *favoráveis* e *contrárias.* "Não é história, mas é uma lenda, engastada no início do período persa, cuja intenção é explicar a origem e a significação da festa de *Purim.* Embora embelezada com numerosos artifícios fictícios, pode repousar sobre uma narrativa histórica de algum livramento local dos judeus, na Pérsia, pois há evidências de um certo *Marduka* (Mordecai), que ocupou um posto oficial em Susã, sob Xerxes I" (*Oxford Annotated Bible,* introdução).

Os *críticos conservadores,* por outra parte, sentem-se infelizes diante de qualquer conversa sobre lendas ou narrativas fictícias, enfeitadas com alguns poucos detalhes históricos. Na primeira seção da introdução, abordo o problema. As novelas têm sido uma grande força por trás do pensamento humano, e por que se acharia estranho que a Bíblia contivesse uma ou duas lendas (como os livros de Jó e Ester)? Esse é um artifício literário legítimo para ensinar lições espirituais e morais. Jesus usou ficção quando relatou Suas parábolas. Porém, toda conversa nesse sentido é desagradável para os estudiosos conservadores, os quais pensam que os *informes históricos* têm de ser baseados em uma *história genuína.* Mas existe aquele gênero literário chamado de "novela histórica" que tenta, tanto quanto possível, dar uma genuíno pano de fundo histórico a um bom relato que, em si mesmo, é fictício. Em meio a esse tipo de discussão, não devemos perder de vista as *lições* do livro, que são óbvias e importantes.

Cento e vinte e sete províncias. Heródoto (*História* III.89) fala em cerca de vinte satrapias nos tempos de Xerxes I. Para obter o fabuloso número de 127 províncias, temos de falar em termos de *subdivisão* de satrapias. As subdivisões (cf. Est. 3.12) eram administradas por *governadores locais.* Esse item (as 127 províncias) representa um dos problemas históricos do livro, que discuto na primeira seção da introdução. Seja como for, a menção a *muitas* províncias foi um artifício do autor sagrado para mostrar quão grande rei foi Assuero, quão grande era o seu poder, e como os judeus precisavam do poder de Deus para controlar o monstro persa. Ver também Est. 8.9 e 9.30 quanto às 127 províncias.

Dario (Histapes) nomeou 120 governadores (ver Dan. 6.1,2), e isso dá crédito às 127 províncias que aparecem neste versículo.

1.2

Naqueles dias, assentando-se o rei Assuero. *Xerxes I* sentou-se no seu trono (Talmude, *Megillah* 11). O império medo-persa tinha várias capitais onde os reis persas mantinham suas cortes em rotação. Uma dessas capitais era *Susã* (ver a respeito no *Dicionário*). Susã era a capital do Elão e foi reconstruída como cidadela real por Dario I, sendo usada como residência real até que Persépolis se tornou a principal capital. A história revela-nos que Xerxes também usava aquele lugar como capital principal, e parece que ele passava os *invernos* em Susã (privilégio dos ricos e poderosos), para escapar ao clima mais rigoroso que prevalecia em outros lugares. Eu mesmo conheço várias pessoas do norte dos Estados Unidos e do Canadá que passam o inverno em seus lares em Miami, Flórida, sul dos Estados Unidos; quando chega o tempo frio, elas "se vão como o ganso selvagem no inverno". Cf. Nee. 1.1 e Esd. 6.2. A *arqueologia* tem confirmado o poder e a importância de Susã, que descrevo no artigo no *Dicionário.* Heródoto (*História* VII.6) confirma o uso de Susã por parte de vários reis da Pérsia. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pérsia.*

1.3

No terceiro ano do seu reinado, deu um banquete. *A Grande Festa.* Os reis da antiguidade, quando não empenhados em alguma guerra, pareciam sempre estar entretidos em banquetes. E, naturalmente, sendo eles grandes homens, davam grandes banquetes. Usualmente, essas festas serviam apenas para diversão, e delas nada resultava de útil, exceto estômagos e cabeças doloridas, devido aos excessos. As duas festas (vss. 3 e 5), dadas por Xerxes I, estavam nas mãos de Deus com um propósito especial. Sem uma modificação no rumo dos acontecimentos, os judeus exilados estariam destinados a perecer. Forças sinistras operavam na surdina. Portanto, por meio de um banquete, a *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) estava produzindo uma grande mudança salvadora.

Esse primeiro dos dois banquetes não foi por ocasião da coroação de Xerxes. Foi apenas uma festa de excessos (literalmente, "uma bebedeira"), para que os convivas se divertissem e planejassem. O autor sagrado, pois, usou a questão a fim de ilustrar o grande poder e as riquezas do monarca persa, e como Yahweh manipulou as coisas para ajudar o Seu povo, os judeus exilados. Essa ajuda divina tornar-se-ia um memorial para a nação de Israel, ao mesmo tempo que os persas festejavam.

O *império persa* tinha um grande sistema administrativo, e Xerxes I tirou vantagem da ocasião para reunir seus muitos governadores, a fim de planejar juntos as coisas do Estado. Há evidências de que os banquetes persas eram ocasiões realmente fabulosas. Em certa ocasião, segundo se lê, nada menos de 15.000 convidados foram entretidos, e tais extravagâncias causavam profunda impressão nos autores antigos (Olmstead, *History of the Persian Empire,* págs. 182 e 183).

1.4

As riquezas da glória do seu reino. Está em foco, principalmente, o poder militar da Pérsia. A Revised Standard Version diz *chefes do exército,* mas isso é apenas uma interpretação. Judite 1.6 fala de um rei que fez seu exército inteiro festejar por 120 dias! Talvez a palavra "riquezas" aponte para a guarda pessoal de elite do rei. Eles eram chamados de *Dez Mil Imortais* (Heródoto, *História* VIII.83). Mas o termo hebraico aqui usado fala simplesmente em *exército,* o qual atraiu as interpretações que mencionei anteriormente.

A referência ao exército persa não justifica a interpretação de que o banquete tenha sido usado "para preparar-se para a invasão da Grécia, que ele lançou em 481 A. C." (John A. Martin, *in loc.*). Heródoto diz que Xerxes precisou de *quatro anos* para preparar-se para essa invasão. Assim sendo, alguns estudiosos supõem que os 180 dias de festa foram tempos de planejamento dessa invasão, mas estamos aqui abordando conjecturas que não são sugeridas no livro de Ester. Ver Heródoto (*História* VII.8).

Por cento e oitenta dias. *Xerxes,* aquele homem vão, exibiu seu poder e suas riquezas e pavoneou-se diante dos governadores e das tropas de elite, e continuou nessa exibição por 180 dias! Se ele não se estava preparando para invadir a Grécia (ver as notas expositivas sobre o versículo anterior), então estava realmente desperdiçando o seu tempo por pura vaidade. Devemos supor que, durante todos esses seis meses, Xerxes, seus nobres, seu exército e todos os seus governadores continuavam comendo e bebendo, comendo e bebendo, enquanto o povo pagava as contas com altos impostos e taxas!

Ao tentar fazer o livro de Ester caber dentro de sua interpretação da guerra contra a Grécia, os intérpretes vêem Ester obtendo favor em cerca de 479 A. C. e Xerxes indo à guerra em 481 A. C. Na famosa batalha das Termópilas, a grande flotilha persa derrotou os gregos. Mas os persas não riram por muito tempo. Os gregos em breve lhes administraram duas derrotas estonteantes, uma em Salamis

(480 A. C.) e outra em Platéia (479 A. C.). Foi assim que o imenso exército de Xerxes (com mais de um milhão de homens em armas!) voltou para casa capengante e humilhado. Os estudantes do grego clássico sempre são forçados a ler as histórias de Heródoto, e eu mesmo li muito, no original grego. O grego de Heródoto, a propósito, foi escrito em bom e suave grego clássico, não tão difícil como muitas composições clássicas redigidas em grego antigo. Heródoto tem sido chamado de *pai da história,* e bem que merece o título. Suas histórias são ricas em toques pessoais e relatos de interesse humano, verdadeiramente um grande tesouro literário, além de historicamente informativas.

Eu te digo, rapaz, detesto
A grandiosidade de uma festa persa!

Ali, todo conviva pode beber e encher-se
Tanto ou tão pouco quanto quiser.
Ele está isento de quaisquer regras,
Banqueteando-se entre pródigos e tolos!

(Horácio, *Sat.* lib. ii.67, que adapto levemente)

1.5

Passados esses dias, deu o rei um banquete a todo o povo. *Outra Festa!* Tendo acabado uma grande bebedeira (conforme diz certa expressão popular), o vão rei Xerxes nada tinha melhor para fazer senão começar mais uma festa, convidando outra audiência cativa. Todos os cidadãos do sexo masculino (vs. 9) participaram dessa segunda festa. O autor sagrado nos dá outras evidências ofuscantes das riquezas e do poder de Xerxes. Sua capital era decorada com caríssimas colunas de mármore e pavimentos de mosaico, cujos remanescentes os arqueólogos têm desenterrado. Portanto, dinheiro e vinho eram derramados como se fossem o rio Amazonas. Esse segundo banquete foi comparativamente pequeno. Durou apenas *sete dias!* Os cidadãos masculinos, "grandes e pequenos", foram convidados. Foi uma festa popular e democrática, pois, afinal, Xerxes I, o Fabuloso, era um homem do povo. O Targum diz que os judeus foram convidados, todos os 18.500 judeus que residiam em Susã, mas isso é fantasioso. Provavelmente, *alguns* judeus se encontravam entre os convidados. Heródoto (*História* I.126) fala-nos sobre *Ciro,* que "festejou com todos os persas". Portanto, os persas talvez fossem um povo de grande banquetes, e Horácio sabia do que estava falando.

No pátio do jardim do palácio real. Lugares luxuosos, de fato, conforme a arqueologia tem demonstrado. O rei recebeu o que havia de melhor, e deu o que havia de melhor. Ctésias e Dinon, em *Athenaei Deipnosoph* 1.4, dizem que certo rei persa deu um jantar para 15.000 homens e gastou um total de 40 talentos (1.200 quilos de ouro!). As refeições oferecidas em restaurantes são sempre ocasiões em que se verificam excessos, mas ninguém, antigos ou modernos, pode comparar-se aos persas.

1.6

Havia tecido branco. O autor sagrado, ilustrando as riquezas e o esplendor de Xerxes, parou de falar, por um momento, sobre tanto alimento e vinho, e descreveu a decoração do palácio real. Como já seria de esperar, o palácio era outro espetáculo de luxo e excessos. Suas incomuns cortinas eram feitas de caríssimo algodão importado, penduradas com cordas de linho fino, e fixadas a argolas de prata. Além disso, havia as impressionantes *colunas* que o Targum revela serem de várias cores, como vermelho, verde, amarelo "brilhante" e branco puríssimo. Parece que as cortinas eram penduradas em fios fixados naquelas colunas a intervalos. Também havia "leitos" para as pessoas descansarem e comerem. Esses leitos eram recobertos pela lã de cordeiro mais fina que se possa imaginar, "a mais fina e mais suave", conforme diz o Targum. Suas armações eram feitas de ouro e prata. E, finalmente, havia um pavimento de mosaico realmente impressionante, como diz nossa versão portuguesa, "de pórfiro, de mármore, de alabastro e de pedras preciosas".

Os mosaicos persas usualmente eram feitos nas cores branco, negro, vermelho e amarelo. Jarchi diz que pedras preciosas eram fixadas neles, e o Targum fala no uso de cristais. Segundo o Talmude, os persas colocavam pérolas em seus corredores e pavimentos. Filostrato (*Vit. Apollon.* 1.2. cap. 11) refere-se a um templo na Índia que era pavimentado com pérolas. Uma de minhas fontes informativas usa quase uma coluna inteira para descrever todo esse excesso, e resisti à tentação de reproduzir aquela descrição por inteiro. Outra de minhas fontes informativas usa apenas cinco linhas para os vss. 5-7, e assim poupa os leitores da descrição de ambientes tão luxuosos. Mas ela diz: "Era deslumbrante".

1.7

Dava-se-lhes de beber em vasos de ouro. Os copos de beber vinho, de vários tipos, desenhos e tamanhos, eram feitos de ouro. E havia o *vinho real* para encher os copos reais. O rei abriu suas adegas de vinho, e o resultado é que não faltou vinho. O vinho foi derramado "abundantemente" sobre os convidados, conforme se lê na Revised Standard Version. O rei deu o melhor que tinha e, realmente, ele tinha o melhor para dar.

1.8

Bebiam sem constrangimento, como estava prescrito. Temos aqui uma curiosa nota histórica. Havia na Pérsia uma "lei do vinho", uma regra que governava os festins persas. Ninguém era forçado a beber mais do que queria. Embora a maioria dos convidados acabasse intoxicada, sem dúvida, nenhum homem era forçado a fazê-lo. Os evangélicos têm uma regra melhor: não se deve ingerir bebidas alcoólicas de forma nenhuma. Duas de minhas fontes informativas retiram a nobreza de uma alegada lei persa relativa às bebidas alcóolicas, ao sugerir que a lei que dizia "Beba se quiser, não beba se não quiser", foi somente para *aquela oportunidade.* A prática usual, segundo eles, era que, cada vez que a pessoa encarregada de levantar um brinde o fizesse, os outros também tinham de beber. Esse costume, pois, teria sido suspenso no caso do segundo banquete oferecido por Assuero. Horácio (*Sat.* lib. ii. s. vi. vs. 67) diz que era obrigatório beber nos banquetes gregos. Seja como for, geralmente as pessoas que vão aos banquetes forçam-se a beber! A história demonstra que os persas começaram com hábitos controlados, mas no fim desintegravam-se de maneira vergonhosa.

1.9

Também a rainha Vasti deu um banquete às mulheres. Entrementes, *Vasti* (provavelmente uma das concubinas do rei Xerxes) efetuava sua própria festa particular para mulheres. Ela ofereceu uma festa de bebidas alcóolicas durante sete dias, somente para mulheres. Os costumes persas não requeriam que homens e mulheres se banqueteassem separadamente (cf. Est. 5.6 e 7.1). Talvez o grande número de convidados tornasse mais conveniente que as mulheres bebessem e comessem independentemente, naquela ocasião. A história revela-se que Vasti não era a *rainha.* A rainha de Xerxes chamava-se Amestris (Heródoto, *História* VII.61; IX.108-112). Sua *esposa,* segundo sabemos, era uma mulher arrogante e supersticiosa, mas podemos supor pelo presente texto que Vasti, a concubina real, era mulher realmente bela. *Vasti* é um nome elamita. E Heródoto diz-nos que a esposa de Xerxes era persa. Seja como for, Vasti parece ter sido a principal concubina do rei Assuero, isto é, sua favorita, pelo menos a mais espetacularmente bonita de todas as mulheres do palácio! Portanto, veja o leitor a situação. Ester haveria de substituir uma concubina favorita, e não uma esposa. Mas, dentro do antigo contexto, dizemos: "E daí? Ela haveria de realizar uma tarefa em favor de seu povo". Quanto ao que se sabe ou se conjectura sobre *Vasti,* ver o artigo sobre ela no *Dicionário.* A fraqueza desse artigo, que acabo de reler, é que ele coloca Vasti muito alto na escala das esposas e concubinas reais. Por outra parte, ela era *tão bela* que, em certo sentido, " era a maior delas todas". Isto é, *se* aceitarmos a declaração de que "a glória de uma mulher é sua beleza, enquanto a de um homem é sua inteligência", a fama de Vasti tinha toda a razão. O rei, estonteado de tanto beber, queria exibir o melhor que tinha, e Vasti foi sua escolha. É difícil crer que ele teria enviado a rainha-mãe a uma matilha de machos uivantes, mas Vasti era adequada para esse propósito.

Vasti é Deposta (1.10-22)

Alguns intérpretes falam na "rainha que foi destronada". Mas dificilmente poderíamos compreender essa questão como a *rainha da Pérsia* que perdeu seu trono. Antes, Vasti, a *concubina favorita,* é que foi *substituída.* Devemos lembrar, entretanto, que ser a concubina favorita do rei da Pérsia não era pequena honra, mas uma posição cobiçada por muitas outras mulheres. Naturalmente, o livro de Ester apresenta Vasti como a rainha (vs. 9). Mas a rainha-mãe era Amestris, e podemos ter certeza de que ela nada teve com o episódio descrito na seção à nossa frente. Heródoto (*História* 3.84) diz-nos que os reis da Pérsia eram obrigados a escolher suas *esposas* dentre sete famílias principais da Pérsia. Essa regra dificilmente poderia aplicar-se a uma substituta da rainha Vasti, pois a escolhida para substituí-la foi Ester, uma judia. Tal regra não se aplicaria a uma concubina que, afinal, era uma estrangeira, e muitas delas o eram. É verdade que alguns estudiosos argumentam que Vasti e Amestris era a mesma mulher, mas não há nenhuma evidência externa ou interna para essa suposição. Isso é apenas uma explicação *ad hoc,* criada no momento para explicar a discrepância. Ou seja, foi inventada exatamente com o propósito de tentar explicar o problema.

1.10

Ao sétimo dia. Durante sete dias, todos tinham bebido e agora estavam bêbados. Todos eles estavam bêbados, exceto o psiquiatra da corte, cuja tarefa era observar o comportamento humano quando influenciado pela bebida e pelo deboche. Um psiquiatra poderia ser definido como segue: "Um homem que, quan-

do uma bela mulher entra na sala, observa *todas as outras pessoas*". Portanto, imagino o psiquiatra da corte como o único homem sóbrio naquela multidão. Os beberrões, naturalmente, voltaram a mente para as questões sexuais e esperavam ver alguma dança sensual efetuada por uma belíssima mulher. Isso os prepararia para "algo mais", e você pode ter certeza de que essas festas de vinho terminavam com as pessoas fazendo "algo mais".

Portanto, quem seria a candidata que satisfaria as concupiscências da multidão de machos uivantes? Em Susã não havia mulher que fizesse melhor trabalho do que *Vasti,* a concubina preferida do rei. Portanto, o rei enviou seus sete eunucos, auxiliares da corte e guardadores do grande harém, para trazer Vasti ao salão do banquete, o mais depressa possível. O Targum diz que Vasti realizaria sua dança com apenas uma coroa na cabeça! E, apesar de uma de minhas informativas dizer que o escritor do comentário judaico pensou maliciosamente, aposto que o Targum não estava longe da verdade. "... a ingestão de bebidas alcoólicas agora estava desenfreada, e o fim dessas atividades era assinalado por excessos de orgia" (Jamieson, *in loc.*).

Caros leitores, de acordo com os costumes pesas, a rainha, ainda mais do que as esposas ordinárias, vivia escondida dos olhares públicos, e podemos estar certos de que nenhum homem na terra, nem mesmo o rei, teria chamado sua esposa para excitar aquelas feras masculinas.

Os sete eunucos. Jovens postos a serviço do rei eram castrados. Alguns deles cuidavam do harém real. Outros serviam em outras capacidades, mas, no "estado" em que se encontravam, nenhum deles teria imaginação fértil sobre intrigas políticas ou desejo de tornar-se um político importante. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Eunucos.* A lei de Moisés excluía tais homens da adoração pública (ver Deu. 23.1), mas fora de Israel tais homens, algumas vezes, galgavam altas posições no governo, através de serviço fiel e inteligente.

1.11

Que introduzissem à presença do rei a rainha Vasti, com a coroa real. A "rainha" Vasti deveria comparecer diante daqueles ridículos e bêbados machos apenas com a coroa, que o Targum diz que era seu único "traje". Nessa condição, ela agradaria a todos. Ela não mostraria apenas a beleza de seu rosto. Ao que parece, o nome dela significa "bela", e bastava uma olhada para comprovar isso. Naturalmente, seria ridículo se a rainha-mãe se pusesse de pé com sua coroa na cabeça, a fim de que os homens a contemplassem e exclamassem diante de tanta beleza. Também, segundo penso, tola é a idéia de que Vasti deveria comparecer no salão em "vestes reais", apenas para mostrar aos homens quão ofuscante era a sua beleza. Aqueles homens alcoolizados não teriam menos curiosidade sobre rainhas e sua majestade. Eles queriam que suas paixões fossem excitadas por alguma espetáculo sensual do corpo feminino, de movimentos sinuosos como os de uma cobra, conforme as mulheres são tão boas em demonstrar. Eles queriam ver uma rainha do strip-tease, e não uma rainha majestática.

1.12

Porém a rainha Vasti recusou vir. *A Virtuosa Vasti.* Certa vez ouvi um sermão que chamava a mulher de "virtuosa Vasti", e talvez Vasti tenha sido realmente virtuosa. E, como é natural, todas as minhas fontes informativas louvam Vasti por sua recusa de misturar-se aos homens naquele deboche. O autor sacro não nos diz *por quê,* porém o mais provável é que ele esperava que usássemos da imaginação e chegássemos à idéia de que a dama simplesmente estava acima de toda aquela sujeira. Mas, com sua virtude, ela desapontou um bocado de beberrões e teve de pagar alto por sua arrogância. O rei usou aquela atitude *insolente* como desculpa para livrar-se dela e obter outra concubina favorita mais liberal.

"O rei estava acostumado a obter o que desejava, sempre que o desejasse. Por conseguinte, a reação dela tornou-o furioso (cf. 7.7)" (John A. Martin, *in loc.*).

Plutarco diz-nos que os persas não expunham suas esposas aos olhares públicos. Mas as concubinas e meretrizes podiam ser expostas à indecência, pois ninguém pensava coisa alguma a respeito (*Temístocles*). Vasti, porém, não *era o tipo ordinário de concubina. Ela protegeu a si* mesma, quando o rei não quis fazê-lo.

"Temos poucas mulheres como Vasti. Algumas das mais nobres da nossa terra (a Inglaterra) se vestem e se enfeitam como o máximo de esplendor e gastam seu dinheiro somente para exibir-se em bailes, teatros, galas, óperas — a fim de serem vistas e admiradas pelos homens!" (Adam Clarke, *in loc.,* falando sobre a Inglaterra do século XIX. Que teria ele dito sobre o fim do século XX!?).

Uma mulher que conheço pessoalmente expressou a questão da seguinte maneira:

Todos os homens são malandros;

Todas as mulheres são exibicionistas.

Compare-se esta história com aquela do Novo Testamento na qual uma mocinha dançou! (Mat. 14.6 ss.). Essa pode ter sido a única dança da história na qual um homem, *literalmente,* perdeu a cabeça.

1.13

Então o rei consultou os sábios que entendiam dos tempos. O rei *bêbado* deve ter ficado um pouco mais sóbrio, por causa de seu amargo desapontamento e humilhação por parte "daquela mulher", e consultou conselheiros e sábios sobre o que deveria fazer com Vasti. Ele consultou os sábios que tinham conhecimento "dos tempos", isto é, versados em astrologia e, provavelmente, nas artes mágicas. Aqueles homens conheciam todas as leis da terra. O que a lei requeria? Xerxes sempre consultava seus conselheiros. Ele não tomava decisões importantes sozinho. Homens conhecedores da lei sabiam dos *precedentes* nos quais se baseavam as decisões.

Mediante ligeira mudança no hebraico, podemos alterar "tempos" para "leis". E alguns intérpretes pensam que uma sábia substituição deveria ser feita, embora sem apoio textual para tanto. Seja como for, o texto deixa claro que os melhores conselheiros e sábios da corte, em Susã, foram consultados sobre o caso. No império persa havia sete juristas, o famoso *Conselho dos Sete* (Heródoto, *História* III.31,84; cf. Esd. 7.14), a *Corte Suprema,* e talvez o rei Xerxes tenha chegado ao extremo de consultá-los sobre a questão.

Aqui os críticos se deparam com um problema: Por que seria necessário tudo isso para substituir uma concubina favorita? Talvez uma rainha só pudesse ser deposta mediante tal modo de proceder. Por esse motivo, os críticos concluem que o autor sacro acrescentou estofo à sua história, a fim de tornar mais interessante sua novela religiosa. O caso de Vasti deflagrou um escândalo nacional e estabeleceu perigoso precedente. Se a atitude de Vasti não fosse tratada com rigor, muitos casos de revolta poderiam surgir no grande império persa. Outras mulheres, julgando-se oprimidas pelos maridos, rebelar-se-iam (vs. 17), e então o império persa cairia no caos.

Os astrólogos, conforme comentou Aben Ezra, sabiam do tempo certo para fazer qualquer coisa. Outros tinham conhecimento sobre os tempos antigos, sendo bem versados na história e na lei. Portanto, eles sabiam o que aconselhar ao rei.

1.14

Os sete príncipes dos persas e dos medos. O autor sagrado nomeou aos sete príncipes da Pérsia, os mais elevados homens do país, depois do próprio rei. Quanto ao pouco que se sabe sobre eles, ver o *Dicionário.* É provável que esteja em foco aqui a *Corte Suprema* da Pérsia, os homens mencionados no comentários sobre o versículo anterior, bem como por Heródoto, no lugar identificado. Esses homens tinham o raro privilégio de avistar a face do rei a qualquer dia em que quisessem fazê-lo, isto é, eles tinham acesso livre e desimpedido ao rei e eram freqüentemente consultados por ele. Uma de minhas fontes informativas diz que aqueles homens tinham acesso ao rei, *exceto* quanto ele estava em seu harém. Quando o rei estava *ali,* ninguém podia incomodá-lo.

Todos os nomes dados aqui são persas. Por isso, sem dúvida está incorreto o comentário do Targum, neste ponto, que diz que eles eram sábios provenientes de diferentes países, convocados para aconselhar o rei. Antes, eles eram os melhores elementos que os persas tinham, os mais nobres dentre os nobres.

1.15

Sobre que se devia fazer, segundo a lei à rainha Vasti. A *questão* não era se a concubina preferida deveria ser punida ou não, mas como fazê-lo. O rei tinha mulheres demais para preocupar-se com *uma* delas. O rei não tinha intimidade emocional com suas muitas mulheres. Isso seria um sinal de fraqueza em um monarca oriental. Portanto, ele não teria problema emocional em livrar-se de Vasti. Note-se como Ester foi tratada com relativa indiferença, quando substituiu a infeliz da Vasti. Ela disse a Mordecai que nem ao mesmos tinha visto o rei por um mês e temia pedir para vê-lo (Est. 4.11)! Isso não soa como palavras proferidas por uma rainha-mãe, mãe do herdeiro do trono. Estamos falando de meras concubinas.

O poder do rei era *absoluto,* e nenhuma infração poderia ser ignorada. Ação *rápida* era a palavra de cada dia.

1.16

Então disse Memucã. O principal conselheiro, de nome Memucã, fez a primeira sugestão. Ele salientou a *universalidade* do "crime" de Vasti: não era algo feito somente contra o rei, mas contra as subautoridades da nação, contra os nobres e até contra todo o povo que vivia nas províncias, os quais estariam contemplando tudo para ver o que aconteceria "àquela mulher". Memucã disse que a infração era *séria* e deveria ser tratada de maneira severa, para dar uma lição que fosse vista por todos os que se sentissem tentados a contradizer o poder do rei. Heródoto (*História* III.31) conta-nos um caso similar, que envolveu Cambises, no qual a prontidão da reprimenda foi crucial para o caso.

1.17

A notícia do que se fez a rainha chegará a todas as mulheres. As mulheres poderiam sentir-se tentadas a rebelar-se, imitando a "rainha", portanto precisa-

vam ver o que acontecia a uma mulher que desobedecesse ao rei, ou a seu próprio marido, para dizer a verdade. Mulheres tendentes à rebeldia acabariam desprezando seus maridos, desobedecendo às ordens deles, para depois se jactarem diante de suas amigas e vizinhas... "... elas zombariam da autoridade de seus maridos, recusando sujeitar-se a eles, desprezando suas ordens, negligenciando obedecer-lhes, e não lhes dando a devida honra" (John Gill, *in loc.*).

A rebelde Vasti foi chamada à presença do rei. Uma vez mais, porém, *recusou-se a fazê-lo.* Definitivamente, ela tinha um problema de atitude. Ela haveria de levar sua rebeldia até o fim, custasse o que custasse. Agora ela tinha uma "causa" a defender e estava disposta a sacrificar-se por isso. Achou que havia sido *manipulada* por tempo bastante, e agora haveria de manipular as coisas ela mesma.

1.18

Hoje mesmo as princesas da Pérsia e da Média. As princesas da nação também estariam envolvidas no plano perverso de Vasti e até ensinariam seus filhos sobre a liberação da mulher, e em breve o caos reinaria sobre toda a Pérsia. O resultado final seria primeiramente o *desprezo:* a autoridade real sairia enfraquecida. Em segundo lugar, haveria *ira:* as mulheres e quem mais elas conseguissem influenciar andariam no espírito de rebeldia, procurando contra quem poderiam irar-se e atacar. O mal penetraria nas áreas onde as autoridades políticas são formadas, de modo que o rei da Pérsia em breve teria conselheiros e governadores rebelados. Como é claro, Vasti tinha de ser detida, e rapidamente! O nome deia se tornara sinônimo de discórdia e contenção. Ela seria a corruptora mor da moral em toda a Pérsia. A *anarquia* estava em formação.

1.19

Se bem parecer ao rei. Esta expressão ocorre por *nove* vezes em todo o Antigo Testamento, e *sete* delas estão no livro de Ester: aqui e em 3.9; 5.4,8; 7.3; 8.5 e 9.13. Ver também Nee. 2.5,7. *Agradar o rei* era um sinônimo virtual do direito e da lei.

Uma *lei* deveria ser promulgada para lidar com a situação. Deveria ser como outras leis dos medos e dos persas: não seria sujeita a alterações. *Vasti* (e qualquer outra pessoa rebelde, no futuro) não poderia recusar-se a comparecer perante o rei, se a isso fosse convocada, e quem assim fizesse perderia posições e honra. Vasti tinha aberto um precedente. Amanhã, o rei da Pérsia poderia pensar que havia tratado a "bela" Vasti com demasiada severidade. Mas lei era lei, e mudanças de temperamento não teriam efeito sobre a *legislação* da Pérsia.

Quanto ao *caráter imutável* das leis persas, ver Dan. 6.8,12,15. Ver Est. 8.8 quanto a como esse conceito operou em favor dos judeus.

A *essência* do decreto do rei Assuero é que ele merecia *obediência absoluta,* e isso deveria ser interpretado apropriadamente em cada caso. Os que se recusassem a pagar-lhe honra real seriam sujeitados à desgraça e perderiam todas as vantagens e posições que tivesse adquirido.

Dessa maneira, *Vasti* perdeu sua posição de concubina favorita, a qual deve ter sido cobiçada por mulheres de todo o vastíssimo império da Pérsia. Ser concubina do rei era melhor do que ser esposa de qualquer outro homem. Arrastava atrás de si posição, autoridade, poder, dinheiro e prestígio. Os registros da Pérsia não contêm, como é óbvio, menção a uma *rainha* que tivesse sido deposta, e os persas não tinham razão para registrar a substituição de uma concubina, por mais esplendorosa que ela possa ter sido. Mas esse acontecimento foi importante para o bem-estar dos judeus e ficou registrado em um livro canônico da Bíblia.

1.20,21

Quando for ouvido o mandado. *Um vasto sistema de correios* (algo parecido com o *Pony Express* do ocidente primitivo dos Estados Unidos da América) tornava possível a comunicação de qualquer notícia com a máxima velocidade. Foi assim que, em breve tempo, todo o império persa ficou sabendo da questão. A rebeldia feminina foi cortada pela raiz, e o *decreto do rei* lançou medo no coração dos contenciosos. O primeiro resultado imediato foi que as *esposas* continuaram a prestar honra e obediência a seus maridos, desde a maior delas até a esposa dos mais insignificante agricultor que vivia nos campos. Uma forma de insanidade fora esmagada.

O *rei ficou satisfeito* (vs. 21) com tudo quanto o sábio Memucã dissera. Não houve voz de dissensão. Todos os conselheiros balançavam a cabeça, em concordância. O porta-voz dos sábios tinha expressado bem as idéias de todos. A Corte Suprema foi unânime em sua decisão, e o rei agiu *imediatamente,* conforme lhe fora sugerido.

A insubordinação no seio da família real não foi tolerada, e a insubordinação doméstica comum nem ao menos teve chance de começar.

1.22

Então enviou cartas a todas as províncias do rei. *Cartas* foram o modo de comunicação do decreto real. O império persa foi o primeiro a possuir um *sistema postal* (Heródoto, *História* VII.98). Ver também Est. 3.13 e 8.10. Até pessoas comuns terminaram enviando cartas umas às outras. Note o leitor que as cartas do rei foram traduzidas para os vários idiomas falados no império. Ninguém seria desculpado de compreender o decreto, por causa do "problema de língua".

A *essência* da comunicação dizia que cada homem, em sua própria casa, é rei, e que sua "rainha" deveria ser-lhe obediente, tal como a rainha no palácio real, em Susã, estava sob o poder do rei.

Adam Clarke *(in loc.)* gostava da essência do edito real: "Tanto a lei de Deus como o bom senso ensinam a obediência de uma esposa a seu esposo, desde a fundação do mundo. Seria possível que isso já não estivesse em prática no império persa, antes do decreto real?". O Targum contém um pitoresco comentário no sentido de que "... cada mulher deveria falar a mesma linguagem de seu marido". Isso significa que não deveria haver barreira de linguagem entre marido e mulher. Dessa maneira, quando ele *falasse,* ela *saltaria* para obedecer-lhe.

Arthur C. Lichtenberger, *in loc.*, em contraste com Adam Clarke, preocupava-se com as *manipulações,* isto é, a opressão das pessoas por parte daqueles que possuíssem autoridade, em nome de leis injustas. Ellicott, *in loc.,* entretanto, supunha haver "indevida influência feminina" na Pérsia, distorção que o decreto do rei Assuero ajudou a corrigir.

E que se falasse a língua do seu povo. O hebraico por trás desta frase é difícil e, aparentemente, contém uma expressão idiomática desconhecida hoje em dia. Ou então o próprio autor sagrado escreveu de forma confusa neste ponto. Portanto, os intérpretes ficam perplexos diante do significado dessas palavras. O Targum sugere que elas significam que toda esposa deveria aprender o idioma falado por seu marido (as raças se estavam misturando e os idiomas eram um problema). Falar marido e mulher um só idioma eliminaria os problemas de comunicação no lar. Dessa maneira, a esposa saberia o que o marido queria dela, e atenderia a seus desejos. A Septuaginta simplesmente omite essa parte do versículo, sem saber o que fazer com ela. O aramaico era a língua oficial, mas não resolvia todos os problemas de comunicação.

Capítulo Dois

O autor judeu exaltou Ester, transformando-a em uma rainha, e fez Vasti, a *rainha,* ser deposta do trono. Mas as evidências é que estamos tratando com uma concubina favorita, e não com uma rainha autêntica. A posição de concubina favorita do rei era respeitada, e dali uma mulher poderia exercer muita influência sobre o rei. Isso era tudo quanto se fazia necessário para Ester agir como o livro de Ester diz que ela agiu, e assim salvar o povo judeu do aniquilamento. Ver os comentários sobre Est. 1.10 e 1.15, onde ofereço argumentos que não reitero aqui. Nada existe nos registros históricos da Pérsia a respeito de uma rainha que teria sido destronada, e, se uma concubina favorita perdesse sua posição, os registros não fariam menção a um evento relativamente trivial. Também é impossível que a *rainha-mãe* passasse um mês inteiro sem ao menos ver o rei, e então temer aproximar-se dele, conforme está escrito a respeito de Ester, depois que ela substituiu Vasti. Ver Est. 1.15. Os críticos naturalmente encaram o livro de Ester como uma novela religiosa, e não um documento histórico. Para razões que os críticos apresentam (problemas históricos no próprio livro de Ester), ver os comentários (com argumentação favorável e contrária), sob a seção I da introdução ao livro. Não é necessário questionar a historicidade do livro. Entretanto, é mister vê-lo sob uma luz mais clara. O intérprete honesto tentará sempre fazer brilhar a verdade do texto, e, se certos raios luminosos nos perturbarem, fiquemos então perturbados, em vez de sermos desonestos.

Ester, judia era, nunca poderia ter-se tornado a rainha-mãe da Pérsia. Heródoto (*História* 3.84) diz-nos que a rainha-mãe era escolhida cuidadosamente dentre as sete principais famílias *persas,* e também que a rainha do tempo de Xerxes I era uma mulher chamada *Amestris.* Ela jamais poderia ser chamada diante uma multidão de lobos uivantes para exibir seu corpo, que era o que Xerxes queria que Vasti fizesse (1.11). Mas uma concubina favorita, tão bela, tão atrativa, serviria para esse propósito.

Seja como for, *Ester,* em sua posição recém-encontrada, poderia usar a influência do rei para ajudar a proteger o povo de Israel no exílio. A providência de Deus esteve assim em operação para o bem de Seu povo, onde quer que esse povo estivesse. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus.*

2.1

Passadas estas cousas. Ou seja, a confusão e as vicissitudes do primeiro capítulo, incluindo o decreto real para depor Vasti. Agora o rei estava sóbrio e começou a pensar novamente na bela Vasti. Ao que tudo indica, ele estava triste em seu coração por causa do decreto que havia expedido. Por outra parte, e daí?! Havia muitas mulheres bonitas em seu reino, qualquer uma poderia substituir a rebelde Vasti.

Os intérpretes que se preocupam com questões cronológicas supõem que podem ajustar Ester à história e também que a grande festa em Susã aconteceu na primavera do ano de 481 A. C., quando ele enviou seu vasto exército contra a Grécia. Seu casamento com Ester (segundo esse raciocínio continua), descrito no vs. 16, só ocorreu após a campanha contra a Grécia. Contudo, não há razão para supor que possamos manusear tão claramente o elemento tempo dentro do livro de Ester.

Que Aconteceu a Vasti? O autor sagrado não se incomoda em dizer-nos o que, finalmente, aconteceu a essa mulher. Sabemos, porém, que ela foi deposta e entrou em desgraça. Talvez tenha sido exilada. Seja como for, voltou a lavar as próprias roupas. Talvez algum oficial local, lá fora, tenha-se alegrado por tomá-la como esposa. Vasti não deixou de ser bonita só porque deixou de ser a concubina favorita do rei.

Josefo conta a grande paixão do rei Assuero por Vasti *(Antiq.* 1.11. cap. 6), e o Targum revela-nos que ele ficou muito irado com seus conselheiros por o terem impelido a livrar-se dela; mas detalhes como esses provavelmente não passam de ficção. Nenhuma fonte, contudo, diz o que, afinal, aconteceu a Vasti.

2.2

Então disseram os jovens do rei. Os conselheiros jovens do rei saíram em seu socorro. Eles não permitiriam que o rei se quedasse tristonho, a pensar em Vasti. "Esquece-te da antiga Vasti. Há muitas jovens virgens que podem substituí-la. Vamos começar uma busca séria para encontrar a jovem certa". O autor judeu naturalmente nada diz (e talvez nada soubesse) sobre a lei persa que requeria que a rainha-mãe fosse escolhida dentre as sete famílias *persas* mais proeminentes. Escolher uma rainha dentre as jovens mais belas de um reino é um motivo universal e um artifício literário. Portanto, o autor sacro apela a esse artifício para conseguir a substituta de Vasti. De fato, se estava em pauta apenas uma concubina favorita, e não uma rainha-mãe, por que a busca não poderia operar daquela maneira? Afinal de contas, a glória de uma mulher é sua beleza física, tal como a glória de um homem é a sua inteligência.

Foi assim que os jovens conselheiros do rei organizaram um concurso de beleza feminina, trazendo todas as mais notáveis candidatas a Susã, para marchar perante eles. O rei estaria presente, e todos contemplariam as jovens quando elas passassem.

2.3

Ponha o rei comissários em todas as províncias. *Autoridades especialmente nomeadas* foram enviadas a todas as províncias do império persa, e viram muitas mulheres bonitas em sua busca. As melhores e mais excelentes foram trazidas a Susã, para o harém do rei, e o eunuco Hegai, chefe do harém, foi o homem encarregado de recebê-las. Foram dados às jovens unguentos, que algumas traduções traduzem por *cosméticos.* À beleza natural, pois, foram adicionadas decorações artificiais. Algumas traduções também falam em *purificação,* como se tivessem sido aplicadas algumas medidas religiosas e/ou higiênicas. Mas esse detalhe parece inteiramente deslocado. As jovens foram apenas embelezadas, como se já não fossem bonitas, "para torná-las luzidias e belas", conforme John Gill, *in loc.*, comentou. Ver o vs. 12 deste capítulo quanto à especificação dos unguentos que foram aplicados. Esse versículo também nos informa sobre a preparação extremamente elaborada de cada mulher, e por quanto tempo as medidas de beleza foram aplicadas.

Como jovem radical, fui contra qualquer "pintura" para mulheres. Por outro lado, em anos posteriores, vejo que os gregos estavam com a razão: "moderação em todas as coisas". *Alguma* pintura, *algumas* roupas bem feitas, *algumas* jóias — essa é a resposta, e não o ascetismo.

Eunuco do rei. Ver no *Dicionário* o verbete *Eunuco.* Como é óbvio, somente os eunucos podiam entrar nos haréns (ver Est. 1.10; 2.3,11 e 4.5). Não se podia confiar em outros homens. Nos países orientais, as mulheres eram deixadas ao encargo de eunucos. No ocidente, qualquer coisa pode acontecer com elas.

2.4

A moça que cair no agrado do rei essa reine em lugar de Vasti. Os jovens conselheiros novamente agradarem Ao rei com suas sugestões e atos. Vasti seria substituída por alguém que caísse no agrado do rei. E o monarca ficaria feliz com a escolha.

Novas mulheres sempre eram trazidas aos haréns orientais, para substituir as mais velhas. O negócio dos haréns era, definitivamente, uma questão de *rotação.* Somente um homem pobre se apegava à mesma mulher ano após ano. Os poderosos e ricos participavam desse sistema de rotação, e esse era também o antigo costume entre os hebreus. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Poligamia* e *Monogamia.* John Gill, *in loc.,* pensando nos costumes judaicos, supôs que as jovens trazidas tivessem entre 12 e 14 anos de idade, dotadas "de beleza perfeita, em todas as suas partes naturais".

2.5

Certo homem judeu... chamado Mordecai. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Mordecai* e *Ester.* O nome dele, como é óbvio, provinha do nome do deus pagão Marduque, o que explica a variação de grafia: *Mordecai* e *Mardoqueu* (tudo dependendo da versão portuguesa que estiver sendo usada). O sentido desse apelativo é incerto. Na mitologia pagã, o deus Marduque e a deusa Istar eram primos, e assim temos o fato curioso de que Ester e Mordecai, cujos nomes se derivavam dessas divindades pagãs, também eram primos. Os nomes de família dados a Mordecai devem ser entendidos como antepassados remotos, e não como elos familiares recentes. Essa é a interpretação que nos fornecem Josefo, o Targum e a Midrash. Tanto Simei quanto Quis foram representantes bem conhecidos da tribo de Benjamim (ver II Sam. 16.5-13; I Reis 2.8,36-46). O primeiro era inimigo de Davi, e o segundo era o pai de Saul, primeiro rei de Israel (I Sam. 9.1; 14.51). Os artigos sobre eles no *Dicionário* provêm detalhes para o leitor curioso. Mordecai não era descendente direto de Saul, mas veio através de outra linhagem da família de Quis. O autor sagrado enfatizou que as pessoas em questão (Ester e Mordecai) eram "judeus puros" e, assim, guardiães apropriados de seu povo, em Susã. Ester era órfã criada pelo primo Mordecai (vs. 7). Foi assim que Mordecai, oficial na corte persa de Susã, transformou-se em amigo e salvador dos judeus. Estando Mordecai consciente da rara beleza física de sua prima, calculou acertadamente que ela seria uma fortíssima candidata a substituir a infeliz Vasti.

2.6

Que fora transportado de Jerusalém, com os exilados. *Mordecai* provavelmente era filho de alguma vítima do *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*). Mas sua inteligência e força de vontade superior levaram-no a uma posição elevada na corte real da Pérsia. Assim ele pôde agir em favor dos judeus que permaneciam no exílio (a maior parte dos judeus não voltou para Jerusalém, na companhia de Zorobabel, Esdras e Neemias). O tempo envolvido indica que Mordecai, pessoalmente, não tinha sido vítima do exílio. Talvez ele tenha nascido em Susã, pelo que, em certo sentido, era um nativo da Babilônia. Se Mordecai fosse um jovem em 597 A. C. (ano do cativeiro babilônico), então teria bem mais de cem anos ao tempo da subida ao trono de Xerxes (485 A. C.), e Ester teria cerca de 70 anos de idade quando cativou o rei com seus encantos virginais!

O autor do livro, entretanto, talvez nada soubesse sobre a cronologia envolvida, e assim deu a idéia de que Mordecai tinha sido levado pessoalmente para o exílio. "Uma visão telescópica similar da história encontra-se em outros escritos produzidos pelo judaísmo (cf. Esd. 4.6; Dan. 1.21; 6.1; Tobias 14.15, *et passim* (aqui e acolá). De acordo com Esd. 2.2 e Nee. 7 7, certo Mordecai estava entre os exilados que tinham sido levados por Nabucodonosor. Talvez o autor sagrado pretendesse identificar os dois (conforme faz o Targum). *Mordecai* não é um nome hebraico, conforme seria próprio a um judeu da dispersão" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*).

Jeconias, rei de Judá. Este era o rei judeu na época do exílio babilônico. Ver sobre ele no *Dicionário.* Ver também II Reis 24.12-16. Falando estritamente, Jeconias foi o penúltimo dos reis de Judá. Zedequias foi um rei vassalo em Judá, depois que os outros monarcas judeus foram depostos.

2.7

Ele criara a Hadassa, que é Ester, filha de seu tio. *Hadassa* (murta) era o nome hebraico de Ester. Mas alguns estudiosos opinam que esse nome é cognato do assírio que significa "noiva". Seu nome de cativeiro era *Ester,* talvez cognato da palavra persa *stara* (estrela), porém, mais provavelmente ainda, da palavra *Istar,* a deusa babilônica. É evidente que ela era muito mais jovem que Mordecai, pois, do contrário, não teria sido tomada como *filha,* quando os pais da menina morreram. Ela, pois, era prima de Mordecai, e não sobrinha, conforme algumas traduções dizem, seguindo a Vulgata Latina, que fala em "sobrinha". Seja como for, o livro mostra-nos que a moça era "bela, corajosa, esperta e cheia de recursos. Coisa alguma é dita sobre o que ela pensava a respeito do plano de ser feita 'rainha' em lugar de Vasti" (Arthur C. Lichtenberger, *in loc.*). Visto que os hebreus estavam acostumados com haréns, ela não faria objeção por ter sido levada para o harém real da Pérsia. Casar-se uma judia com um estrangeiro (mesmo que fosse um rei) era estritamente proibido para a legislação mosaica, conforme os livros de Esdras e Neemias ilustram sobejamente. Portanto, Ester foi uma exceção à regra, a fim de trazer algum bem aos judeus. Ela precisava ter alguma elevada *posição* na Pérsia, para que fizesse o que fez, e assim cumprisse a sua missão, razão pela qual as leis hebréias do casamento tiveram de ser relaxadas em seu caso. As leis, afinal de contas, nunca contam a história inteira. Existem situações humanas nas quais as leis fixas não são de grande ajuda.

O livro de Ester não diz especificamente que Ester, mediante *providência divina,* se tornou "rainha" de Assuero, mas qualquer judeu que lesse a história entenderia isso. Ester foi um instrumento divino para um ato específico de Yahweh, embora Deus não seja mencionado no livro.

Entrementes, a rainha-mãe, *Amestris,* mostrava-se indiferente em relação ao que acontecia no harém do rei. Heródoto (*Callipe,* 1.9, cap. 107.11) disse-nos que Amestris era uma mulher ímpia e cruel. Ela ordenou que a esposa de seu cunhado fosse mutilada, e que catorze crianças fossem executadas no fogo! Poderia Amestris ter sido assim *tão* má? Por outra parte, aquelas catorze crianças foram oferecidas aos deuses como sacrifícios humanos, e isso serve para provar que Amestris era devotadamente *religiosa.* Perseguir e matar outras pessoas, em nome de Deus ou dos deuses, até hoje é um ato aprovado até entre muitas pessoas religiosas.

O Targum ajunta que a mãe de Ester morreu de parto, e o pai havia morrido antes desse acontecimento funesto. Isso pôs as coisas nas mãos de Mordecai, por intermédio de quem a providência de Deus poderia usar Ester.

2.8

Ao serem ajuntadas muitas moças na cidadela de Susã, sob as vistas de Hegai. Ester era apenas uma candidata *entre muitas outras;* porém, foi-lhe conferida vantagem imediata, porque ela chamou a atenção do chefe do harém, de nome Hegai, o eunuco (vs. 9). Encontramos com ele no vs. 3 deste capítulo, onde há algumas notas expositivas.

Ester foi para o harém *voluntariamente,* podemos ter certeza, a fim de ser preparada para a apresentação ao monarca Assuero, conforme acontecia a todas as jovens do harém. O Targum, comentando esta passagem, provavelmente labora em erro, ao falar como Ester foi *forçada* a ir para o harém. Presume-se, entretanto, que Mordecai ocultou Ester, esperando que os oficiais do rei não a encontrassem. Mas eles a encontraram, e ela era *tão* bela que foi obrigada a tornar-se uma candidata. A Septuaginta concorda com o Targum, e até introduz uma oração, neste ponto da história, na qual Ester disse a Yahweh que só se casaria à força com um pagão, com um homem *incircunciso.* Mas o próprio livro de Ester não fornece nenhum indício de tais acontecimentos. Pelo contrário, "Ester aceitou o seu papel e dedicou-se de todo o coração a ele. Ela não sabia de antemão o que lhe seria requerido, mas enfrentou cada demanda conforme elas aconteciam" (Arthur C. Lichtenberger, *in loc.*). De fato, o cerne do livro é que Ester, mediante esperteza, beleza e inteligência superiores, *derrotou* todas as outras candidatas, por implicação "porque Deus estava metido na questão".

2.9

A moça lhe pareceu formosa e alcançou favor perante ele. *Ester imediatamente* chamou a atenção de Hegai, eunuco e homem sábio. Ele andava com as mulheres o tempo todo e sabia quando via algo bom. Portanto, Hegai apressou-se a fornecer a Ester os cosméticos de que ela precisaria; e deu-lhe sete donzelas para servi-la, banhá-la, pintá-la e, de modo geral, servi-la. E também cuidou que lhe fosse dado o melhor (mais conspícuo) lugar na sala de espera, para garantir que ela seria notada. Em outras palavras, Deus trabalhava por intermédio de Hegai. Esse foi o primeiro passo em que a providência divina estava operando, uma vez que Ester foi posta entre as candidatas.

Hegai supriu a Ester ótimos alimentos e, de modo geral, cuidava dela. Alguns intérpretes supõem que Ester estava quebrando as leis judaicas sobre os alimentos, em contraste com Daniel, que se recusava a comer alimentos proibidos (ver Dan. 1.5,8). O livro de Ester não desce à questão das leis relativas aos alimentos, pelo que não sabemos o que aconteceu quanto a esse aspecto.

2.10

Ester não havia declarado o seu povo nem a sua linhagem. *Entrementes,* Ester não revelou a ninguém a sua origem judaica. Mordecai lhe havia dado ordens estritas para não revelar o fato. Ele não a teria orientado nesse sentido, se pensasse que isso não enfraqueceria suas chances de ganhar sobre as outras candidatas. Sem dúvida, era coisa humilhante ser uma das cativas, ou seja, a filha de um judeu que tinha ser tornara cativo. Em verdade, tal pessoa dificilmente se sairia bem em competição com jovens persas, de famílias proeminentes e nativas, *caso* sua identidade racial fosse conhecida. Portanto, temos aqui um preconceito racial ao contrário. Os judeus tinham suas leis contra casamentos com estrangeiros, e alguns estrangeiros provavelmente preferiam casar-se com não-judeus. A ordem foi baixada "a fim de que ela não fosse desprezada e mal tratada por esse motivo (por ser judia)" (John Gill, *in loc.*). O próprio rei Assuero não soube da nacionalidade dela senão bastante tempo depois (ver Est. 7.4). "Por certo não servia de crédito ser judeu na corte persa" (Adam Clarke, *in loc.*).

Talvez devamos compreender que Deus protegia e usava Ester, *apesar* de que ela e Mordecai estarem vivendo em Susã, e não seguirem a lei de Moisés. Seguir essa *legislação* tê-los-ia identificado como judeus. Em outras palavras eles estavam "escondendo o jogo", mas Deus iria usá-los de qualquer maneira. De acordo com a lei mosaica, Ester não podia casar-se com o rei, que era um pagão (ver Deu. 7.1-4).

Uma Ilustração Moderna. Em novembro de 1995, recebi uma carta de Wiliard Stull, missionário batista americano de longa data, que tinha trabalhado na área da Amazônia. Ele contou que a mulher que se tornara sua esposa fora rejeitada por um ex-namorado porque trabalhava como *telefonista,* o que, presumivelmente, não era uma profissão de classe. Mas ter trabalhado como telefonista não impediu que a jovem, finalmente, casasse com um notável missionário e fizesse uma significativa contribuição para o trabalho missionário evangélico em Manaus, estado do Amazonas. Assim também Ester, embora humilde judia, tornou-se heroína de um dos livros da Bíblia.

2.11

Passeava Mordecai todos os dias diante do átrio da casa das mulheres. Ansioso por receber notícias concernentes ao resultado do concurso de beleza, Mordecai caminhava *todos os dias* nas proximidades do harém, esperando receber uma palavra. Ele andava e orava, andava e orava, invocando a providência de Deus. Ninguém, naturalmente, podia aproximar-se muito do harém real. "O harém era um santuário inviolável, e o que ocorria ali dentro era segredo para os de 'fora' como se eles estivessem a mil quilômetros de distância" (Jamieson, *in loc.*). É possível que Mordecai fosse um dos porteiros do palácio e tivesse o direito de andar ao redor, sem ser questionado. Cf. Est. 2.21 e 5.13.

O acesso ao harém real era restringido aos eunucos autorizados (ver Est. 1.10; 2.3; 4.5).

2.12

Em chegando o prazo de cada moça vir ao rei Assuero. *Este versículo* é realmente incrível! Por um ano inteiro, as jovens foram preparadas para comparecer perante o rei, seis meses de embelezamento com óleo de mirra para deixar a pele suave e lisa, e seis meses com outras coisas, como cosméticos e perfumes doces. Todos sabemos da vaidade feminina, mas doze meses para tornar uma moça bela? Naturalmente, havia outras atividades. Existe atualmente uma grande indústria para tornar as mulheres artificialmente belas, mas um ano inteiro de preparação para sair ao encontro de um homem, mesmo que esse homem seja o rei? Ao fornecer esses detalhes (que os críticos nem se dão ao trabalho de comentar), o autor sagrado assegura que o que estava acontecendo a Ester era algo grande e solene, e ter vencido a disputa com dezenas de outras jovens, em tal programa, só poderia ser atribuído à providência de Deus.

2.13

Então é que vinha a jovem ao rei. *Finalmente,* após um ano inteiro de preparação, cada candidata que havia sobrevivido aos sufocantes testes preliminares era apresentada ao rei para *sua inspeção.* Era a hora da verdade. Hegai havia preparado exaustivamente Ester para sua aparição diante do rei, com conselhos que somente um homem em sua posição poderia dar (vs. 15). Do começo ao fim, Ester teve ajudas extras que lhe conferiram nítida vantagem sobre as outras, e isso, naturalmente, era a providência divina em operação. As jovens gozavam de todos os favores e podiam pedir qualquer coisa que lhes agradasse, especialmente cosméticos, óleos, jóias, qualquer coisa que acreditassem aumentaria suas chances de ser mais belas do que já eram, se isso fosse possível!

2.14

À tarde entrava e pela manhã tornava à segunda casa das mulheres. *Este é um versículo interessante,* especialmente se for historicamente correto. Diz que cada concubina que era aprovada para o harém real entrava à noite na câmara do rei, onde o rei consumava o casamento. Dali por diante, a mulher era uma concubina oficial. A mulher era então colocada em outra divisão do harém, a divisão das *mulheres casadas.* Ali ela esperaria que o rei a chamasse de novo, *se porventura* a desejasse. Nessa outra divisão do harém, ela permaneceria como uma *viúva* virtual, enquanto o rei consumava "casamentos" com outras concubinas. Talvez o rei a chamasse de novo, talvez não. Cf. isso com Est. 4.11. Chegou o tempo em que Ester se queixou a Mordecai de não ver o rei por um mês inteiro e temia aproximar-se dele. Tais coisas jamais seriam ditas a respeito da *rainha-mãe.* Estamos definitivamente tratando da questão do concubinato. Ver a introdução ao presente capítulo. Somos informados que Dario, a quem Alexandre o Grande conquistou, tinha 360 concubinas. Embora isso seja como um nada para Salomão, que tinha mil mulheres, foi uma realização respeitável. As concubinas que eram mantidas em regime de *espera* naturalmente não podiam aproximar-se de outros homens, pois, afinal, eram *esposas.* Além disso, não nos esqueçamos do sistema de *rotação.* Algumas concubinas iam embora, e outras apareciam. Tornar-se concubina não era a mesma coisa que permanecer concubina. Sempre havia novas concubinas, e as antigas eram desativadas.

Nos relatos árabes das Mil e Uma Noites, certo homem, Shehriyar, tinha uma nova "esposa" a cada noite, e nunca chamava a mulher pela segunda vez!

Outro chefe dos eunucos cuidava do segundo harém, das "jovem casadas", a saber, Saasgaz, acerca de quem nada sabemos, exceto aquilo que o versículo revela.

2.15

Ester, filha de Abiail... alcançou favor de todos quantos a viam. Chegado o tempo de Ester ter sua entrevista com o rei, ela nada pediu de extraordinário. Afinal, as coisas estavam nas mãos de Deus. Ele faria com que tudo saísse o melhor possível. Mas ela pediu que Hegai lhe desse qualquer *conselho* que julgasse apropriado para o momento. Ele era um especialista na questão e deve ter tido algo útil para dizer, embora o autor não revele qual foi o conselho de Hegai. Mas o autor sagrado tem o cuidado de dizer-nos que Ester ganhava o favor diante de *todos* aqueles com quem entrava em contato, e ele projetava a idéia de que a condição continuaria, com a jovem cativando o próprio rei. "Espertamente, Ester confiou no julgamento de Hegai, que conhecia o gosto real" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*).

2.16

Assim foi levada Ester ao rei Assuero, à casa real. *Foi um acontecimento importante* quando Ester, finalmente, compareceu perante o rei, porque era o começo do programa divino para proteger Seu povo no exílio. Portanto, o autor dá-nos uma nota cronológica que os críticos consideram inventada, mas os estudiosos conservadores levam a sério e tentam assinalar o mês e o ano. O "sétimo ano do seu reinado", ao que parece, foi o sétimo ano após a deposição de Vasti (cf. Est. 1.3). Por que o rei ficou tanto tempo sem uma rainha?, perguntam os eruditos conservadores, e eles mesmos respondem dizendo que o rei estava ausente na Grécia, em sua grande guerra. Se Xerxes iniciou viagem de volta para casa, após a desgraçada derrota na Grécia, pouco depois, ou em 479 A. C., então seu casamento com Ester ocorreu mais ou menos naquele tempo. Mas a verdade é que não sabemos quando começar a contagem dos sete anos, porque o sétimo ano não significa, necessariamente, que sete anos se tenham passado desde que Vasti foi expulsa do harém real. Tebete era o nome babilônico para os meses de dezembro-janeiro.

2.17

O rei amou a Ester mais do que a todas as mulheres. *Ester conquistou o rei Assuero* com sua graça e beleza, de forma que ele a *amou* mais do que a todas as virgens que lhe foram apresentadas. E assim, em breve tempo, o casamento se consumou e Vasti foi devidamente substituída. Este versículo revela-nos, naturalmente, que Ester não era a única que o rei tomou como concubina. Afinal, durante todo aquele tempo (doze meses; vs. 12), o rei não tomaria somente uma mulher. O mais provável é que ele tenha feito o sistema de rotação em seu harém realmente rodar. Saía um bando de concubinas e entrava outro bando. Conforme o autor sagrado assegura, *porém,* acima de todas elas estava Ester. Ela havia tomado o lugar de Vasti como concubina preferida. Entrementes, a rainha-mãe, *Amestris* (que fora escolhida dentre as sete mais proeminentes famílias persas) olhava com indiferença para todos esses acontecimentos, ou mesmo nem se incomodava em olhar para eles.

Mais do que a todas mulheres. Isto é, mais do que todas as outras virgens que ele também tomara concubinas. "... as virgens do rei eram as suas concubinas" (John Gill, *in loc.*),

Amou. Não estamos aqui tratando do amor romântico, como se o rei estivesse apaixonado por todas aquelas jovens mulheres. A palavra aponta para a consumação dos "casamentos". Quando ele consumava seus casamentos, "amava" as mulheres, conforme se diz no idioma popular moderno.

"As outras competidoras tinham apartamentos que lhes pertenciam no harém real" (Jamieson, *in loc.*).

2.18

Então o rei deu um grande banquete. *Uma grande festa* foi feita em honra a Ester para celebrar o fim do tremendo processo que a guindara a tão elevada posição. A ocasião foi tão feliz que o rei chegou a conceder remissão de taxas nas províncias. Pelo momento, Assuero estava em uma fase de expansão e tornou-se menos ganancioso. Em seguida, ele distribuiu presentes, como se fosse Natal, e isso com "liberalidade real", ou seja, pesadamente. Na verdade, ele agiu como um homem apaixonado, e talvez estivesse mesmo, pelo menos durante algum tempo. Não muito depois, já negligenciava Ester, como sempre fazia com suas concubinas (ver Est. 4.11). Assim ocorre com a maioria dos homens, conforme a vida diária ilustra. Schopenhauer observou que "o amor é uma insanidade curável pelo casamento".

Alívio. Esta palavra tem sido variegadamente interpretada: remissão das taxas (Revised Standard Version); feriado, um dia sem trabalho (a versão siríaca, a Vulgata Latina, a American Translation à margem da Revised Standard Version); soltura de prisioneiros (I Macabeus 10.33; Mat. 27.15); liberação do serviço militar ou licença para o desobrigação do dever (Eclesiastes 8.8; Heródoto, *História* III.67). Ele distribuiu presentes conforme era o costume nos dias de aniversário natalício do rei.

2.19

Quando pela segunda vez se reuniram as virgens. Este versículo tem deixado os intérpretes perplexos. A Septuaginta simplesmente o omite. É difícil perceber por que todas aquelas mulheres foram reunidas uma segunda vez. Será que mais concubinas foram escolhidas daquele grupo seleto? Os eruditos queixam-se da *obscuridade* do hebraico deste versículo. Talvez tudo quanto ele signifique é que, nos tempos de Mordecai, houve outra grande reunião de virgens, para que houvesse *outro* concurso de beleza. O rei queria fazer girar seu harém *de novo.*

O que fica claro é que Mordecai era uma espécie de oficial na corte persa, pois se sentava no portão do rei. Talvez ele ocupasse alta posição no sistema judicial do rei, visto que *sentar-se no portão* indicava deliberar legalmente. Em sua posição especial de autoridade (sem importar que posição fosse), Mordecai descobriu um conluio para assassinar o rei (vs. 21). Foi assim que o plano não deu certo (os possíveis assassinos foram enforcados), e Mordecai obteve poder junto ao rei. O autor sagrado continua a relatar como a providência divina fez funcionar todos os detalhes para a proteção de Seu povo no exílio. Seus instrumentos especiais foram Mordecai e Ester.

2.20

Ester não havia declarado ainda a sua linhagem e o seu povo. Os vss. 20-23 são uma espécie de explicação parentética para mostrar-nos como Mordecai cresceu em estatura diante do rei, pelo que estava preparado para influenciá-lo quando as coisas se voltassem contra os judeus. Ester atravessava um período de glória, mas Mordecai também não se mostrava tão humilde assim. Ele tinha sua posição no portão (sem importava qual fosse) e era conhecido pelo rei. Um texto em escrita cuneiforme, traduzido por A. Ungnad, falou sobre um certo Mordecai, entre os dignitários persas, que recebeu um salário por serviços prestados em Susã. Talvez esse pedaço de argila atue como confirmação histórica para o livro de Ester.

Ester vivia um período de glória, e Mordecai era poderoso, mas o *grande segredo* de que ela era uma judia continuava oculto. Cf. o vs. 10, onde apresento *razões* para o engano. O rei acabaria descobrindo a verdade (ver Est. 7.4), e o conhecimento parece não tê-lo perturbado muito.

Alguns intérpretes supõem que Mordecai ocuparia uma posição superior, caso ele guardasse o segredo. Talvez a glória de Ester seja contrastada com a humildade comparativa de Mordecai. Somente em Est. 8.1 a relação existente entre Mordecai e Ester torna-se conhecida pelo rei, e isso se revelou uma circunstância favorável. E então Mordecai foi elevado a uma posição superior.

Os versículos que se seguem mostram como, de maneira preliminar, Mordecai foi elevado na estimativa do rei. Assim se desenvolveram as coisas, pouco a pouco, em favor dos judeus.

John Gill (*in loc.*) argumentou que *cada passo* foi ordenado pela providência divina, incluindo a demora na revelação da nacionalidade de Ester e a relação entre Mordecai e ela. Cada coisa tinha de acontecer na ordem própria e no tempo próprio.

O Conluio de Assassinato (2.21-23)

2.21

Dois safados estavam infelizes com o rei, que tinha cometido algum erro contra eles. Tratava-se de dois eunucos, dois servos ou oficiais do rei. Os nomes deles eram Bigtã e Teres. Nada sabemos sobre eles exceto o que fica implícito no texto presente. O autor não se incomoda em dizer por que eles estavam tão irados contra Xerxes a ponto de querer matá-lo. Talvez o autor sagrado não soubesse o porquê. Os dois homens eram "guardas da porta", ou seja, membros da guarda pessoal do rei que guardavam seus apartamentos particulares. (Ver Heródoto, *História* III.77.118.) Por conseguinte, tinham fácil acesso ao rei, que era um homem praticamente morto, não fora a intervenção de Mordecai. *Gorionides* (*Hist. Heb.* 1.2, cap. 1, parte 72) diz que aqueles homens abomináveis cortariam a cabeça de Assuero, enquanto ele estivesse dormindo. Presumivelmente, a cabeça seria carregada para a Grécia e apresentada como troféu. Os dois homens ímpios obteriam algum dinheiro por esse serviço, mas Gorionides estava apenas inventando a história.

É estranho notar que Xerxes, finalmente, foi assassinado por *Artabanus,* o capitão da guarda, e teve a ajuda de um certo Mitrídates, eunuco das câmaras interiores.

2.22

Veio isso ao conhecimento de Mordecai. *Mordecai* tornou-se um salvador quando ouviu os dois homens sussurrando o plano assassino. E logo Mordecai

pôs em funcionamento a maquinaria que fez naufragar o plano. Mordecai passou as tristes notícias a Ester, e Ester contou-as ao rei, identificando Mordecai como o informante. Nada foi dito, entretanto, sobre o fato de eles serem primos e judeus. Essa informação podia esperar e não tinha ligação alguma com o caso. Ver Est. 8.1 quanto ao desvendamento desse segredo. Os escritores judeus embelezam este versículo, dizendo que os dois patifes falavam a língua tarsiana que Mordecai, com toda a sua erudição, compreendia, pelo que descobriu o que os dois estavam planejando (conforme o *Talmude Bab. Megillah.* foi. 13.2). Mas Josefo diz que o próprio Mordecai tinha um informante, de nome Bamabazus, que era servo de um dos dois patifes. Ver *Ant.* 1.11, cap. 6, sec. 4. Seja como for, não somos informados sobre como Mordecai descobriu o plano assassino, mas devemos compreender que a providência divina estava naquilo tudo.

2.23

Investigou-se o caso, e era fato. O resultado natural foi a execução por enforcamento, um método favorito de execução entre os persas. O rei ordenou que se fizesse uma *inquisição* sobre a questão, para certificar-se de que Mordecai estava correto. E o rei ficou satisfeito com o que descobriu, em confirmação à mensagem transmitida por Ester. O autor sacro identifica um livro no qual se registravam os feitos heróicos, como o *Livro das Crônicas*, que já havia sido mencionado em Esd. 6.1,2. O livro em questão não era uma das muitas fontes informativas que supriam dados para os livros bíblico, mas as *crônicas reais* da Pérsia. Ver também Esd. 4.15. Heródoto (*História* VIII.90) diz que Xerxes ordenou a seus escribas registrar em um diário os nomes dos capitães que realizassem feitos dignos de modo que eles fossem devidamente recompensados. A ajuda de Mordecai sem dúvida ficou registrada. E o próprio rei lembraria o caso, outro elemento da providência divina que governava toda a questão.

Ver I Reis 14.19 quanto aos livros perdidos que serviram de fontes informativas dos livros bíblicos canônicos. Ver também II Crô. 9.29; 12.15; 20.34; 26.22; 35.25 e Nee. 12.23.

Ambos foram pendurados numa forca. Alguns intérpretes pensam que temos aqui alguma forma de crucificação, que também era uma punição para crimes hediondos. Ver Heródoto (*História* III.120,125,159). "O corpo morto de Leônidas foi crucificado por ordem de Xerxes, depois que os gregos resistiram desesperadamente nas Termópilas" (Ellicott, *in loc.*). A punição de Hamã foi, quase certamente, a *empalação* (ver Est. 7.10), e muitos eruditos pensam que temos aqui a mesma forma de execução. Encontramos uma referência histórica a essa forma de execução, em Esd. 6.11. As traduções e versões portuguesas falam em enforcamento ou crucificação, mas certamente está em vista a empalação.

Capítulo Três

Hamã Conspira para Aniquilar os Judeus (3.1-15)

Reinicia-se a Antiga Inimizade de Sangue (3.1 - 9.19)

3.1

Depois destas coisas o rei Assuero engrandeceu a Hamã. Que coisas? A informação de que Mordecai tinha salvado a vida de Xerxes, descobrindo o plano de assassinato contra o rei (ver Est. 2.21-23), o que elevou Mordecai aos olhos do rei. Nenhuma recompensa fora dada a Mordecai na época, mas isso foi retificado pelo rei. Assuero ficou surpreso diante da negligência (ver Est. 6.1-3).

"Hamã foi guindado à posição de *grão-vizir,* a quem oficiais inferiores tinham de prestar obediência, uma honra que Mordecai, como benjamita, se negava a reconhecer" (*Oxford Annotated Bibie, in loc.*). O rei havia baixado ordem para que seus altos oficiais recebessem o respeito de outros oficiais, pelo que deixar de reconhecer a posição exaltada de Hamã era o mesmo que opor-se ao rei (vs. 2).

Ver a introdução ao presente capítulo quanto à alegada renovação da inimizade de sangue entre a tribo de Benjamim e os amalequitas.

Hamã, filho de Hamedata, agagita. Josefo (*Antiq.* XI.6.5), o Talmude e muitos intérpretes antigos e modernos pensam que esse título significa que Hamã era descendente do rei dos amalequitas, da época de Saul. Ele é o único homem com esse nome mencionado no Antigo Testamento (ver I Sam. 15.8). Mordecai, como Saul, pertencia à tribo de Benjamim, pelo que temos aqui uma antiga inimizade renovada. Matanças ferozes assinalaram a luta na antiguidade (ver Êxo. 17.14,16) e uma guerra eterna foi declarada contra aquela gente. O oráculo de Balaão, em Núm. 24.7 (cerca de 1000 A. C.), predisse que Israel se levantaria "mais alto do que Agague". Amaleque é enfaticamente amaldiçoado em I Sam. 15.33. Talvez o livro esteja dizendo indiretamente que a *antiga maldição* continuava em operação e derrubaria o arrogante Hamã. Seja como for, o homem foi declarado inimigo dos judeus (vs. 10).

Hamã, um pequeno Hitler, havia *armado seu assento acima* do assento de outros príncipes do império persa, e, quando Mordecai não lhe prestava honrarias, seu objetivo tornou-se o extermínio dos judeus, até onde ele pudesse efetuar isso.

"Hamã é a nossa terminologia para um anti-semita. Ele foi promovido pelo rei da Pérsia à posição de grão-vizir (ver Est. 3.1) e ficou profundamente ofendido pela recusa de Mordecai em prestar-lhe honrarias (ver Est. 3.2). Isso talvez simbolizasse a inimizada existente entre os israelitas e os amalequitas, mas Hamã, por extensão, tornou-se o odiador dos judeus, uma figura universal" (Arthur C. Lichtenberger, *in loc.*).

Contra esse tipo de interpretação, temos o fato de que os arqueólogos descobriram uma inscrição que indica ter havido uma província, no império persa, chamada *Agague.* Talvez Hamã fosse apenas um homem natural de Agague, e não descendente de um semita ocidental que viveu 600 anos antes.

3.2

Todos os servos do rei. Todas as *luzes inferiores* ansiavam por obedecer às ordens do rei, inclinando-se diante de Hamã para "lamber suas botas", conforme diz uma expressão moderna. Embora não estivesse envolvido um ato de adoração (conforme foi requerido de Daniel e seus companheiros; ver Dan. 3.8-15), era definitivamente um processo humilhante para quem não se inclinasse a prestar tal obediência. O Targum diz que Hemã havia levantado uma estátua para si mesmo e requeria adoração, mas isso certamente labora em erro. Mordecai não estava evidenciando idolatria por sua recusa de submeter-se; simplesmente não queria humilhar-se. O vs. 4 deste capítulo dá-nos a razão disso: Mordecai era um *judeu.* E por que isso deveria fazer alguma diferença? Prostrar-se diante de um superior era ato comum e universal no antigo Oriente (ver I Sam. 24.8; II Sam. 14.4; I Reis 1.16). Os judeus prestavam honra a outros, e nem por isso eram culpados de idolatria. Portanto, o que estaria acontecendo? Os intérpretes apelam de novo para a inimizade entre os benjamitas e os amalequitas: "Nenhum benjamita que se prezasse se inclinaria diante de um antigo inimigo dos judeus" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*). Talvez sim, talvez não. Permanece indistinto por que Mordecai se mostrava tão resoluto em sua desobediência para atender aos desejos do rei.

Ver Heródoto (*História* III.86; VII.134,136; VIII.118), quanto aos gestos de prestação de honra segundo os costumes orientais.

3.3,4

Então os servos do rei. *Os outros servos* quiseram saber "por que" Mordecai era uma *persona non grata* tão pronunciada. Por que ele se recusava a obedecer tão decididamente às ordens do rei, deixando de cumprir o que todos no Oriente faziam no tocante ao respeito pago aos governantes e, de fato, o que as mulheres sempre faziam perante os homens? E *Mordecai,* que até aquela época tinha evitado cuidadosamente confessar que era judeu, revelou esse fato como a "razão" para não submeter-se. Mas ele só fez isso depois de ter sido pressionado "dia após dia". Definitivamente, foi um erro ter revelado sua identidade racial, porque isso tornou os judeus, em geral, o alvo da ira de Hamã. Por outra parte, essa revelação era necessária para que Yahweh pudesse demonstrar Sua grande graça e poder, livrando Seu povo de tão poderosas forças inimigas. O vs. 4 deste capítulo parece subentender que a obediência continha um verniz de idolatria, mas parece que essa inferência (que Mordecai se mostrara ansioso por dar) foi apenas um pretexto para ocultar alguma outra razão, sem importar qual tenha sido. Ver no vs. 2 uma tentativa de encontrar respostas para esse quebra-cabeça. "Provavelmente, a recusa persistente, dia após dia, de prestar honras, se derivasse mais do orgulho pessoal do que de escrúpulos religiosos" (John A. Martin, *in loc.*). Os *reis* persas requeriam honras pessoais como se fossem seres divinos (Heródoto, *Polymnia,* cap. 136), mas não há evidência histórica de que essa atitude tenha sido transferida para oficiais menores.

Alguns intérpretes sugerem que Hamã tinha uma origem social inferior, e Mordecai sentia-se acima de tal lixo. Por essa razão (o orgulho), não obedecia à ordem real. Mas essa é apenas outra conjectura. A referência dada anteriormente, da parte de Heródoto, mostra que os gregos não se inclinavam diante dos chefes persas simplesmente porque isso lhes parecia humilhante. Talvez Mordecai compartilhasse dessa atitude.

3.5,6

Vendo, pois, Hamã, que Mordecai. *Hamã,* em extraordinária e insana ira contra Mordecai e sua insubordinação, não pensou que seria suficiente atacá-lo, humilhá-lo e expulsá-lo do serviço real, ou mesmo *executá-lo.* Ele planejou envolver toda a comunidade judaica e cometer genocídio! Sua vingança foi adiada, não para que ele esperasse um sóbrio segundo pensamento e acomodasse a sua ira, mas a fim de que tivesse tempo de destruir a comunidade inteira, e não somente um indivíduo.

Anti-semitismo é um termo moderno. Apareceu pela primeira vez (ao que parece) na Alemanha, por volta de 1875, e foi usado em um panfleto escrito pelo fundador de uma liga anti-semita, Wilhelm Marr. Mas foi somente no século

XX que o poder demoníaco do anti-semitismo foi completamente entendido e usado com lógica completa como instrumento político. Contudo, as perseguições contra os judeus antedatam o cristianismo... Alguns eruditos acreditam que o livro de Ester é uma descrição oculta de movimentos antijudaicos no período de Antíoco Epifânio... Seja como for, Hamã não pertence a nenhuma era ou nação. Ele pode ser um homem sem poder, que distribui histórias e espalha rumores acerca dos judeus. Pode ser também qualquer homem que cultiva um ódio requeimante contra os judeus. Pode ser alguém que ocupa uma posição que saiba quão grande arma é o anti-semitismo, e usa isso com proveito próprio. Mas quem quer que ele seja, sua sorte será a mesma que a de Hamã" (Arthur C. Lichtenberger, *in loc.*).

Destruir todos os judeus... em todo o reino de Assuero. O plano de Hamã foi diabólico, universal, não limitado à capital do império. Ele estava disposto a fazer uma "caça completa" no império persa inteiro, pois era um pequeno Hitler.

Tendo apresentado essa *ameaça,* o autor sacro estava agora preparado para mostrar como a *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) salvou os judeus por intermédio dos instrumentos humanos Mordecai e Ester.

3.7

No primeiro mês, que é o mês de nisã, no ano duodécimo do rei Assuero. Em sua superstição, *Hamã* voltou-se à adivinhação a fim de determinar que dia seria mais favorável para começar seu ataque contra os judeus, levando a questão diante do rei. A religião babilônica afirmava que os deuses se reúnem no começo do Ano Novo (nisã, março-abril), a fim de determinar a sorte dos homens. Portanto, qualquer oráculo obtido naquele mês seria propício e considerado dotado de poder diante dos deuses, que ainda estavam no estágio do planejamento. O *pur,* ou "sorte", era um meio comum de adivinhação. As sortes provinham respostas tipo "sim" ou "não" e, mediante um processo de eliminação, um homem poderia obter sua resposta, que presumivelmente viria dos deuses. *Pur* é uma palavra não-hebraica que corresponde à palavra hebraica que significa *sorte.* A forma verbal significa "lançar". Esta passagem antecipa a conclusão do livro, que descreve a instituição da festa do *Purim* (isto é, *sortes*), que se tornaram uma festa de feriado judaica, para celebrar a providência de Deus ao preservar Israel. Ver Est. 9.20-10.3.

O *modus operandi* no uso do *pur* não fica claro no texto. Poderia significar que o mecanismo era usado todos os dias de todos os anos, dentro da lista dos doze meses. Mas, nesse caso, continuaria verdadeiro que se pensava ser mais eficaz no primeiro dia do primeiro mês do ano, quando os deuses se reuniam para decidir a sorte dos homens. Ou então o lançamento das sortes meramente *averiguava* os doze meses e cada dia do ano, para ver qual dia e qual mês seria mais propício para ao genocídio.

O Grande Dia da Matança. Haveria uma grande e cuidadosa preparação, pois então, em um *único dia,* com um só golpe, os judeus seriam mortos, homens, mulheres e crianças. A sorte determinou o dia propício como o décimo terceiro do décimo segundo mês, *adar.* O texto massorético, no vs. 7, não contém essa notícia, que é suprida pela Septuaginta, mas cf. os vv. 13, 8.13 e 9.1, que dizem a mesma coisa. O texto massorético é o texto hebraico padronizado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético,* quanto a detalhes.

No ano duodécimo do rei Assuero. Essa dificuldade ocorreu quatro anos depois de Ester ter assumido a posição de concubina predileta. Cf. Est. 2.16 (ou seja, cerca de 474 A. C.).

3.8

Então disse Hamã ao rei Assuero. O "povo" referido era "diferente", segundo disse Hamã, e tão diferente que não obedecia às leis baixadas pelo rei. Eram insubordinados e potencialmente rebeldes, e poderiam causar muita tribulação se não fossem exterminados. A Pérsia tinha destruído tantos povos para obter poder, e o que seria mais um povo? Ainda recentemente, sem nenhuma razão, Xerxes I havia invadido a Grécia, por mero orgulho, enviando contra os gregos mais de um milhão de soldados, por pura diversão. Portanto, Xerxes estaria aberto ao *genocídio,* o abc da conquista mundial. E a última coisa que Xerxes desejava era uma rebelião que estourasse "dentro" de seu império, o que anularia seus ganhos ou enfraqueceria o seu poder.

Hamã, entretanto, não mencionou seu "problema pessoal" com Mordecai, o que poderia debilitar o seu caso, transformando-o em uma questão de vingança pessoal. Ver os vss. 2-3. Mordecai, na opinião de Hamã, tornara-se símbolo da rebelião geral judaica, o que, naturalmente, não correspondia à verdade. Hamã, tal como todos os políticos mentirosos, apresentou distorcidamente a verdade da questão, fazendo de um caso pessoal a revolta universal de um povo!

Existe espalhado, disperso entre os povos... um povo. Os movimentos de retorno encabeçados por Zorobabel, Esdras e Neemias levaram de volta a Jerusalém apenas cerca de 50.000 pessoas, que se tornaram o Novo Israel. Mas a vasta maioria dos judeus continuava espalhada por todo o império persa. Não seria fácil matar tanta gente dispersa, mas Hamã faria um esforço heróico nesse sentido.

3.9

Se bem parecer ao rei. *O Generoso Hamã.* Ele estava tão interessado no "bem público" (vs. 8) que pagaria as despesas envolvidas na campanha de matança, a saber, 10.000 talentos de prata! Isso correspondia a dois terços das rendas anuais do império persa, uma quantia simplesmente impossível de conseguir. Mas talvez não fosse impossível que o louco Hamã tenha oferecido essa quantia. Quanto ao peso, essa prata toda pesaria cerca de 340 toneladas e, segundo uma de minhas fontes informativas, valeria 18 milhões de dólares, embora seja impossível transformar pesos antigos em valores monetários modernos. Contudo, é evidente que a oferta de Hamã era pretensiosa e absurda. Naturalmente, ele recuperaria seu dinheiro mediante o saque de propriedades e artigos valiosos dos judeus mortos e, portanto, em última análise, nada tinha a perder. A Pérsia, segundo entendemos, possuía suas moedas de prata, pelo que Hamã estava falando a linguagem do rei Assuero. Ver no vs. 11 se Xerxes aceitou ou não a oferta (ou se aceitaria o dinheiro). Quanto a idéias adicionais, ver o vs. 11.

O oferecimento de Hamã, para facilitar as coisas com o seu próprio dinheiro, equivalia a um *suborno.*

Quanto ao fato de que o dinheiro oferecido por Hamã equivalia a dois terços das rendas anuais do império persa, ver Heródoto (*História,* III.95).

3.10

Então o rei tirou o seu anel da mão, deu-o a Hamã. "A doação do *anel de selar* (cf. Gên. 41.42), nos tempos modernos, seria o mesmo que dar permissão de afixar a assinatura do rei a documentos oficiais. Assim sendo, ao 'inimigo dos judeus' foi conferido poder *ilimitado* e, conforme os eventos posteriores demonstraram, o rei permaneceu ignorante sobre aquele 'certo povo' (vs. 8) que foi condenado à morte por seu decreto" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*).

Adversário dos judeus. Assim é chamado Hamã por *cinco vezes* no livro de Ester (3.10; 7.6; 8.1; 9.10,24). O anel de selar, dado a Hamã pelo rei, seria usado para impressionar a assinatura real sobre argila, e operaria como a assinatura do rei, expressando toda a sua autoridade (ver Est. 3.12; 8.2,98; Gên. 41.42; Dan. 6.17 e Ageu 2.23).

3.11

Essa prata seja tua. *Este versículo,* ao que parece, diz que o rei "rejeitou" o dinheiro, mas isso pode ter sido apenas uma evasão polida, tipicamente oriental, de que um homem diz "não", mas, na realidade, quer dizer "sim". O rei disse "guarda o teu dinheiro", embora soubesse que Hamã estava preso, pela honra, a pagar o que dissera que pagaria. Talvez o negócio fosse que Hamã pagaria o dinheiro do saque das propriedades e valores dos judeus, pelo que o pagamento certamente viria, porém mais tarde. Esse arranjo parece ter parecido agradável a todos os envolvidos.

Além disso, havia a questão do *serviço público.* Se o que Hamã dissera fosse a verdade, então ele faria bem em tomar a iniciativa de exterminar um poder que era hostil ao rei. Nesse caso, Hamã merecia ficar com o seu dinheiro. Em outras palavras, o rei teria dado esse dinheiro a Hamã, como parte do pagamento que ele merecia por sua previsão e notável serviço prestado ao Estado.

"O rei alegrava-se em lançar os cuidados do governo nas mãos de seus ministros e mostrava-se por demais indolente para formar uma opinião pessoal, contentando-se em acreditar que os judeus eram um povo inútil e desleal" (Ellicott, *in loc.*).

Custaria muito dinheiro obter a ajuda de tanta gente disposta a executar (matar) a comunidade dos judeus. Mas Hamã alegrava-se por pagar a empreitada com o próprio dinheiro, tão ansioso estava de que a tarefa fosse cumprida.

A Proclamação é Enviada (3.12-15)

3.12

Chamaram, pois, os secretários do rei. *Hamã Tinha Pressa.* Ele não permitiu que se passassem muitos dias antes que tivesse preparado aquilo que estava escudado em um decreto do rei. Foram instruídos todos os subchefes (governadores e outros oficiais do império persa) para planejar o grande programa de matança. O decreto foi traduzido para várias línguas, de modo que ninguém pudesse ler erroneamente a declaração, cujo original, provavelmente, estava em aramaico, a *língua franca* da época.

No dia treze do primeiro mês. Talvez as providências tenham começado no dia do Ano Novo, o primeiro dia do mês de nisã. Portanto, dentro de duas semanas, Hamã realizara a primeira parte de seu plano. Ele contava com a autoridade real por trás de suas providências, e o restante seria apenas um grande jogo de manipulação. Aparentemente o *pur* (sorte; ver o vs. 7) dera a Hamã dois *trezes:* o primeiro no mês de nisã como o dia em que o plano deveria começar, e o segundo no dia treze de adar (o décimo segundo mês; vs. 13) como o dia real da matança.

3.13

Enviaram-se as cartas. O famoso sistema postal persa (o primeiro do mundo) rapidamente levou a mensagem a todos os rincões do império persa. *Todos* os oficiais, grandes e pequenos, receberam a ordem de exterminar os judeus.

Por intermédio dos correios. Literalmente, correios é "corredores". Talvez alguns superatletas fossem empregados a entregar as cartas de um lugar a outro, mas a maior parte do trabalho era feito por meio de cavaleiros montados em cavalos, conforme seu deu com o famoso *Pony Express,* o primeiro sistema postal dos Estados Unidos da América. Nesse país, a chegada das estradas de ferro puseram os cavalos fora do trabalho. O primeiro sistema postal persa foi introduzido por Ciro. Ver Heródoto, *História* V.14; VIII.98; Xenofonte, *Cyropaedia* VIII.6.17.18 O sistema postal da Pérsia, embora humilde, em comparação aos padrões modernos de comunicação em massa, foi um grande avanço nos tempos antigos, primeiramente como *idéia,* e depois como *execução.*

> *O gênio é um por cento inspiração, e noventa e nove por cento transpiração.*
>
> (Thomas E. Edison)

> *O gênio gera grandes obras. Somente o labor as termina.*
>
> (Joseph Joubert)

Os persas foram os inventores de um ideal e da idéia que resultou em significativa inovação.

A Crueldade do Decreto Real. Nenhum judeu, de parte alguma do império, seria poupado. Todos os homens, mulheres e crianças deveria ser mortos violentamente. Isso deveria ocorrer em um dia específico: o dia *treze* do décimo segundo mês, pois assim tinha sido determinado pelo *pur* (sorte). Ver as notas sobre o versículo anterior.

Além de matar, os executores receberam ordem de tomar despojos, confiscar propriedades e objetos valiosos, pois esses seriam o *salário* dos executores. Que os executores ficariam ricos por matar aos judeus, tornou-se o grande incentivo para a matança. Talvez Hamã pagasse seus 10.000 talentos ao rei, como parte desses despojos (ver o vs. 11).

Após o vs. 13, a Septuaginta adiciona um pseudodecreto, uma cópia imaginária do decreto de *Artaxerxes.*

Dois Trezes. No primeiro seria publicado o cruel decreto (vs. 12). O segundo era a data do proposto extermínio dos judeus (vs. 13). Portanto, aí temos, desde os tempos antigos, o *treze* como um número significativo da sorte boa ou má. *Sexta-feira treze* surgiu bem mais tarde. Aqueles que supostamente sabem dessas coisas dizem-nos que o dia treze não é, de fato, um número de falta de sorte, a despeito de sua má reputação. Para Hamã, contudo, tornou-se definitivamente um dia de falta de sorte, no final das contas.

3.14

Tais cartas encerravam o traslado do decreto. *Este versículo* repete, sem novas idéias, o que já havia sido dito no vs. **13.** Os judeus não poderiam escapar, embora continuassem esperando o melhor. Entrementes, a *providência de Deus* estaria trabalhando em favor dos judeus, mediante os instrumentos Mordecai e Ester, e essa é a mensagem principal do livro de Ester.

O traslado. Uma cópia do decreto real foi posta nas mãos de todos os oficiais, grandes e pequenos, de todos os lugares do império persa. Ninguém teria desculpa para desobedecer ao decreto. Todos seriam os matadores ou os mortos. O rei não permitia atos de insubordinação.

3.15

Os correios, pois, impelidos pela ordem do rei. Os transportadores das cartas partiram com pressa. A autoridade do rei estava por trás de toda a questão. A pseudo-rebelião dos judeus tinha de ser cortada pela raiz. O decreto vinha de Susã, capital do império. Não havia dúvidas quanto à sua autenticidade. O rei e o abominável Hamã sentaram-se para comer, beber e celebrar. Mas os habitantes da capital, Susã, estavam perplexos. Nero tocava seu violino, indiferente, enquanto Roma era incendiada (ou pelo menos é isso o que diz a lenda a respeito). Por semelhante modo, o rei da Pérsia e o horrendo Hamã mostravam-se indiferentes diante do desastre que se abateria sobre um povo inteiro. Mas o povo persa não compartilhava dessa indiferença para com a sorte de seus vizinhos e amigos, que porventura eram judeus. Eles não tinham testemunhado nenhum sinal de rebeldia da parte dos judeus. A população em geral, embora predominantemente gentílica, refletia os sentimentos de temor, ultraje e consternação dos judeus. Cf. Est. 8.15.

"Medida mais contrária às boas normas da política, mais desgraça e cruel nunca fora tomada por nenhum governo. Seria de supor-se que o rei que tinha baixado o decreto fosse um idiota, e seus conselheiros, que o haviam instado à medida, fossem loucos varridos. Mas um governo déspota será sempre capaz de extravagância e crueldade" (Adam Clarke, *in loc.,* que escreveu antes de Hitler).

Capítulo Quatro

Corajosa Intervenção de Ester (4.1 - 7.10)

Mordecai Contra-ataca. A *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) não haveria de abandonar os judeus somente porque o réprobo Hamã estava cozinhando seus planos diabólicos, para os quais ele contava com a autoridade do rei (ver o capítulo 3). Yahweh não permitiria que o plano de Hamã desse certo e, com essa finalidade, tinha seus instrumentos, Mordecai e Ester, ambos conhecidos pessoais do rei e em posição de autoridade (que a providência de Deus já havia garantido).

Natureza Secular do Livro de Ester. O autor sagrado nunca mencionou o nome de Deus, nem apelou para a oração e exercícios religiosos. No judaísmo posterior, tornou-se prática jamais usar os nomes divinos. Talvez o autor tenha presumido que o secularismo era, na realidade, uma *superpiedade* velada. Ele temia até mesmo mencionar as *coisas sagradas,* por temor de contaminá-las. Temia tornar-se culpado de *ostentação* com coisas sagradas. Essa é uma lição que muitos evangélicos precisam aprender.

Mordecai recusara prostrar-se diante de Hamã e agora estava pagando o preço por sua arrogância. De outro lado, essa mesma arrogância foi inspirada por Yahweh para fazer os judeus entrar em dificuldades, a fim de que o Seu poder, ao livrá-los das tribulações, se tornasse evidente a todos. Sua intervenção seria comemorada para sempre no livro de Ester, como uma lição para todos nós. Essa é uma manifestação do *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), em contraste com o *deísmo* (ver também no *Dicionário*). O Criador não abandonou Sua criação; Ele é, igualmente, o Juiz; Ele recompensa os bons e pune os maus, e *intervém* nos negócios humanos.

4.1

Quando soube Mordecai. *Mordecai Foi Devidamente Humilhado.* Sua arrogância desapareceu, pois ele estava passando pelo teste mais severo de sua vida. Ele aplicou todos os sinais orientais da lamentação, rasgando as roupas, vestindo-se de cilício e lançando cinzas sobre a cabeça. Naquela desprezível condição, ele tentou obter acesso ao rei (vs. 2), o qual não lhe foi permitido, pois, *naquelas condições,* nenhuma pessoa obteria permissão para ver o rei. E Mordecai se foi, lamentando e chorando, por causa do decreto que exigia a execução em massa do seu povo. Ele subiu e desceu pelas ruas e praças públicas de Susã, o tempo todo lamentando e chorando. Na verdade, parecia que Mordecai tinha perdido o bom uso da mente, e assim tinha acontecido, ao menos temporariamente.

Quanto a esses *sinais* de lamentação e consternação, ver sobre *Vestimentas, Rasgar das,* no *Dicionário.* Quanto ao cilício, às cinzas e o choro, ver Gên. 37.34; Jer. 49.3; Dan. 9.3; Joel 1.13; Jon. 23.6 e Jó 2.8.

4.2

E chegou até à porta do rei. Mordecai tentou obter acesso ao rei, mas isso lhe foi recusado. Quem gostaria de receber um homem em frangalhos como aquele, no palácio? Naquelas condições ninguém conseguiria passar pelos guardas do palácio. Lamentando-se, ele estava em estado de imundícia cerimonial. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Limpo e Imundo.* Isso não significava coisa alguma para os persas, mas toda aquela sujeira e confusão tinha um significado. Além disso, o palácio real era um lugar de alegria. Ninguém que estivesse lamentando teria entrada ali. "... coisa alguma triste ou de mau agouro poderia ferir os olhos do monarca" (Ellicott, *in loc.*).

O Correio, *Smith's Bible Dictionary*.

Enviaram-se as cartas, por intermédio dos correios, a todas as províncias do rei, para que se destruíssem, matassem e aniquilassem de vez a todos os judeus...

Ester 3.13

*** *** ***

Na Pérsia, criou-se um sistema de correios montados, que levavam os decretos reais até as mais longínquas regiões do império. As cartas na antiguidade remota eram escritas em tabletes de argila, fragmentos de barro ou em pergaminho, preparado com peles de animais.

4.3

Em todas as províncias aonde chegava a palavra do rei. A *consternação e o susto de Mordecai* foram compartilhados por todos os judeus que residiam no império persa. Em breve, todo o homem, mulher e criança sabia o terror que a comunidade dos exilados judeus estava enfrentando. Por isso eles exibiam os mesmos *sinais* de lamentação que Mordecai exibia (vs. 1), ao que adicionaram o *jejum.* O Talmude afirma que ninguém deveria fazer um espetáculo público de seu choro ou aflição, para não afligir a outras pessoas com seus sofrimentos. Mas a comunidade judaica dos dias de Ester não prestou atenção a essas regras, se é que, na época, elas já existissem. As orações estavam subindo a Yahweh, e, por trás das cenas, o Senhor começava a reverter o processo. Eventualmente, Hamã é quem teria razão de lamentar-se. "Quão espantoso! Em toda aquela aflição, não há um único indício de oração dirigida a Deus!" (Adam Clarke, *in loc.,* ao salientar uma das razões pelas quais o livro de Ester não foi admitido no cânon do Antigo Testamento por longo tempo). Nem ao menos o nome "Deus" se acha no livro inteiro. Mas a *providência de Deus* o permeia, a despeito de suas insuficiências verbais.

Mas talvez a relutância do autor em usar o nome divino ou a referir-se a exercícios santos fosse uma demonstração de *superpiedade,* e não de secularismo. No judaísmo posterior, tornou-se prática corrente jamais proferir os nomes divinos. É fácil uma pessoa fazer espetáculo com as coisas santas, um pecado especial dos evangélicos. Algumas vezes, a ostentação substitui a verdadeira espiritualidade.

4.4

Então vieram as servas de Ester. *É óbvio,* mediante este versículo, que alguns sabiam que havia certo relacionamento entre Ester e Mordecai, sendo provável que os auxiliares dela estivessem informados do caso, embora a população geral não estivesse. Os servos de Ester informaram-lhe a respeito da condição triste, suja e decrépita de Mordecai. Ester fez o que pôde, enviando uma muda limpa de roupas, para que ele se visse livre daqueles horríveis trajes de pano de saco. Mas ele queria continuar a lamentar e recusou a gentileza. Os sentimentos judaicos (de uma data posterior) teriam condenado Mordecai por seu ato de lamentação *em público* (conforme diz o Talmude), mas não sabemos dizer se essas regras posteriores tinham algum poder no judaísmo mais antigo. Ver as notas expositivas sobre o versículo anterior.

Se Mordecai se arrumasse, poderia aparecer no palácio real e explicar diretamente a Ester o que estava acontecendo, mas nem isso interessava a ele naquele momento.

4.5

Então Ester chamou a Hatá, um dos eunucos do rei. Ester tinha um eunuco guardião especial a quem o rei nomeara para atender às suas ordens. O nome dele era Hatá, e ele Ester pediu ajuda. A tarefa dele era servir de intermediário. Ele teria de perguntar a Mordecai o que estava acontecendo. O Targum, neste versículo, faz tolamente o homem ser Daniel. A comunicação entre as mulheres que pertenciam aos haréns de homens importantes e poderosos não era nada fácil. Mulheres importantes (nem todas as mulheres de um harém) tinham atendentes pessoais que também guardavam e observavam sua boa conduta. Em alguns casos, eles também atuavam como companheiros. Provavelmente Ester, cortada das linhas normais de comunicação, ainda não tinha descoberto o terrível decreto real contra os judeus.

4.6,7

Saiu, pois, Hatá à praça da cidade. Cumprindo os desejos de sua senhora, Hatá foi direto a Mordecai para perguntar o "porquê" daquelas atitudes. Mordecai não ocultou nenhuma das informações necessárias. Foi descrita a *traição de Hamã;* a essência do decreto baixado pelo rei foi repetida; e Mordecai não esqueceu de referir-se à quantia que Hamã prometera pagar do próprio bolso. Este versículo não subentende que o rei tinha rejeitado o oferecimento de dinheiro, feito por Hamã (e talvez ele não tenha rejeitado mesmo; ver Est. 3.11). Pense só no número de assassinos que teriam de ser contratados. Talvez até um destacamento do exército precisasse estar envolvido. Nesse caso, Hamã daria uma polpuda soma em dinheiro por sua cooperação. Ver em Est. 3.9 o dinheiro que aquele réprobo teria de gastar para que a tarefa se cumprisse.

4.8

Também lhe deu o traslado do decreto escrito. *Ester, a Salvadora.* Chegamos agora ao *ponto principal* da tentativa de salvação, talvez algo que Mordecai só chegou a pensar naquele momento. Ele deu uma cópia do decreto destrutivo do rei a Hatá, o qual, por sua vez, deveria entregá-la a Ester. Conforme Mordecai esperava, isso a inspiraria a seguir sua sugestão para intervir diretamente diante do rei e tentar reverter todo o louco plano de Hamã. Embora não sejamos informados quanto a isso, devemos entender que Ester ganhara sua posição no império persa precisamente com o propósito de estar ali, no momento certo em que seu povo precisaria dela. Essa era a essência da providência de Deus quanto àquele episódio. Deus contava com uma mulher colocada em *elevada posição,* um instrumento Seu para o bem dos judeus, e Ele também contava com um homem que não estava tão altamente colocado, mas ajudaria no Seu plano. Todos quantos cumprem missões são colocados onde estão por meio da providência divina, e todos quantos os ajudam são colocados na companhia deles também por um ato da providência divina.

Ester, naturalmente, ao risco da própria vida, aceitaria a idéia de Mordecai não com relutância, mas de boa vontade, mesmo porque não havia caminho fácil para solucionar o problema. Ela tinha de seguir o *curso difícil,* porquanto não havia outro. Coragem era a palavra do dia.

Com freqüência, a prova da coragem não é morrer, mas viver.

(Vitorio Alfieri)

É melhor morrer sobre os pés do que viver ajoelhado.

(La Pasionaria)

A Septuaginta e a Vulgata fazem Mordecai instruir Ester a orar a Yahweh, antes de aproximar-se do rei; mas o texto hebraico do livro mostra-se extremamente silencioso sobre tal coisa. Não obstante, podemos ver a providência e o propósito de Deus brilhando em toda a história. A oração muda as coisas, e podemos imaginar que toda forma de oração subia ao céu por todos os tipos de pessoas. É um mistério por que o livro de Ester não menciona a oração. A natureza *secular* do livro de Ester impediu-o de ser aceito no cânon do Antigo Testamento por longo tempo. Entretanto, esse presumido secularismo pode ser evidência da superpiedade do autor sacro. No judaísmo posterior, tornou-se prática nem ao menos proferir os nomes divinos. O autor sagrado pode não ter mencionado coisas e nomes santos para evitar a *ostentação.* Caros leitores, penso que muitos evangélicos substituem a verdadeira espiritualidade pela ostentação. Talvez uma das lições do livro de Ester seja evitar o trivial ao abordar questões santas.

4.9,10

Tonou, pois Hatá. *O Serviço de Intermediação Tem Continuidade.* Hatá trouxe um relatório completo a Ester, a qual pôs-se a agir a contento. A mensagem dela, de volta a Mordecai, foi a dificuldade envolvida em ao menos ver o rei, e o perigo de ser considerada intrusa. Compreendemos quão estritamente as concubinas eram vigiadas e mantidas *incomunicáveis.* As concubinas do rei eram prisioneiras virtuais e tinham de usar meios estranhos para falar com os de fora ou receber qualquer palavra da parte deles.

4.11

Todos os servos do rei e o povo das províncias do rei sabem. Este versículo é verdadeiramente revelador:

1. Nenhuma pessoa podia ir diretamente ao palácio para ver o rei. Quem quer se falasse com o rei, teria de seguir o procedimento dos subordinados reais para ganhar acesso ao monarca.
2. Um intruso, que não obedecesse à *lei* que governava esse acesso, poderia ser executado no ato.
3. Tanto Heródoto quanto Xenofonte dizem-nos que o acesso estava *potencialmente* disponível, a qualquer pessoa, mas ela tinha de seguir os procedimentos corretos. Tentativas de *assassinato* deveriam ser evitadas, e essa era uma dos motivos dos métodos de segurança. Portanto, a *trivialidade* era estritamente proibida.
4. Além disso, havia o ritual do *cetro de ouro.* A pessoa que fosse admitida à presença do rei (e devidamente acompanhada, naturalmente) recebia esse cetro como sinal de aceitação. Cf. Est. 5.2.
5. O mais surpreendente (será mesmo?) é que Ester tinha sido negligenciada pelo rei por um mês inteiro e nem ao mesmos o tinha avistado. Isso, como é claro, descreve a posição de uma concubina (mesmo que fosse a favorita), e não a posição da rainha-mãe, que Heródoto diz ser *Amestris* (Heródoto, *História* 3.84). A história mostra-nos que algumas concubinas eram usadas pelo rei, e *nunca mais* eram chamadas. Além disso, visto que a concubina era "do rei", não podia casar-se com outro homem e era cuidadosamente vigiada para que não houvesse infrações. Ademais, o harém do rei vivia em *rotação,* sempre despedindo concubinas mais idosas e aceitando novas para consumar novos "casamentos". Ver a introdução ao segundo capítulo, além das notas sobre os vss. 8 e 19 quanto a detalhes.

É ridículo modernizar e cristianizar esse texto. Hamã não tinha "quebrado o casamento" por sua má influência sobre o rei. É absurdo dizer que o "rei e a

rainha" tinham perdido as linhas de comunicação e não estavam psicologicamente próximos. É uma estupidez falar sobre romance, amor e laços familiares. O fato da questão é que Ester, a concubina favorita, tinha perdido o domínio psicológico sobre o rei. Ele possuía muitas outras mulheres e homem muito ocupado para preocupar-se com uma mulher específica qualquer. Ester havia perdido favor diante do rei taciturno, pelo que teve de seguir os procedimentos regulares para ao menos ser admitida à sua presença. Se ela simplesmente se apresentasse como intrusa na presença real, poderia ser executada como aconteceria a qualquer um.

4.12,13

Fizeram saber a Mordecai. Hatá comunicou a desalentadora mensagem de Ester a Mordecai, a qual dizia: "Esqueça. É impossível para mim ao menos ver o rei, e tentar fazê-lo poderia custar-me a vida. Pense em algum outro plano".

Mordecai (vs. 13) não ficou impressionando com a resposta "negativa" de Ester. Ela poderia escapar à execução como uma intrusa, naquela ocasião, mas, se o decreto se cumprisse, em alguma outra ocasião (a saber, no décimo segundo mês; Est. 3.13), ela, juntamente com todos os judeus, seria morta. Por conseguinte, era uma situação de "fazer ou morrer". Ester preocupava-se com questões como *segurança pessoal* e estava disposta, na ocasião, a deixar que todos os outros judeus morressem, caso ela pudesse escapar; mas Mordecai mostrou que não havia segurança para nenhum judeu, inclusive Ester. Ir ao encontro do rei poderia significar a morte dela. Mas manter-se quieta significava morte *certa*. O argumento de Mordecai era *irretorquível*.

4.14

Porque, se de todo te calares agora. *Livramento para os Judeus de Algum Outro Lugar. A fé* de Mordecai, de que Israel seria livrado por algum outro *modus operandi*, se Ester falhasse no teste, provavelmente se baseava no seu conhecimento da *relação de pacto* com Yahweh. O pacto abraâmico (anotado em Gên. 15.18) requeria a sobrevivência da raça por causa de Yahweh, por Seu plano. Mas o autor *secular* não se importa em falar sobre tais coisas e, admiravelmente, não menciona nenhum nome divino como a fonte de livramento potencial. Vagamente, ele falou sobre como "se levantará para os judeus socorro e livramento".

Por outra parte, Ester tinha chegado ao reino "por causa de um tempo como este". Ora, essa é uma ótima peça de *teísmo* (ver no *Dicionário*). A elevação de Ester no reino não se devia ao seu rosto bonito ou às suas maneiras gentias, nem a todo aquele óleo que o eunuco havia espalhado sobre o corpo dela, para fazê-lo brilhar (ver Est. 2.12). Por qual razão Mordecai continuava falando na providência divina, mas sem dizê-lo por meio de palavra, continua sendo um mistério. E ele nem mesmo mencionou a oração como meio para convencer Yahweh a fazer algo sobre a miserável situação. A natureza *secular* do livro impediu que os rabinos o aceitassem no cânon das Escrituras do Antigo Testamento por longo tempo. Mas visto ser esse o único livro do Antigo Testamento que estava completamente dedicado ao tema da *providência de Deus,* sua posição no cânon do Antigo Testamento foi eventualmente garantido. Ver o artigo sobre esse tema no *Dicionário*.

> *Nem mesmo sentado diante de sua lareira, em casa, um homem pode escapar de sua condenação determinada.*
>
> (Ésquilo)

> *Aquilo que Deus escrever na sua testa, isso você certamente fará.*
>
> (O Alcorão)

> *A sorte lidera os bem dispostos e arrasta consigo aqueles que resistem.*
>
> (Sêneca)

O livro de Ester tem sido apodado de *demasiado secular* por vários eruditos, mas talvez tenhamos aqui uma superpiedade por parte do autor sagrado. No judaísmo posterior, os piedosos evitavam pronunciar o nome divino. É fácil substituir a verdadeira espiritualidade pela ostentação. O autor do livro de Ester, por conseguinte, pode ter-nos dado uma lição vital: Não fique andando ao redor exibindo sua fé religiosa, por seu falar piedoso constante!

4.15,16

Então disse Ester. A argumentação de Mordecai tinha sido irretorquível. Portanto, Ester cedeu e enviou uma mensagem (sem dúvida novamente através de Hatá) para dizer-lhe que era para "fazer ou morrer" que ela iria falar com o rei. Entretanto, ela rogou que Mordecai pedisse aos *judeus* que *jejuassem* por três dias e três noites para ajudá-la a realizar o propósito. Naturalmente, isso significava jejum e oração para que Yahweh interviesse; mas o relutante autor sacro não falou em nenhum nome divino, nem mesmo mencionou a oração. Mas sabemos do que ele estava falando, mesmo sem nenhuma palavra a respeito. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Oração* e *Jejum.* Ester rogava por uma intervenção divina em seu caso, provida pelos esforços dos judeus que encontrariam favor diante de Yahweh, mas o autor sagrado não permitiu que ela usasse o nome divino. Talvez ele fosse *tão* piedoso que pensasse ser um sacrilégio até menos usar os nomes divinos, ou referir-se a coisas sagradas como a oração.

Foi uma prática posterior do judaísmo nem ao menos mencionar o nome divino, pelo que "de algum outro lugar" (vs. 14) poderia ser uma evasão piedosa para ele não proferir o nome divino. O jejum (e, presumivelmente, a oração) também poderia ser uma referência ao poder divino e a como o homem é capaz de valer-se desse poder. Portanto, o que é chamado de *secular,* pelos intérpretes, poderia ser a demonstração de elevada piedade.

> *Uma vez, a cada indivíduo e nação, chega o momento de decidir.*
>
> (James Russell Lowell)

> Há uma maré nos negócios dos homens
> *Que, tomados no dilúvio,*
> *Leva à fortuna.*
> *Omitida, toda a viagem da vida*
> *Está envolva em coisas rasas e em misérias.*
>
> (Shakespeare)

4.17

Então se foi Mordecai. Tendo recebido a mensagem sobre a resolução de Ester e seu pedido pela ajuda da comunidade judaica quanto a exercícios espirituais (para influenciar Yahweh a intervir), *Mordecai* foi direto aos judeus transmitir o *pedido de ajuda* da parte de Yahweh.

> *Perigo, o estímulo das grandes mentes.*
>
> (George Chapman)

> *É melhor enfrentar um perigo uma vez do que viver sob medo constante.*
>
> (Provérbio anônimo)

> *Dentre os espinhos do perigo,*
> *Arrancamos esta flor — segurança.*
>
> (Shakespeare)

Capítulo Cinco

Este capítulo continua a seção geral, iniciada em Est. 4.1, a corajosa intervenção de Ester (4.1-7.10).

O Conluio Descoberto por Ester (5.1 - 7.10)

A Entrevista de Ester com o Rei (5.1-8)

O capítulo 4 nos preparou para a entrevista entre Ester e o rei, salientando quão difícil era falar com o ele, e como os intrusos (que não seguissem o procedimento apropriado) podiam ser executados. Também vimos que, por um mês inteiro, Ester nem ao menos vira o rei (ver as notas sobre Est. 4.11 quanto a implicações), e, assim sendo, teria de apelar para os meios legais de acesso ao monarca. Ester, entretanto, tomaria um atalho, conforme dizemos em uma expressão popular, tentando atrair a atenção do rei mediante *seus encantos,* e assim ultrapassar a burocracia.

A Tarefa Era Urgente. O decreto do rei, manipulado por Hamã (capítulo 3), tinha ordenado a execução de toda a comunidade judaica no décimo terceiro dia do décimo segundo mês. Ver sobre isso em Est. 3.13. Mordecai conseguiu a ajuda de Ester para tentar impedir o desastre (ver Est. 4.13 ss.). Ambos confiavam em uma intervenção divina para que cuidasse da questão. A comunidade judaica inteira jejuava (e, sem dúvida, orava) para ajudar Ester a obter a reversão da situação (ver Est. 4.16).

Enquanto o autor continua deixando de mencionar o nome de Yahweh (ou qualquer dos outros nomes divinos) bem como coisas santas como a oração, sua mensagem é: "A providência de Deus pode tomar conta de qualquer situação". Talvez o que

pareça *secularismo* seja, na verdade, superpiedade da parte do autor sacro. Ele não saía ao redor dizendo: "Deus isto", "Deus aquilo", "o Senhor me disse" etc. Os evangélicos têm o mau hábito de ocupar-se demasiadamente em "conversas sobre Deus". Mas Mordecai não fazia de sua fé religiosa uma *ostentação,* um substituto para a verdadeira espiritualidade. O judaísmo posterior produziu a prática de nem ao menos mencionar o nome divino, e talvez o autor do livro de Ester tenha generalizado essa regra a fim de incluir a menção a qualquer coisa santa. Talvez o autor tenha exagerado, mas a moderna ostentação religiosa é um exagero pior ainda.

Os capítulos 5-7 assinalam o clímax do livro. Aqui, as mesas foram viradas e o mal foi vencido por Deus. O povo de Deus foi preservado através de um improvável jogo de circunstâncias... Sua soberania estava funcionando, realizando os Seus propósitos" (John A. Martin, *in loc.*).

5.1

Ao terceiro dia Ester se aprontou. Isto é, depois que Mordecai convenceu Ester a tentar intervir em favor dos judeus, por meio de uma entrevista pessoal com o rei (o fim do capítulo 4). Ester estava em uma situação crítica. Ela tentou ultrapassar a burocracia para ter uma entrevista com o rei (ver Est. 4.1), exibindo os seus encantos em um lugar onde o rei poderia ocasionalmente passar para vê-la. O texto hebraico deixa de mencionar qualquer exibição de emoções da parte de Ester; mas a Septuaginta embeleza o texto neste ponto, descrevendo vividamente seus sentimentos e temores, e também oferecendo uma descrição de sua magnífica aparência. Ela estava ali, definitivamente, "para ser vista".

No pátio interior da casa do rei. Trata-se da câmara com múltiplas colunas, sem dúvida semelhante à que os arqueólogos descobriram na outra capital da Pérsia, Persépolis.

Devemos entender que o rei *precisava vê-la ali,* porquanto isso era algo necessário para que a entrevista ocorresse. A providência divina cuidaria de cada detalhe. Portanto, ali estava ela, toda enfeitada em suas vestes reais, uma bela visão, e o rei a veria e seria conquistado, uma vez mais, por seus encantos. Mulheres que influenciam homens com sua *beleza* são algo tão antigo quanto o mundo, e esse artifício parece funcionar sempre.

A beleza é um dom de Deus.

(Aristóteles)

Helena, segundo nos contou Homero em uma de suas histórias, enviou mil navios somente com o *seu rosto.* Naturalmente, isso foi um recorde, mas Ester era um poder feminino que precisava ser levado em conta.

5.2

Quando o rei viu a rainha Ester parada no pátio. *Realmente,* o rei passou e lá estava ela, uma das vencedoras distintivas de um de seus concursos de beleza (ver Est. 2.17,19). O rei ficou encantado. É verdade que ele era o rei, mas também era um homem, afinal. Ela estonteava qualquer um, e o rei foi mentalmente enviado à lona. O rei convidou-a para entrar em sua câmara secreta, estendendo a ela o cetro de ouro (ver Est. 4.11), e esse gesto foi como se ele tivesse dito: "Você foi aceita. Você tem algum um problema no qual eu possa ajudá-la?". "No baixo-relevo de Persépoiis, copiado por Sir Robert Ker Porter vemos o rei Dario entronizado no meio de sua corte e andando ao redor em trajes reais. Em ambos os casos, ele está carregando na mão direita uma vara fina ou cetro, mais ou menos do comprimento de sua própria altura. A vara é ornamentada com uma pequena bola na extremidade superior" (Jamieson, in loc.).

Ester "tocou a ponta do cetro", como se dissesse: "Agradeço por ter-me recebido". A Septuaginta diz que o rei deixou o cetro repousar sobre o pescoço de Ester, quando ela se prostrou diante dele. Talvez isso seja um toque histórico genuíno.

5.3

Então lhe disse o rei. O rei Assuero ficou tão encantado pelos encantos de Ester que exagerou e ofereceu-lhe qualquer coisa que ela quisesse: "Até metade do rei se te dará". Naturalmente, *somente Yahweh* poderia ter conferido tanta graça a Ester, e os rabinos dão a Ele o crédito por isso. Quanto à questão de dar até metade do trono em troca de alguma coisa trivial, cf. Est. 5.6; 7.2 e Mar. 6.23. Naturalmente, era costume dos reis da Pérsia dar às esposas certas cidades, tornando-as mulheres extremamente ricas. Ora, Xerxes era imperador sobre cerca de 127 províncias, pelo que dizer que daria a *metade* a uma *mulher* seria apenas uma figura de linguagem, equivalente a "Você pode ter quase qualquer coisa que quiser!" ou então "Farei quase qualquer coisa que você quiser". A declaração era uma "hipérbole costumeira" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 3).

Quanto a referências históricas ao *cetro de ouro,* ver Xenofonte, *Cyrop.* livro VIII. par. 139.

Um objeto de beleza é uma alegria perene; sua força de atração aumenta. Nunca se transformará em nada.

(John Keats)

5.4

Respondeu Ester. *O Banquete Decisivo.* Ester requereu que o réprobo Hamã fosse convidado a um banquete, juntamente com o rei e seus dignitários (e Mordecai, naturalmente, também estaria presente). Ela estava planejando um terrível armadilha para executar Hamã, que o autor do livro vai revelando aos poucos. Ele nos mantém em suspense por longo tempo, antes de dizer como funcionaria a idéia de Ester. Os rabinos se sentiram perturbados acerca de como Ester adiava tirar vantagem da atitude favorável do rei. Estaria ela jogando com a vida dos judeus? Mas qualquer bom relato tem seu período de demora, em situações perigosas, por motivo de suspense; e o que poderia ser mais verdadeiro à *experiência humana* do que isso? Grandes milagres são com freqüência adiados ao ponto de nossa exasperação, mas, de repente, está ali a solução!

5.5

Fazei apressar a Hamã, para que atendamos ao que Ester deseja. O convite da "rainha" levou Hamã a supor que lhe estava sendo dada honra especial e adicional (vs. 9 e 13). Mas ver Mordecai no portão (o qual não prestou atenção a ele, permanecendo *sentado* quando Hamã passava; vs. 9) azedou toda a honraria que ele estava recebendo e ainda receberia, conforme pensava. Ele tinha de livrar-se daquela praga chamada Mordecai, pois somente então poderia realmente apreciar a sua boa sorte. O vinho fluiria, e todos se sentiriam felizes. No meio da felicidade do rei, Ester apresentaria o ousado plano contra Hamã.

5.6

Disse o rei a Ester, no banquete do vinho. No meio da ingestão de vinho, o rei estava cheio de curiosidade sobre a petição especial que Ester faria, pelo que indagou claramente sobre isso. Poderia ser até "metade do reino", a hipérbole que do vs. 3, onde comento a questão. O banquete começara no relato do vs. 5. E este versículo dá continuidade à narração, e também haveria o *amanhã* (vs. 8). Talvez o programa todo tivesse sido marcado para *sete dias,* conforme se deu com uma festa anterior, oferecida pelo rei (ver Est. 1.10). Talvez a festa tivesse começado com a ingestão de ótimos alimentos, mas, quando o rei aproximou-se de Ester, fazendo sua indagação, o banquete já se transformara em uma *competição de ingestão de bebidas alcoólicas.* "Os persas, em seus banquetes, atendiam a duas fases: a primeira consistia em carnes e outros alimentos finos, quando tomavam água. E a segunda consistia na ingestão do vinho. Aelinus (*Var Hist.* 1.2 cap. 1) disse que, depois de empanturrados de bons alimentos, eles começavam a beber" (John Gill, *in loc.*).

5.7,8

Então respondeu Ester. O vs. 7 introduz, desajeitadamente, a petição que se seguiria, mas a petição não foi feita, afinal. E o vs. 8 diz como Ester adiou tudo para o dia seguinte. Mas então o autor sagrado continuou protelando a revelação do pedido de Ester, a qual só acontece no capítulo 7, pois o material do capítulo 6 age como um parêntese, onde ele fornece detalhes informacionais. O autor sacro continuava aumentando o suspense, sustentando-o com boas histórias que abordam situações de perigo. Gradualmente Ester foi ganhando a boa vontade do rei ao mesmo tempo que obtinha confiança quanto a seu plano ousado. "O autor apresentou a história dessa maneira, para dar tempo para o importante evento que só será mencionado no capítulo seguinte" (Adam Clarke, *in loc.*). Talvez Ester tivesse segundos pensamentos, mais sóbrios, e quase abandonara a sua idéia. Ou talvez sua intuição feminina lhe tenha dito que o *momento certo* ainda não havia chegado.

Nas festas de vinho, apenas alguns poucos convidados bebiam vinho na presença do rei. Entre eles estavam Hamã e Ester. Mas ninguém bebia os mesmos vinhos finos que eram ingeridos pelo rei. Seja como for, os vinhos servidos eram de excelente qualidade, pois todos os participantes formavam um grupo seleto. "O monarca reclinava-se sobre um divã de pés dourados e degustava o rico vinho de Helbom. A rainha, quando presente, sentava-se em uma cadeira ao lado, enquanto os convivas bebiam de um vinho inferior, sentados ao redor, no assoalho" (Athenaeus, *Deipno,* iv, par. 145). A passagem de Est. 7.8, entretanto, mostra que Ester se mantinha recostada em um divã. Parece que o único homem especialmente convidado a beber vinho com o rei e a rainha era Hamã, o que o enchia de orgulho, na expectação de grandes honras futuras.

5.9

Então saiu Hamã naquele dia alegre e de bom ânimo. *Hamã,* cheio de alegria e orgulho, pensava estar prestes a receber alguma honraria *adicional* da

parte do rei, pois ele (ao que tudo indica) fora o único convidado a beber vinho com o rei e a rainha. Mas sua alegria foi abafada e sua ira levou-o a requeimar de indignação quando ele viu, *sentado* na porta do rei Mordecai, que nem ao menos se levantou quando Hamã passava e menos ainda se prostrou diante dele, conforme exigiam os costumes orientais. O *contraste* entre o soerguimento e a queda de Hamã seria grande, outra característica de uma boa história. Em sua ira, Hamã continuou traçando planos de matança em massa dos judeus. Ele poria fim a toda aquela insolência. Cf. Est. 3.2, onde somos informados que Mordecai recusou prostrar-se diante de Hamã. Nesse caso ele não deu a menor atenção a Hamã, ficando de pé, a despeito de um machado estar pendurado sobre a sua cabeça. De fato, Mordecai mostrou-se extremamente *rude* e, naturalmente, um homem como Hamã merecia ser tratado com rudeza, e até pior.

Mordecai, ao ouvir que Ester levava adiante seu plano, tirou os sinais de lamentação, como o cilício (ver Est. 4.2), pois, de outra sorte, não poderia estar à porta do rei.

Hamã reuniu a família e os amigos a fim de *desabafar*, pois Mordecai continuava arruinando a sua diversão, conforme vemos nos versículos seguintes.

5.10

Hamã, porém, se conteve, e foi para casa. *Passando perto de Mordecai,* que exibia sua usual insubordinação, Hamã nada disse, embora as chamas lhe queimassem o cérebro. Ele foi diretamente para casa, à sua boa esposa, Zeres, que o havia suportado em tudo. E Hamã também chamou seus amigos chegados. Com eles, poderia de desabafar e esfriar a alma conturbada pela ira. Ademais, talvez alguém tivesse alguma sugestão sobre como Hamã poderia tratar a questão, antes do décimo terceiro dia do décimo segundo mês do ano, quando Mordecai e todos os outros judeus seriam executados. Ver no *Dicionário* sobre *Zeres.* O nome dela significa "ouro". O Targum afirma que ela era filha de Tatnai, governador deste lado do rio Eufrates, ou seja, uma parte do império persa que jazia daquém do rio Eufrates. Cf. Esd. 5.3.

5.11

Contou-lhes Hamã a glória das suas riquezas. Os vss. 11-12 deste capítulo descrevem o esplendor adquirido por Hamã. Ele tinha uma família numerosa, muito dinheiro e honrarias, o que para os persas (bem como para os judeus) servia de sinal de aprovação e bênção divina. Esses fatos são apresentados pelo autor sagrado a fim de, mais adiante, poder *contrastar* isso com sua terrível queda.

A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda.

(Provérbios 16.18)

Os ouvintes de Hamã já conheciam suas realizações. Mas ele, cheio de si, repetiu-as todas *novamente,* conforme deve ter feito por muitas vezes, mostrando tudo quanto fora capaz de fazer, bem como todas as honras especiais que o rei havia cumulado sobre ele. De fato, não era ele o primeiro-ministro do império *inteiro?*

Além disso, não nos esqueçamos daqueles seus excelentes *dez* filhos, dotados de extraordinária inteligência e que seguiam de perto os passos do pai ilustre. O Targum exagera grandemente ao dizer-nos que o homem tinha 208 filhos, e talvez os tivesse, mas Zeres era mãe de somente 10 deles. Era costume entre os persas que os filhos de pessoas proeminentes recebessem pensões anuais da parte do império. Ver Heródoto (*Clio,* 1.1.c. 136).

5.12

Disse mais Hamã. *A Fanfarronice Prossegue.* Além de todas essas outras honras, a rainha, ao decidir oferecer um grande banquete, convidou apenas uma pessoa para sentar-se com o rei e a rainha na festa do vinho, e essa pessoa era a *número um,* a saber, o próprio Hamã. Naturalmente, isso só podia significar que, durante o banquete, ele receberia alguma honraria nova, pois, afinal, era o *convidado de honra.* Ademais, não fora um mensageiro que fizera o convite a Hamã, como era a maneira usual de agir. Antes, a rainha *pessoalmente* transmitira o convite honroso.

Orgulho, Inveja, Avareza,
Essas são as fagulhas
Que fazem o coração
Dos homens pegar fogo.

(Dante, *Inferno*)

5.13

Porém, tudo isto não me satisfaz. Mas de que adiantava tudo aquilo (vss. 11 e 12) sobre o que Hamã se jactara, enquanto aquele espinho, Mordecai, o feria na ilharga? Ele tinha de livrar-se daquele incômodo antes que pudesse desfrutar a vida como deveria um homem de sua estatura. Mordecai era um *judeu* desprezível, inspirador de ódio e destruição. Hamã, pois, admitiu que todo o seu dinheiro e fama não podiam satisfazê-lo, enquanto vivesse o abominável Mordecai. A abominação teria de ser removida, para que desse vida à merecida alegria de Hamã.

O orgulho sempre tornará infeliz aquele que o professa.

(Adam Clarke)

Somente Deus pode satisfazer os anseios da alma. Até os anjos, que vivem na glória, não continuaram felizes quando se rebelaram. Adão, embora estivesse no paraíso, tornou-se miserável quando caiu do Princípio Espiritual. *Acabe,* embora fosse rei de Israel e possuidor de extensivo poder e riquezas, jazia chorando em seu leito, porque não podia ficar com a vinha de Nabote (ver I Reis 21).

5.14

Então lhe disse Zeres, sua mulher. *Zeres e Sua Grande Idéia.* Mordecai teria de ser abatido, e antes do décimo terceiro dia do décimo segundo mês (ver Est. 3.13), quando toda a comunidade judaica estava marcada para morrer. Portanto, a horrível Zeres sugeriu a idéia de preparar uma forca para a execução *imediata* de Mordecai. Quem pode agüentar um espinho que vive espetando o tempo todo? Em vez do dia treze do décimo segundo mês do ano, Mordecai seria executado *amanhã* mesmo. O rei não negaria a Hamã o cumprimento de seu desejo, pois, afinal, considere-se quão grande homem era Hamã, que chegava a ser o convidado de honra da própria rainha Ester. Naturalmente, conforme qualquer aluno de Escola Dominical sabe, o próprio Hamã (ver Est. 8.10) seria enforcado na forca que ele se apressara a preparar para Mordecai, uma ilustração da *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.

(Gálatas 6.7)

Semeai um hábito, e colhereis um caráter.
Semeai um caráter, e colhereis um destino.
Semeai um destino, e colhereis... Deus.

(Professor Huston Smith)

Faça-se uma forca de cinqüenta côvados de altura. Isto é, cerca de vinte e cinco metros de altura, mais ou menos as mesmas dimensões de um edifício de seis andares. A altura extravagante tem levado alguns críticos a falar da natureza fictícia do relato e, de fato, do livro inteiro, que eles consideram uma novela religiosa, e não história autêntica. Por outro lado, os persas costumavam fazer tudo em dimensões extraordinárias, pelo que forca gigantesca estaria em consonância com essa mentalidade. A grande altura da forca chamaria a atenção de todos quantos a vissem, e todos diriam: "Que grande pecador foi o homem aqui executado!".

O Poste de Empalação. Alguns eruditos pensam que o mecanismo construído por ordens de Hamã seria um gigantesco poste de empalação, e não uma forca. O corpo de Mordecai seria traspassado por aquele imenso poste. Ver Esd. 6.11 quanto à execução por *empalação.* Outros pensam que está em pauta alguma forma de crucificação. O homem seria *cravado* no poste. Seja como for, na maioria das traduções, a "forca" é, realmente, a palavra que significa "madeira". o que nos dá licença para interpretá-la historicamente. Em outras palavras, como os persas executavam as pessoas? A empalação era uma maneira comum.

"Deus estava soberanamente operando por trás até de um ato tão odioso como levantar uma forca. Cf. Atos .23 e 4.27,28" (John A. Martin, *in loc.*).

Capítulo Seis

Este capítulo dá continuação ao tema da corajosa intervenção de Ester, a seção que começa em Est. 4.1 e se estende até Est. 7.10. Mas agora temos outra subdivisão da história, outro golpe da intervenção divina.

Um Serviço Finalmente Recompensado (6.1-5)

A passagem de Est. 2.19-23 registra uma tentativa de assassinato do rei, que foi abortada por Mordecai, o qual ouvira a questão da parte dos rebelados e informara Ester, a qual, por sua vez, informara o rei. Serviços notáveis eram recompensados pessoalmente pelo rei. Porém, por alguma razão não divulgada, o serviço de

Mordecai fora esquecido e ficara sem recompensa. Aconteceu, pois, que, no tempo oportuno, na noite anterior à execução tencionada por Mordecai, o rei teve uma má noite e não pôde dormir. Portanto, ordenou que um servo lesse para ele os anais do rei. Por acidente (conforme os homens dizem), exatamente a porção dos registros que foi lida mencionava o feito heróico de Mordecai. O rei Assuero quis saber "qual recompensa" o homem obtivera por isso, tendo recebido como resposta dura e crua "nenhuma". O rei ficou surpreendido e consternado, e imediatamente pôs em movimento providências para que Mordecai fosse recompensado. Isso lhe daria grande prestígio que faria parte de seu livramento naquela hora crítica.

O autor não mencionou jamais Deus ou qualquer coisa sagrada. Mas devemos compreender que a *providência de Deus* sempre esteve em operação. Ver o *Dicionário* sobre esse tema. Os eruditos queixam-se da natureza *secular* do livro de Ester. Mas, no judaísmo posterior, tornou-se costume nem ao menos mencionar os nomes divinos, por motivo de extrema reverência. Talvez o autor de Ester tivesse levado esse costume mais longe ainda, de modo que nem falou sobre exercícios santos, como a oração. Portanto, aquilo que se tem suposto *secular* talvez seja verdadeira *superpiedade.* O autor sagrado mostrava-se contrário à *ostentação,* a qual pode facilmente substituir a verdadeira espiritualidade. Meus amigos, pensem no que acontece em algumas reuniões evangélicas, onde vemos a *ostentação* em operação, calculada para impressionar outras pessoas com uma grande espiritualidade. Talvez "eliminar a ostentação" seja uma lição inesperada do livro de Ester. Um número demasiado de pessoas religiosas vive sempre envolvido com o "falar sobre Deus".

6.1

Naquela noite o rei não pôde dormir. As noites ruins dos reis são piores que as noites ruins dos homens ordinários. Os sonhos ruins dos reis são piores que os sonhos ruins de homens ordinários. A insônia dos reis é pior que a insônia dos homens ordinários. *Portanto, aí você tem a questão: até a insônia pode ser parte da providência divina!* Foi assim que Assuero, no meio de sua insônia real (enviada por Yahweh, segundo dizem os rabinos), decidiu ouvir a leitura dos anais reais. Ver Est. 2.23 sobre esses registros e comentários.

"A falta de sono dos reis, é, naturalmente, um tema favorito da literatura (cf. Dan. 6.18; I Esd. 3.3; Shakespeare, *Rei Henrique IV,* parte 2, ato III, cena 1). As versões (Septuaginta, Latim Antigo e Luciano), além dos Targuns, adicionam que foi Deus quem tirou o sono do rei" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*).

Os críticos vêem demais providência divina aqui e lançam dúvidas sobre a autenticidade histórica do livro de Ester. Por outra parte, há aquelas grandes *coincidências significativas* que nos deixam boquiabertos. O homem espiritual sabe sobre essas coisas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Coincidências Significativas.*

"Circunstâncias quase incríveis apontam para a mão orientadora de Deus guiando o curso dos eventos. Toda a história da nação judaica foi alterada porque um rei pagão, a centenas de quilômetros de distância do centro das atividades divinas em Jerusalém, não conseguia dormir" (John A. Martin, *in loc.*).

6.2,3

Achou-se escrito que Mordecai. Quanto à história sumariada nestes dois versículos, ver Est. 2.21-23. Heródoto (*História* VIII) relata como eram os feitos heróicos eram registrados, e como os heróis eram recompensados, pelo que essa história tem um toque autêntico. O feito heróico de Mordecai ocorrera cinco anos antes, conforme pode ser deduzido mediante uma comparação entre Est. 2.16 e 3.7. É provável que algum erro burocrático tenha impedido que Mordecai recebesse a devida recompensa. Mas até isso fora controlado pelo destino, visto que uma recompensa *quando a vida de Mordecai estava sendo ameaçada* era mais eficaz ao propósito de Deus relativamente aos judeus. *Circunstâncias incomuns* são, geralmente, o *modus operandi* da providência divina. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Mordecai, o benfeitor real, seria agora recompensado por parte do rei. Seu nome estava na lista dos heróis do reino, e em breve os registros assinalariam como ele fora recompensado. Havia o envolvimento de uma questão quase legal, porque, quando o rei dizia algo, na Pérsia estava dito.

Josefo (*Antiq.* VI. cap. vi. sec. 10) fala sobre vigias estacionados, por toda a noite, em turnos, para guardar a câmara de dormir do rei. Qualquer ruído os lançaria em estado de alerta. O rei poderia chamá-los e requer qualquer coisa que quisesse. Portanto, essa circunstância ajudou na realização da história diante de nós.

Os registros estavam ali:

Para não esquecermos. Para não esquecermos.

(Rudyard Kipling)

Por *sete vezes* no livro de Neemias, há menção à *memória divina,* a qual sempre se tornava ativa mediante orações, embora essas nunca sejam citadas. Ver Nee. 6.5,19; 6.14 (duas vezes); 13.14,22,29,31.

Lembra-te de mim, Deus meu, para o meu bem.

(Neemias 13.31)

6.4

Perguntou o rei: Quem está no pátio? *Este versículo* apresenta um excelente toque de ironia! O rei estava providenciando imediatamente para que Mordecai fosse recompensado, a fim de que a injustiça fosse retificada. Portanto, ele tinha de chamar alguém que arranjasse as coisas para a recompensa. E quem estaria nas vizinhanças da câmara onde o rei dormia, quando ele chamou alguém para ajudá-lo? Hamã, o terrível, pessoalmente. Portanto, Hamã foi chamado para pôr em prática a recompensa do sortudo Mordecai! Era a *providência divina* operando de novo. Portanto o livro de Ester foi o único livro da Bíblia a ser escrito como uma espécie de monólogo sobre o tema, tal como o livro de Jó é uma espécie de monólogo sobre o *Problema do Mal* (ver no *Dicionário*), o único livro dessa natureza em toda a Bíblia. Naturalmente, em um sentido real, a Bíblia como um todo é um livro sobre a providência divina.

Hamã não sabia disso, mas seu extremo desejo era a autodestruição. Ansiosamente, ele chegou à corte com o intuito de solicitar ao rei a empalação de Mordecai naquele mesmo dia. Primeiramente, porém, ele seria o instrumento mediante o qual Mordecai seria recompensado e honrado. Segundo: ele seria empalado no próprio instrumento que havia preparado para Mordecai. Tudo quanto visava o mal foi transformado em bem, um consolo para os judeus perseguidos, a qualquer tempo que lessem o livro de Ester. Deus se importa! Portanto, regozijem-se os judeus! Os olhos dEle estão fixo nos pardais, e eu sei que Ele cuida de mim.

Que comunhão, que alegria divina!
Deitado nos braços eternos.
Que bem-aventurança, que alegria divina,
Deitado nos braços eternos.

(E. A. Hoffman)

Cedo pela manhã, Hamã apresentou-se no palácio real para cumprir seus desígnios ousados. Mas naquele dia havia surpresas reservadas para ele e para todos. Ele já havia preparado o terrível poste de empalação que acabaria servindo para terminar sua própria vida!

6.5,6

Os servos do rei lhe disseram. *O Instrumento Ignorante e Inconsciente.* Deus faz com que até os ímpios O louvem. Hamã estava ansioso por cumprir as ordens do rei, porquanto pensava que a ordem era em sua própria honra. Nunca, nem em seus pesadelos mais terríveis, Hamã pensaria em ter de servir e honrar o desprezado Mordecai. O rei de nada suspeitava a respeito dos desígnios de Hamã, e este último ignorava os desígnios do rei. Mas a providência divina tinha tudo sob controle. Deus está em Seu trono e tudo corre bem no mundo.

De quem se agradaria o rei mais do que a mim para honrá-lo? "O egoísta Hamã estava fora de si com alegria e entusiasmo. Ele pensou que o rei estaria falando sobre *ele*" (John A. Martin, *in loc.*).

O autor sagrado falou o que achava que Hamã estava pensando. Não é necessário dizer, juntamente com Aben Ezra, que ele possuía o *espírito da profecia,* pelo que sabia, por meio do Espírito de Deus, o que Hamã estava pensando.

"O nome de Mordecai não é mencionado porque fazia parte do esquema literário do autor que o vilão cheio de si pronunciasse julgamento contra si mesmo, com a própria boca" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*). "É um excelente toque da arte literária aquele mediante o qual o próprio Hamã foi posto a decidir que honrarias deveriam ser pagas ao homem que ele decidira enforcar" (L. B. Paton, *in loc.*).

6.7,8

E respondeu ao rei. O *homem* a quem o rei queria honrar seria honrado pelo rei. Por um momento de glória, ele vestiria os próprios trajes reais, provavelmente seu distintivo *robe púrpura,* sinal de sua realeza (conforme diz o Targum sobre este versículo. Lemos que Ciro apareceu em público com um traje metade púrpura, metade branco, e ninguém teve permissão de usar traje semelhante. Era feito com fios entremeados de ouro (Xenofonte, *Cyropaedia,* 8. cap. 23). Lemos que um certo Trebazus, amigo íntimo de Artaxerxes, requereu que lhe fosse dado um antigo traje do rei, que lhe parecia ser um grande prêmio. A petição foi concedida, mas sob a condição que ele não usasse o traje em público. Seu troféu era olhar e admirar o traje, mas ele não podia vesti-lo. Em seu orgulho, porém, o homem esqueceu a condição e apareceu vestido com o traje. Os oficiais do rei ameaçaram-no de severa punição, mas o rei, em sua misericórdia, disse a *mentira real* que ele mesmo ordenara ao homem que

vestisse o traje, pois ele seria o bobo da corte naquele dia. Ver Heródoto(*Clio.* 1.1. cap. 192).

O cavalo. O rei, naturalmente, tinha um bocado de cavalos especiais, tal como algumas pessoas ricas têm hoje em dia uns tantos automóveis. Hamã julgou apropriado que o homem especialmente honrado tivesse permissão de montar em um cavalo real e também que se exibisse em trajes finos de púrpura, montado no excelente animal. Heródoto fala sobre cavalos reais especiais (*Clio.* 1.1. cap. 192). E, naturalmente, ninguém podia montar um cavalo depois que o monarca o tivesse montado, porque o animal se enchera da virtude real.

A coroa real. O homem que fosse honrado seria "rei por um dia", e assim poderia usar uma das coroas reais. Mas Aben Ezra, o Targum, a versão siríaca e a Bíblia hebraica põem a coroa na *cabeça do cavalo.* Os intérpretes se admiram com isso. Contudo, os arqueólogos descobriram que havia uma *crista real* em um cavalo, pelo que "coroas de cavalos" deixaram de ser um mistério. No entanto, neste versículo, a coroa poderia ser para o homem. Seja como for, uma grande honra estaria envolvida.

6.9

Vistam delas aquele a quem o rei deseja honrar. *O homem que seria honrado* receberia todo esse material de ostentação, da parte de algum alto oficial do rei, especialmente nomeado. Então o homem a ser honrado faria uma parada pelas ruas da cidade e mostrar-se-ia o mais possível, perante o maior número possível de pessoas. A cena como que estaria dizendo a todos: "Vede que grande homem é este, a quem o rei tem honrado de maneira tão real!". Um arauto seguiria à frente do cavalo e do homem e faria anúncios periódicos ao povo, em voz alta, descrevendo o maior dos homens do momento.

Todos os deleites são vãos.

(Shakespeare)

Nenhum grande homem vive na vaidade. Um homem que se exibe relatará um equívoco que tenha cometido... antes do que não receba permissão de falar sobre a sua própria querida pessoa.

(Joseph Addison)

Este versículo deve ser comparado a Gên. 41.43.

6.10

Apressa-te, toma as vestes e o cavalo. Hamã havia provido o rei com a *idéia de grandeza* e agora teria de tornar real o que imaginara no caso do abominável Mordecai, seu odiado inimigo, uma súbita mudança na sorte, para dizermos o mínimo. O versículo supõe que o rei estava totalmente inconsciente do que Hamã planejava. Ele não sabia que o povo adversário odiado por seu primeiro-ministro *era o povo judeu.* Os críticos acham isso incrível e outra indicação para duvidarem da historicidade do livro de Ester. Por outra parte, o rei Assuero estivera pessoalmente envolvido em tanto genocídio, e desde sua juventude acompanhara outros chamados grandes homens ocupados em genocídio, que é perfeitamente possível que ele estivesse curioso sobre a identidade das "próximas vítimas".

O judeu Mordecai. Por *cinco vezes,* no livro de Ester, Mordecai foi assim chamado: aqui e em Est. 8.7; 9.29,31 e 10.3.

Uma reversão mortificadora da sorte humana! Como pôde Hamã suportar aquilo? O Targum exagera, fazendo Hamã implorar que o rei o matasse, em vez de ter de sujeitar-se a tal desgraça. "Quão extraordinária foi a conduta da providência divina em todo esse negócio!" (Adam Clarke, *in loc.*).

O Targum embeleza o versículo, dando ao cavalo real que Mordecai montaria um nome, a saber, Shiphregaz. Sabemos pela história que homens comuns e homens importantes deram nomes a cavalos. Alexandre chamou um de seus cavalos favoritos de *Bucéfalo.* Dario chamou seu principal cavalo de *Histapis.*

"Nunca a condenação foi mais justa e a retribuição foi mais merecida do que a execução daquele gigantesco criminoso" (Jamieson, *in loc.*). Conduzindo-nos a esse fim, temos as descrições sobre a providência de Deus, que tomou conta de cada detalhe.

6.11

Hamã tomou as vestes e o cavalo. O próprio *Hamã* foi nomeado pelo rei para ser o *arauto* que conduziria o cavalo e Mordecai através das ruas, outra estonteante humilhação. Portanto ali estava o odiado Mordecai, que não se prostrava diante de Hamã (com o que começou o drama), montando orgulhosamente o cavalo real, com as vestes púrpuras, enquanto Hamã, humildemente, puxava o cavalo, *a pé.* Mordecai sem dúvida não esperava tão súbita reversão dos eventos, mas a história mostra que os persas estavam sujeitos a essas reversões súbitas de atitudes e, algumas vezes, tomavam decisões precipitadas, baseadas nas paixões. Eles não estavam acostumados a esperar por segundos pensamentos, mais sóbrios, conforme os gregos, segundo sabemos, recomendavam.

6.12

Depois disto Mordecai voltou para a porta do rei. A parada terminou, e Mordecai retornou a seu posto, na porta do rei; mas Hamã, como um cão ferido, correu para casa a fim de lamber seus ferimentos. Ele se lamentava cobrindo a cabeça, um sinal comum de tristeza, como se "o céu tivesse caído sobre a sua cabeça", pois, na realidade, era isso o que tinha acontecido. O homem dirigiu-se diretamente à esposa, conforme fizera antes (ver Est. 5.10 ss.) Até os homens maus amam a alguém. E sempre haverá alguém que ame a homens maus. Em *desespero* ele cobriu a cabeça (ver II Sam. 15.30; Jer. 14.3,4). O texto hebraico usualmente não desenvolve o lado emocional dos relatos, o que a Septuaginta faz. Mas encontramos nesse "encobrir da cabeça" sinal de profunda *tristeza.*

Entrementes, Mordecai retornava a seu posto usual. Somente mais tarde ele foi elevado a uma posição ainda mais alta, conforme se desenrolou o drama (Est. 8.1). Hamã sofrera uma queda irreversível (vs. 13), o primeiro passo que o levou à execução fatal.

Livros antigos fazem-nos lembrar
Daquele que esteve em grande prestígio.
Mas agora, caído de sua elevada posição,
Está na miséria e chegou a um fim miserável.

(Geoffrey Chaucer)

6.13

Contou Hamã a Zeres, sua mulher. Foi terrível contar o ocorrido; a humilhação era demasiada para suportar. Então certos homens *sábios,* que supostamente tinham poderes de adivinhação, como os astrólogos, os médiuns etc., *viram* claramente que o curso de Hamã, doravante, só tenderia a piorar. Ele encontraria um inimigo a quem não poderia derrotar. Ele encontrara um *judeu* invencível, diante do qual *cairia,* provavelmente uma referência velada à sua *morte iminente.* Alguns intérpretes supõem que a *condenação predestinada* de Hamã foi outro desdobramento da maldição contra os amalequitas, antigos inimigos da tribo de Benjamim. Ver a introdução ao capítulo 3 deste livro.

"Os escritores judaicos deleitam-se em colocar nos lábios dos pagãos tais confissões sobre o triunfo inevitável do povo escolhido (ver Judite 5.20,21; III Macabeus 3.8-10; 5.31)" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*).

Note o leitor o amargor da informação. A própria esposa de Hamã, Zeres, que antes o tinha encorajado (ver Est. 5.14), agora concordava com os sábios: Hamã estava acabado.

6.14

Falavam estes ainda com ele. Este versículo provavelmente fala mais sobre a *continuação* do banquete do que sobre um segundo banquete. Enquanto Hamã ouvia as palavras condenatórias dos sábios, agentes do rei chegaram para levá-lo ao banquete no qual sua condenação agonizante teria cumprimento. "Agora, com o mundo ruindo ao redor de sua cabeça, Hamã foi levado rapidamente ao banquete de Ester, que antes ele desejara tão ardentemente, mas agora tanto temia " (John A. Martin, *in loc.*).

"Ele só poderia ter pouco apetite para apreciar o que ele sabia estar preparado para ele, no palácio de Ester" (Adam Clarke, *in loc.*).

É a sorte que lança os dados,
E quando ela os lança,
Transforma reis em aldeões,
E aldeões em reis.

(John Dryden)

Aquilo que Deus escrever em tua testa,
É a isso que certamente chegarás.

(O Alcorão)

Capítulo Sete

Esta *seção geral,* iniciada em Est. 4.1, que fala da corajosa intervenção de Ester, continua e estende-se através do capítulo 7. A história do terrível fim de Hamã

faz parte de como Yahweh garantia a segurança de Seu povo. O homem mau tinha de ser derrubado. Seus atos nefandos tinham de receber justo castigo. Portanto, temos a trabalhar mão com mão, a *Providência de Deus* e a *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura* (ambos recebem artigos distintos no *Dicionário*).

A Terrível Sorte de Hamã (7.1-10)

O capítulo anterior contou-nos como Hamã começou a precipitar-se de cabeça, como foi humilhado e como os sábios que ele reuniu para aconselhá-lo sobre a sua condição disseram que o "jogo havia terminado para ele". Ele jamais seria capaz de derrotar o judeu Mordecai; e, além disso, as coisas ficariam cada vez piores (ver Est. 6.13). Eles previram a morte de Hamã, sem dúvida, mas não a descreveram por misericórdia. Enquanto esses sábios conversavam com Hamã, enviados do rei vieram buscá-lo para continuar o banquete do rei, o que naturalmente lhe seria fatal (ver Est. 6.14).

7.1

Veio, pois, o rei com Hamã. O único convidado especial era o abominável Hamã. Após toda a gastronaria do banquete, houve ingestão de vinho. Então um grupo seleto de pessoas, o rei e a rainha, além de alguns poucos convidados, reuniram-se para tomar vinho. Isso era considerado uma grande honra, mas as coisas tinham azedado, e Hamã sabia, em seu coração, que era um homem morto. Ver as notas em Est. 5.8,9 quanto a detalhes sobre o *modus operandi* das festas persas.

Se o banquete que ora começamos a considerar foi o *segundo* banquete de Ester, então houve *cinco* banquetes mencionados até este ponto do livro de Ester: dois do rei (Est. 1.3,5); um de Vasti (Est. 1.9) e dois de Ester (Est. 5.4,8). Mas estou imaginando que o que temos aqui é a continuação do único banquete de Ester, que naturalmente perdurou por vários dias. Seja como for, os persas eram conhecidos por seus banquetes fabulosos, frívolos e degradados. Eles foram os inventores campeões dos banquetes.

Eu te digo, menino,
Detesto a grandiosidade
De uma festa persa.

(Horácio)

7.2

Qual é a tua petição, rainha Ester? *O Pedido Relutante.* Desde Est. 5.7, o autor sagrado nos *enrolou* com o pedido de Ester, aumentando o drama e o suspense. Agora, *finalmente*, Ester se adianta para dizer qual era o seu pedido. De acordo com as hipérboles orientais, ela poderia ter qualquer coisa, até *metade do reino* (Est. 5.3,6; 7.2).

Cf. esta história com o relato bastante semelhante (com o mesmo final mortal) em que João Batista perdeu a cabeça (Mat. 14.6 ss.).

O banquete continuava e a ingestão de vinho ia adiantada. O rei e quase todos os outros estavam meio embriagados. Portanto, ele estava em boas condições para ouvir e sem dúvida atender o pedido terrível. Mas Ester atacou no *momento certo*, e esse foi o motivo pelo qual continuava adiando a questão. Havia uma ocasião própria para apresentar o pedido, como acontece com todas as coisas:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou.

(Eclesiastes 3.1,2)

7.3

Então respondeu a rainha Ester, e disse. *O Argumento Preliminar de Ester.* A fim de garantir que seu terrível pedido seria concedido, Ester introduziu-o com uma argumentação intrincada. O pedido baseava-se em uma *urgente necessidade*, e não em alguma veneta feminina. Ester referiu-se ao *favor* que havia obtido diante do rei, não somente aparecendo para atrair a atenção dele, com vistas a dar início ao banquete (ver Est. 5.1 ss.), mas também através de todo o seu relacionamento com o rei. Ela tinha cumprido zelosamente seus deveres e privilégios como concubina preferida. Quanto a informações sobre a questão, ver a introdução ao capítulo 2 e também Est. 4.1. Portanto, *se* a conduta dela havia merecido favor real (e, como é óbvio, assim tinha acontecido), então o que ela estava pedindo era a *vida*, tanto para si mesma como para o seu povo, pois todos os judeus estavam sob a pena de morte que Hamã fora capaz de incluir em um decreto real (capítulo 3). A sorte de Ester dependia da sorte de todo o seu povo, um conceito constante que encontramos na mente judaica. Ester abriu o coração diante do rei. Ela não estava apenas representando um belo ato teatral. Sua vida estava em perigo, juntamente com a vida de todo o seu povo. *Somente o rei* poderia salvá-los.

Nesse ponto, tornou-se claro para o rei que Ester era judia. Ver Est. 2.10,20. Um dos incríveis detalhes sobre a história do livro de Ester, e que fazem os críticos duvidar da sua historicidade, é o fato de que o rei não sabia quem era o povo *rebelde* que ameaçava seu império (de acordo com a avaliação de seu primeiro-ministro, Hamã). O rei permitiria o *genocídio* contra um povo cuja identidade era desconhecida por ele? Ver o desenvolvimento que dou a esse tema em Est. 6.10. Parece que o rei se envolvera em tanto genocídio que nem ao menos teve a curiosidade de saber quem seriam as *próximas vítimas.*

7.4

Porque fomos vendidos. Ao que tudo indica, essas palavras se referem à oferta de Hamã de dar ao rei 10.000 talentos de prata para pagar as despesas da execução da comunidade judaica. Ver a exposição em Est. 3.9-11 e 4.7. A facilidade da questão (que não permitia ao rei que a aventura lhe custasse coisa alguma) agiu sobre o monarca como um *suborno*, como a *venda* dos judeus à morte. Se a venda tivesse sido "à escravidão", a coisa já teria sido bastante séria, mas não teria provocado a *heróica intervenção* de Ester no caso.

Porque o inimigo não merece que eu moleste o rei. O trecho hebraico por trás dessa "tradução" é obscuro, pelo que as traduções e interpretações dessas palavras são apenas *conjecturas.* A Revised Standard Version tem a seguinte idéia: se a comunidade judaica ao menos tivesse sido vendida à escravidão, o rei teria perdido seus serviços, ou seja, teria sofrido considerável perda. Tal perda seria maior que a perda que os judeus sofreriam por tornar-se escravos. Se isso tivesse acontecido, Ester nada teria dito. Mas, quando estava em jogo a *morte de uma comunidade inteira*, ela precisou fazer o que estava ao seu alcance para intervir.

Outra idéia é que Hamã poderia ter vendido os judeus à escravidão para enriquecer o tesouro real. Se esse fosse o caso, Ester teria ficado calada. Ou então, matando o povo, o rei perderia os serviços por eles prestados. Em outras palavras, eles valiam para o rei vivos, e não mortos.

A idéia de nossa versão portuguesa é que Hamã era tão desprezível que não valia a pena lutar para que o decreto real não se cumprisse. Porém, é inútil multiplicar interpretações quando realmente não sabemos o que o original hebraico está tentando dizer.

7.5

Quem é esse...? *Quem era aquele homem abominável?*, perguntou o rei. Ele não reconheceu o caso de Hamã e seus 10.000 talentos de prata, nem o pedido de executar uma comunidade inteira. Sua mente lenta não vinculou os dois casos, e é possível mesmo que ele tenha esquecido o incidente que envolvera Hamã. Quando presidia os Estados Unidos e Nixon era o vice-presidente, Dwight David Eisenhower certa feita observou aos repórteres em uma conferência concedida à imprensa: "Dêem-me uma semana e eu vos direi o que Nixon está fazendo!". Isso nos revela o quão pouco fazem os vice-presidentes e o quão pouco os presidentes se incomodam com isso, contanto que os primeiros não se envolvam em escândalos. Talvez Assuero fosse assim. Quem se incomodaria com o que as atitudes do vice, contanto que as coisas estivessem correndo bem? Alguns estudiosos desculpam a lentidão mental do rei salientando que o homem estava um pouco embriagado. O rei estava ingenuamente inconsciente do plano que se desenvolvera em sua própria corte, e ao qual ele tinha dado impulso por suas próprias ações.

O olhar de terror de Hamã (quando ele ouviu as terríveis palavras da rainha) já contaram ao rei a história inteira.

O *adversário*, inimigo dos judeus e do rei , era aquele "ímpio Hamã, sentado ali", disse Ester, apontando o dedo para o traidor. Hamã caiu em terror. Estava trêmulo e apavorado. Aquilo que ele mais temia subitamente lhe sobreveio.

7.6

O adversário e inimigo é este mau Hamã. O *drama*, tal como todas as boas histórias de suspense, finalmente desferiu o golpe que enviou o oponente à lona. Agora Hamã estava derrotado. Tudo havia terminado. O homem abominável foi desmascarado e demonstrou quem realmente era, perante o mais poderoso homem da terra então, que tinha nas mãos a vida dele, e em breve a esmagaria. O rei da Pérsia era um matador fazia muito tempo e tinha aniquilado a muitos por menores razões. Além disso, era chegado o dia de Ester. O sol de Hamã se punha. O homem vil deixaria de ser vil.

7.7

O rei... se levantou do banquete. O rei abandonou a cena do banquete e saiu para o jardim do palácio. Provavelmente ele ia chamar guardas para aprisionar a Hamã. A justiça era rápida naqueles dias. Hamã não sobreviveria àquela

noite. Talvez o rei tivesse saído envergonhado do lugar. Ele, o rei dos reis, havia sido enganado pelo primeiro-ministro. Que vergonha! O rei estava furioso e saíra por alguns momentos, para esfriar a cabeça e controlar sua ira. Porventura o rei teria alguma razão para tentar controlar sua ira, conforme os homens ordinários fazem? Sem importar a razão exata que levou o rei a sair do salão do banquete, o ato deixou Ester e Hamã sozinhos. O homem avantajou-se da situação e tentou usar isso como oportunidade de salvar a sua vida. Ele sabia que o rei haveria de executá-lo, e somente Ester poderia intervir em favor dele. Faria ela tal coisa? Ela era uma mulher. Teria um coração terno em favor de um condenado?

7.8

Hamã tinha caído sobre o divã em que se achava Ester. *Hamã* caiu prostrado no divã e segurava os pés de Ester, uma forma comum de súplica. Foi naquele momento crítico que o rei voltou ao salão do banquete e se deparou com a cena. Ele interpretou o que viu como uma tentativa de ataque sexual e, irado, gritou: "Será que esse homem vil tentará violentar a rainha aqui mesmo no meu palácio e adicionará isso a seus outros crimes?". Enquanto o rei gritava, chegaram alguns atendentes e cobriram a face do homem que estava prestes a ser executado. Uma espécie de saco foi posta sobre o rosto da vítima. Nos Estados Unidos, vítimas de execução por enforcamento (e também de outras formas de execução) são tratadas da mesma maneira. Talvez seja mais fácil os executores não verem o terror que se apossou do condenado. Não temos evidência de que essa era uma prática observada pelos persas, a menos que o presente versículo seja considerado uma evidência. A Septuaginta diz que "seu rosto ficou vermelho", isto é, *coberto* de terror e vergonha. Talvez seja isso que devemos entender com essas palavras, a despeito da ausência de referências quanto à prática de cobrir os rostos dos que estavam prestes a serem executados.

Há referências históricas aos gregos e romanos também empregarem a máscara da morte, cobrindo a cabeça quando haveria algum caso de punição capital (Lívio, *História* 1. par. 15). E embora isso não seja mencionado nos registros históricos antigos, é provável que os persas fizessem a mesma coisa. Aben Ezra mencionou um suposto costume no qual os persas cobriam a face daqueles com quem o rei estava desagradado, mas isso também não conta com apoio antigo.

O divã. Não era do tipo de leito em que as pessoas costumam dormir à noite. Está em vista o tipo de divã em que os orientais descansavam e se deitavam para comer. Servia ao propósito de *mesa de comer.*

7.9

Enforcai-o nela. A forca, ou poste de empalação ou de crucificação já estava visível, pois Hamã a tinha preparado. *Harbona,* um dos eunucos do rei, salientou a existência desse mecanismo de execução, e assim "por que não usá-lo para Hamã?". Ali estava a forca, da altura de um edifício de seis andares, com cerca de vinte e cinco metros de altura. Hamã quis executar Mordecai de maneira espetacular, mas a sua própria execução é que seria espetacular. Ver a exposição em Est. 5.14 quanto aos detalhes sobre a execução em vista, a qual, considerando-se todos os fatores envolvidos, parece ter sido a *empalação.* A Septuaginta, contudo, fala em crucificação.

O rei foi rápido em sua decisão: "Enforcai-o nela", disse o rei. O período de vida de Hamã definitivamente tinha terminado.

"A observação do eunuco foi cuidadosamente calculada para sugerir ao impressionável rei um método mediante o qual a punição do vilão seria efetuada com apropriada *justiça poética*" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*).

"A palavra do rei era suficiente, sendo ele um homem soberano e tirânico" (John Gill, *in loc.*).

7.10

Enforcaram, pois, a Hamã. *O Feito Terrível se Cumpriu.* O homem foi lançado de cima para baixo, e o poste perfurou o meio de seu corpo ou entrou em suas pernas e penetrou seu corpo, saindo no pescoço! Assim era (e é) a desumanidade dos homens com os homens. Usando uma expressão idiomática diferente, "o homem cavou seu próprio sepulcro", sendo executado exatamente da mesma maneira que tinha preparado para um seu semelhante (cf. Pro. 26.27). Por conseguinte, da forma mais chocante possível, operou a *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura,* e a *providência de Deus* continuou operando. Ver sobre ambos os temas no *Dicionário.* Os judeus ainda tinham de enfrentar o cruel decreto real, embora Deus também tivesse uma maneira de contornar isso, conforme o livro de Ester em breve mostrará.

A *ira do rei,* depois desse terrível espetáculo de violência, ficou satisfeita, e ele se sentiu em paz novamente.

A ira começa pela insensatez,
E termina com o arrependimento.

(Henry George Bohn)

Não poderia haver lei mais justa,
Do que se os artífices da morte
Perecessem por suas próprias invenções.

(Adam Clarke, citando um poeta cujo nome não foi dado)

Perilo inventou um modo de execução em que a vítima era queimada no interior oco de um boi de bronze. Ele mesmo, eventualmente, morreu *dessa maneira.*

"Nunca a condenação foi mais justa e a retribuição mais merecida do que a execução daquele gigantesco criminoso" (Jamieson, *in loc.*).

A vingança, embora doce no começo,
Logo ricocheteia e cai sobre si mesma.

(John Milton)

Capítulo Oito

Os Judeus se Vingam (8.1 - 9.19)

O Avanço de Mordecai (8.1,2)

O *temido Hamã estava morto,* mas a história de terror não havia terminado. Ester e Mordecai haveriam de obter significativos despojos sob a forma de poder. Mordecai foi promovido, e aos judeus foi dada a autoridade para levantar-se, matar todos os seus inimigos (vss. 7-14) e saquear suas propriedades. E foi isso o que eles fizeram: mataram a muitos homens, mulheres e crianças! Foi uma ocasião de grande alegria para os judeus, pois os matadores foram mortos e os judeus obtiverem grandes riquezas e poder.

8.1

Naquele mesmo dia deu o rei. Hamã foi considerado criminoso, e assim o Estado, exercendo seu poder, confiscou as propriedades dele. Como é óbvio, posteriormente, sua esposa e seus filhos também foram mortos (ver Est. 9.14). As vastas propriedades de Hamã ficaram com Ester, a nova, orgulhosa e agora fabulosamente rica mulher. De acordo com o Targum, ela ficou com todo o pessoal de Hamã, seus escravos e servos, e também seus suboficiais.

Quanto a Mordecai, primeiramente ele narrou ao rei exatamente que relação de parentesco mantinha com Ester, para que não mais houvesse confusão sobre a questão. Ver Est. 2.7 quanto ao assunto. Sem dúvida, o rei agradou-se ao ouvir todas essas coisas, que foram um fator na elevação de Mordecai. A natureza disso é descrita no vs. 2 deste capítulo.

8.2

Tirou o rei o seu anel... e o deu a Mordecai. Mordecai tornou-se alguém, dentro daquele *grupo seleto,* que podia ir ver o rei a qualquer tempo, sem esperar por permissão, a saber, entre os "que se avistavam pessoalmente com o rei" (ver Est. 1.14). De fato, o presente versículo parece ensinar que Mordecai se tornou o primeiro-ministro, ocupando o lugar de Hamã. Ele recebeu o anel de selar do rei, que era usado para deixar sua marca sobre a argila e assim apor a *assinatura do rei* sobre qualquer decreto ou questão. Era o poder de decretar em nome do rei, e logicamente por sua direção. Ver as notas em Est. 3.10, quanto ao anel de selar.

Em seguida, Mordecai tornou-se fabulosamente rico, bem como administrador de intermináveis propriedades, incluindo a casa de Hamã, da qual ele era agora o supervisor. "Delegando a ele a administração dessa valiosa propriedade (Cf. Est. 3.9 e 5.11), Ester dotou a seu pai de criação e primo o prestígio que cabia a um grão-vizir. Aqui Mordecai é descrito como quem possuía tudo quanto antes pertencia ao 'inimigo dos judeus': suas riquezas, seu título e sua autoridade. De fato, todas as mesas foram emborcadas!" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*).

A Petição de Ester (8.3-8)

8.3,4

Falou mais Ester perante o rei. *Outra Petição.* Até aí, tudo bem; mas ainda restava o decreto da destruição dos judeus marcada para o décimo terceiro dia do décimo segundo mês daquele mesmo ano. Portanto, Ester, embora agora uma grande e poderosa mulher em seus próprios direitos, prostrou-se diante do rei, com muito choro e lamentações, derramando uma torrente de *lágrimas.* O rei olhou para aquela triste cena: Ester jazendo no chão, chorando e lamentando-se.

Portanto, o que poderia ele fazer? Ele estendeu o cetro de ouro em sua direção, dando a entender que sua presença ali era aceita, e que ele estava pronto para ouvir outro pedido dela. Cf. isso com Est. 5.2, onde anoto sobre a questão. Ver também Est. 4.11, quanto a outros detalhes sobre o cetro e as condições para quem queria entrevistar-se com o rei.

As Lágrimas de uma Mulher. Quase qualquer homem sabe o que significa enfrentar as lágrimas de uma mulher. É mais fácil, a cada dia, enfrentar a ira do que as lágrimas de uma mulher. De fato, depois das lágrimas de um bebê, as lágrimas de uma mulher são a arma mais forte que há no arsenal humano.

8.5

Se bem parecer ao rei. *A Reversão.* "O pedido de Ester foi simples. Ela queria que fosse baixado um *segundo decreto* que anulasse o primeiro. Novamente, ela queria ser conhecida como judia. Ela falou em *meu povo* e em *minha família* (Cf. Est. 7.3)" (John A. Martin, *in loc.*). Ver o primeiro decreto do rei em Est. 3.12-15. Ester acumulou frases de apelo para obter a reversão do problema criado pelo primeiro decreto, e deixou a questão toda nas mãos benevolentes do rei, confiando na graça dele, reconhecendo sua autoridade e solicitando seu favor. É evidente que Ester era boa no uso das palavras, e não meramente com suas lágrimas. Ela pensava bem; falava bem; e estava conseguindo convencer o homem mais poderoso da terra naquela geração, para finalmente obter *o que queria.* Estou conjecturando que Assuero nunca encontrou uma mulher como Ester! Ela chamou o primeiro decreto de "concebido por Hamã", aliviando assim o rei de qualquer participação no triste negócio. Sua maneira de falar indicava ter ela alta inteligência, grande tato, sabedoria e habilidade. Ester sempre conseguia o que queria. Os argumentos dela eram *irretorquíveis.*

8.6

Pois como poderei ver o mal que sobrevirá ao meu povo? Novamente temos a forte identidade de uma judia individual com a comunidade judaica, um constante em toda a literatura hebraico-judaica. Ester seria como nada sem o seu povo, a despeito de toda a riqueza e o poder recém-adquiridos por ela. Portanto, o apelo não era somente por ela, mas por todos os exilados do povo judeu que estavam espalhados por todo o império persa. Cf. Est. 7.3.

8.7

Então disse o rei Assuero. *Hamã, o terrível,* havia sido eliminado, e suas propriedades eram foram a Ester, para serem administradas por Mordecai (Est. 7.10; 8.1,2). Tendo feito *isso,* Assuero não negaria nada que beneficiasse os judeus. Assim sendo, o rei baixaria um novo decreto para reverter o primeiro (vss. 8-14). Embora Mordecai não seja mencionado como estando presente quando Ester fez o novo apelo, este versículo informa que ele observara a cena inteira. As versões da Septuaginta, do latim antigo e do siríaco omitem a parte que coube a Mordecai, mas os plurais, no vs. 8, subentendem sua presença.

8.8

Escrevei, pois, aos judeus, como bem vos parecer. Tal como no caso do primeiro decreto (ver Est. 3.12 ss.), o novo decreto visava, especificamente, os judeus. O *primeiro decreto* decretava o total aniquilamento dos judeus; e o *segundo* visava o bem-estar deles. Ambos tinham o *selo* do rei, sua autoridade, a autenticação de seu anel (ver Est. 8.2). O escrito foi feito em nome do rei e com autorização dele. Foi também selado o decreto com o anel real, que atuava como *assinatura.* Ademais, ninguém poderia reverter o que o rei havia determinado, porque ele era soberano. O rei ouvia e, algumas vezes, seguia um conselho, mas as decisões eram dele.

O primeiro decreto não fora *anulado,* porque, em sentido estrito, nenhum decreto real podia sê-lo. Podia ser tornado obsoleto por um novo decreto, equivalente à anulação, mas não a anulação estrita. Ver Est. 1.19 quanto à natureza inalterável das leis e dos decretos persas. Entretanto, não há evidência extrabíblica da natureza irretratável das leis e decretas persas. Cf. Dan. 6.8,12,15. Os críticos supõem que essa natureza supostamente inalterável seja uma invenção bíblica, e não algo pertencente à história. Mas alguns eruditos pensam que argumentos baseados *no silêncio* usualmente são maus argumentos.

Quanto ao uso do *anel de selar,* Cf. Est. 3.10,12 e 8.2.

8.9

Então foram chamados sem detença os secretários do rei. *Elaborada Preparação.* As descrições excedem as do primeiro decreto. Não é omitido nenhum detalhe cronológico ou circunstância que circundava a questão. O decreto foi baixado em sivã, o terceiro mês (nosso junho-julho), no ano de 474 A. C., ou seja, pouco mais de dois meses após o primeiro decreto (ver Est. 3.12). A data marcada para a execução de toda a comunidade judaica era o décimo segundo mês, no dia treze, ou seja, restavam ainda nove meses antes que chegasse o dia da matança. Hamã havia escolhido suas datas para a publicação do decreto e a execução dos judeus por meio de sortes (ver Est. 3.7,13 e 9.1). Ver os comentários em Est. 3.13 quanto aos dois *trezes* envolvidos na questão. O vs. 12 deste capítulo mostra-nos que o segundo treze (do décimo segundo mês) estava reservado como dia da condenação dos inimigos dos judeus, outra demonstração da justiça poética.

Mordecai agora substituía Hamã como quem despachava os decretos reais. Portanto, ele baixou ordens, em nome do rei, não somente a todos os judeus, mas também a todos os governadores e subgovernadores do reino, o qual se estendia da Índia à Etiópia. O império persa contava com 127 províncias, e cada uma delas recebeu o decreto em seu próprio idioma, para que não houvesse mal-entendidos da mensagem. Heródoto (*História* III.89) mencionou somente vinte satrapias, pelo que devemos supor que essas satrapias estavam divididas em subterritórios, para que o número de 127 províncias pudesse ser atingido. Cf. Est. 1.1, que também dá o número de 127 províncias e onde ofereço comentários adicionais. Est. 3.12 também tem notas sobre a variedade de línguas em que o decreto foi traduzido. O aramaico era a *língua franca* e oficial da correspondência internacional, mas muita gente, em situações locais, não conhecia essa língua.

Sátrapas... governadores... príncipes. Temos aqui as várias classes e fileiras dos oficiais persas, dos mais poderosos aos subchefes, que obteriam uma cópia do decreto e seriam responsáveis, em sua área de poder, tanto pela publicação quanto pelo cumprimento do decreto. No caso do primeiro decreto, temos as mesmas designações para os oficiais persas (Est. 3.12).

8.10

Escreveu-se em nome do rei Assuero. *Mordecai* redigiu o decreto em nome do rei; *Mordecai* selou o decreto com o anel real; *Mordecai* enviou o decreto por meio dos correios. Era o homem do momento.

"Dessa vez os correios (ver Est. 3.13,15) saíram com uma pressa desusada porque foram fornecidos com cavalos superiores do estábulo real" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*). Ver as notas em Est. 3.13 quanto ao primeiro *sistema postal* verdadeiramente universal e popular dessa natureza na história das nações. Foram os persas que conceberam a idéia e o ideal, e o puseram em prática.

O gênio gera grandes obras.
Mas só o trabalho as termina.

(Joseph Joubert)

Foi assim que uma cavalgada dos melhores animais do rei, cavalos reais, mulas e camelos, passaram a ser empregados. Mas alguns tradutores supõem que os vários "animais" sejam apenas descrições de cavalos. Assim é que, em nossa versão portuguesa, não são referidas nem mulas nem camelos, mas somente *ginetes* criados na coudelaria do rei. A Revised Standard Version também só fala em cavalos. O original hebraico está em alguma dúvida. "... o verdadeiro conhecimento desses animais reveste-se de pouca importância" (Adam Clarke, *in loc.,* comentando sobre a dificuldade de compreender as palavras hebraicas deste versículo). A mensagem, porém, é perfeitamente clara. A fim de que o novo decreto chegasse ao seu destino o mais rápido possível, o rei empregou os *melhores* animais e entregadores do correio.

8.11

Nelas o rei concedia aos judeus. *Vingança e Autodefesa.* Em meio a tanto genocídio, por que nos surpreender de ver os judeus fazendo aos outros o mesmo que havia sido planejado contra eles? Alguns eruditos, tentando reduzir o impacto negativo deste versículo, salientou que os judeus agiram em autodefesa. Isso soa bem, mas, quando vemos que as *crianças* também seriam objetos da ira hebréia, compreendemos que a *brutalidade,* e não somente a autodefesa, inspiraria mais desumanidade do homem contra o homem. Erramos, porém, ao cristianizar essas coisas. Os povos antigos agiam como se fossem um bando de selvagens, e não podemos falar de modo muito diferente dos povos modernos, os quais matam mais e melhor, por terem armas melhores e mais letais. Note-se o terrível acúmulo de palavras que indicam matança: "destruir, matar e aniquilar". Uma matança em massa foi autorizada pelo decreto, e muitas mulheres e crianças seriam incluídas nos atos de ira insensata. Naturalmente, foi *fantástico* que o rei da Pérsia desse a um grupo de minoria o direito de tal violência sem freios. Por causa disso, os críticos duvidam da historicidade do decreto, pelo menos nos termos descritos.

"Era costume ordinário destruir a *toda a família de alguém* condenado por um grande crime. Sem importar se isso era certo ou errado, assim ditava o costume do povo e contava com a sanção da lei" (Adam Clarke, *in loc.*). Quantas leis in*justas* têm provocado confusão e continuam a prejudicar inocentes!

8.12

Num mesmo dia, em todas as províncias. Em um *único dia* estava determinada toda aquela matança, o que também sucedia no primeiro decreto e, de fato, o *mesmo dia* foi escolhido para os judeus matarem, ao invés de serem mortos. Cf. Est. 3.13, cujos comentários falam sobre os dois *trezes* do capítulo 3. Portanto, tudo era uma *justiça poética*, mas os *excessos* não me permitem dizer coisa alguma sobre o que o texto diz. Algumas de minhas fontes informativas conseguem *falar bonito* sobre a miserável questão, mas não vou citá-las. Naturalmente, haveria muito saque (vs. 11), de modo que os judeus seriam recompensados pela matança, enriquecendo-se diante da miséria alheia. Caros leitores, Jesus não teria enviado, despachado ou recomendado tal decreto, a despeito do que aconteceu, e penso que coisa alguma é mais evidente do que isso.

O nono capítulo do livro de Ester registra a fantástica e agonizante matança que os judeus efetuaram, e fico de cabeça pendida de vergonha quando leio esse texto. Mas a vergonha de um homem é a glória de outro.

Após o vs. 12, a Septuaginta embeleza o texto, incluindo 24 versículos que alegadamente representam o decreto completo de Assuero, o qual é chamado de *Artaxerxes* em algumas versões, embora nossa versão portuguesa também diga aqui Assuero.

8.13

A carta. Recebemos essa informação no vs. 9. Havia muitas *cópias* do decreto, em várias línguas. O sistema postal persa espalharia a mensagem a todo rincão do império. Todo homem conheceria o assunto do decreto. Foi uma *publicação universal* do diário oficial do império.

Vingança. A mais nobre vingança consiste em perdoar.

(Provérbio do século XVI)

A ação rara
É agir virtuosamente,
E não com vingança.

(Shakespeare)

8.14

Os correios, montados em ginetes. O decreto real requeria *urgência*. Portanto, partiram os espertos correios, montados nos melhores cavalos do estábulo do rei. Cf. o vs. 10. Aquilo que fora antecipado teve cumprimento. O próprio rei ordenou que os correios se *apressassem*. O decreto foi expedido em Susã (uma das capitais persas), mas logo estava espalhado por todo o império. *Houve pressa*, embora ainda restassem quase *nove meses* até a data da execução (vs. 12). Talvez Assuero temesse que alguns entusiasmados selvagens matassem os judeus com base na força do primeiro decreto. Esses precisavam saber que ocorrera uma mudança na mente do rei.

8.15

Então Mordecai saiu da presença do rei com veste real. *Mordecai*, vestido em sua imitação das vestes reais, saiu para ajudar a despachar o mais rapidamente possível o decreto real. "Essa é uma descrição da ovação que saudou o novo grão-vizir, quando ele saiu do palácio, pomposamente vestido nas cores reais. Em contraste com a perplexidade da reação popular diante do primeiro ato de Hamã, quando ele estava no ofício (ver Est. 3.15), a natureza de estadista de Mordecai, evidenciada no decreto pró-judaico — foi saudada entusiasticamente. Aqui o autor projeta seus próprios sentimentos na cidade de população predominantemente gentílica" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*).

Quanto às cores reais, Cf. Est. 1.6. A túnica do rei era de cor púrpura com faixas brancas, e tinha fios de ouro entremeados no tecido. Mordecai usava uma grande coroa de ouro, mas diferente da coroa do rei, que ninguém, exceto o rei, podia usar. A Septuaginta diz que a coroa de Mordecai era de *linho fino*, provavelmente uma tentativa pessoal para distinguir a coroa de Mordecai da coroa de ouro usada pelo rei. O toque da coroa de ouro de Mordecai, contudo, talvez seja historicamente correto.

8.16

Para os judeu houve felicidade, alegria, regozijo e honra. Foi um ótimo dia para os judeus. As notícias sobre a *reversão* espalharam-se como fogo selvagem. Homens contendiam pelas cópias do decreto. Todo judeu queria *ler* as boas-novas para certificar-se de que aquilo era verdade. Note-se que aos humildes judeus eram agora conferidas "honrarias". Os gentios comuns temeram. O poder de matar tinha sido posto nas mãos dos judeus, os quais realmente matariam seus inimigos. Em toda parte, os judeus celebravam com grandes festividades. Naturalmente, o autor sacro via em tudo isso a operação da *providência divina*, que é o tema principal deste livro. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*.

Felicidade. Algumas versões dizem aqui "luz", um símbolo de bem-estar. Cf. Jó 22.28; 30.26; Sal. 97.11. Naturalmente, essa expressão é idiomática e metafórica. Estamos acostumados com a expressão que fala na "luz que ilumina o caminho", e ter "luz" significa isso.

Em esperança que lança um raio brilhante,
Pelo caminho cada vez mais largo do futuro;
Em paz que somente Tu podes dar,
Oh, Mestre, Contigo deixa-me viver.

(Washington Gladden)

8.17

Também em toda província, e em toda cidade. Houve grandes celebrações em cada província, cidade e aldeia onde os judeus exilados estavam espalhados. Eles organizaram festas e tiveram um *dia de regozijo*. Os pagãos, sabendo que aqueles judeus tinham nas mãos o poder de matar, de súbito tornaram-se religiosos e converteram-se à fé judaica. Naturalmente, isso significa que eles tiveram de ser circuncidados. Depois que passasse a tempestade (a matança do dia treze do décimo segundo mês), eles poderiam voltar a ser pagãos. Mas por enquanto era *popular* e *seguro* alguém tornar-se judeu! A fé judaica transformou-se em uma religião popular e democrática. Pessoas ignorantes correram a tornar-se judeus, para salvar a própria vida.

Terminada a matança, a alegria aumentou, e os judeus enviaram presentes uns aos outros, como se fosse Natal (ver Est. 9.22).

"Desde a execução de Hamã, tornou-se perigoso aos homens não trazer a marca da circuncisão!" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*). Mas a questão inteira foi inspirada por *temor*, e não por piedade genuína. Até hoje, ministros entusiasmados mas mal informados tentam assustar as pessoas para entrar no céu falando das chamas eternas do inferno!

"Eles formavam uma classe de convertidos que provavelmente não traria muita honra à verdadeira religião" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Nove

O Grande Dia da Vingança (9.1-10)

O dia da condenação chegou, cerca de nove meses após o segundo decreto de Assuero ter sido expedido (ver Est. 8.9). Muitos pagãos se tinham convertido duvidosamente à fé judaica para evitarem ser mortos no décimo terceiro dia do décimo segundo mês de 473 A. C., a data marcada para a execução em massa e para o saque (ver Est. 8.17). O *segundo decreto* havia anulado o primeiro, publicado por influência de Hamã, que assinalara *aquele mesmo dia* para a matança em massa e para o saque da comunidade judaica (ver Est. 3.13). Portanto, estava em operação a *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*), sendo esse o tema central do livro de Ester.

Sabemos que Hamã era um anti-semita da pior espécie e devemos imaginar que apoiadores compartilhavam sua filosofia. Mas o capítulo 9 do livro de Ester mostra que o anti-semitismo estava espalhado por todo o império persa (vss. 1,2,5,16; Cf. Est. 8.11-13). Por conseguinte, haveria muita gente para os judeus matarem naquele dia de condenação. Nenhuma menção *aberta* fora feita aos judeus, quando Hamã falara sobre aquela classe de cidadãos excêntricos, desobedientes e indesejáveis (ver Est. 3.8). Os judeus tinham um odiador dos judeus, mas agora aprendemos que havia muitos deles. A execução de Hamã, um pequeno Hitler (ver Est. 7.10), não fora suficiente para solucionar o problema. O anti-semitismo havia envenenado todo o império, tal como nos tempos da Segunda Guerra Mundial envenenou a Alemanha.

O *vs. 2* talvez indique que alguns tentariam cumprir o primeiro decreto, matando a muitos judeus. Porém, conforme as coisas acabaram acontecendo, os judeus ocuparam-se de suas matanças essencialmente sem oposição alguma. Era melhor enfrentá-los do que enfrentar *o rei*, que havia mudado de idéia e expedira o segundo decreto. Dessa maneira, um homem seria morto à espada, em vez de ser *empalado* (ver Est. 7.10).

9.1

No dia treze do duodécimo mês. Esse foi um dia (sexta-feira?) muito *infeliz* para os inimigos dos judeus. Foi péssimo para aquela gente, mas um *dia bom* para os judeus (ver o vs. 22). Ver a introdução ao capítulo quanto a detalhes que se aplicam ao vs. 1.

Uma das chaves da história é que as "coisas podem virar ao contrário". O que os inimigos queriam fazer contra os judeus foi feito contra eles mesmos. A alegria que deveria vir a seus inimigos foi dada aos judeus. Deus jamais é mencionado no livro, mas Sua providência está em vista.

A Natureza Secular do Livro de Ester. O autor sagrado não menciona o nome de Deus ou alguma instituição santa e religiosa, nem mesmo a oração. O livro de Ester tem sido acusado de *secularismo,* e foi necessário muito tempo para obter posição canônica. Mas isso pode dever-se a superpiedade, e não o secularismo. No judaísmo posterior, o uso dos nomes divinos era evitado por motivo de respeito, e talvez o autor sacro nem ao menos tenha mencionado coisas santas pelo mesmo motivo. Esta é uma importante lição do livro: há muita "conversa sobre Deus", mas bem pouca espiritualidade. Há por demais *ostentação,* que é uma forma de autoglorificação, e não a glorificação de Deus.

Os judeus chegaram a *governar* àqueles que os odiavam. Este capítulo mostra que o anti-semitismo estava disperso por todo o império persa. Mas a *providência de Deus* (ver no *Dicionário*) venceu todos os obstáculos.

Ninguém é tão pequeno que Deus não possa elevá-lo.
Ninguém é tão grande que Deus não possa derrubá-lo.

(Adam Clarke, *in loc.*)

9.2

Porque os judeus nas suas cidades. Podemos ter *certeza* de que algum plano cuidadosamente elaborado capacitou os judeus a matar sistematicamente todos os anti-semitas. Talvez se possa pensar que houve alguma oposição aos judeus. Talvez alguns fanáticos tentassem obedecer às ordens do primeiro decreto (capítulo 3). Mas, se esse foi o caso, qualquer ataque contra os judeus foi evitado. Parece que os judeus mataram livremente, facilmente, por todo o império persa. A Vulgata transmite a idéia de que os inimigos dos judeus ficaram *paralisados de medo,* de forma que, ao chegar a data fatal, não ofereceram resistência. Mas, embora não tenham resistido, foram mortos sem misericórdia. Portanto, se houve algum poder opositor por parte dos agressores originais, esse poder foi absolutamente anulado. O vs. 16 deste capítulo revela-nos que os judeus mataram 75.000 pessoas nas províncias.

9.3

Todos os príncipes das províncias, e os sátrapas, e os governadores e os oficiais do rei. Os judeus que mataram seus inimigos gozavam do apoio dos vários escalões de poder da Pérsia. Os governantes sabiam quem odiava aos judeus, quem eram os fanáticos, e os identificaram, selando a terrível condenação. Por que eles fizeram isso? Por motivo de entusiasmo pelos judeus? Não. Fizeram porque temiam a *Mordecai* que, de súbito, se tornara o governador número um do império, depois do imperador, que tinha poder absoluto e virtual. Esses governantes contavam com tropas ao seu comando, e iam de porta em porta, expulsando todos os odiadores dos judeus de seus lares e matando-os nas ruas, tal como fez Hitler fez quando estava no poder e voltou sua ira contra um povo inteiro. Naturalmente, tudo isso era visto pelos judeus piedosos como *intervenção divina* em favor deles.

9.4

Porque Mordecai era grande na casa do rei. A estrela de Mordecai se erguia sobre o horizonte, e ninguém podia fazer-lhe oposição. O rei investira vastos poderes sobre Mordecai, e ele anelava por usar esse poder. Em primeiro lugar, Mordecai usou sua nova força em ira contra os inimigos dos judeus, os quais rilhavam os dentes diante dele. Eles choravam e fugiam, mas de nada adiantava. Mordecai os apanhava e os entregava à carnificina. Uma de minhas fontes informativas tem aqui a ridícula frase: "Mordecai tinha boa reputação". Quem poderia incomodar-se com o que as pessoas pensavam sobre ele? Ele se transformara em uma máquina de matar.

9.5

Feriram, pois, os judeus a todos os seus inimigos. *Matança e destruição* eram as palavras do dia. O Targum diz-nos que os judeus usaram espadas, lanças e cacetes, bem como quaisquer outras armas pudessem ter em mãos. Até mesmo instrumentos agrícolas foram usados para matar. De fato, a colheita foram as cabeças dos que odiavam os judeus! Os homens encobriam os olhos para não ver os golpes que terminavam com eles. Mulheres lamentavam-se e choravam; mães e filhos eram mortos juntos e afundavam no sangue. Os judeus estavam fazendo aos outros o que outros *desejaram* fazer com eles, mas mulheres e crianças? Algumas de minhas fontes informativas gemem diante das descrições, ao passo que outras dão vivas exultantes!

Erramos, mostrando-nos tão majestáticos,
Oferecendo esse espetáculo de violência.

(Shakespeare)

9.6

Na cidadela de Susã os judeus mataram. Somente em Susã, a capital, 500 pessoas foram mortas. O versículo poderia ser interpretado como "somente no palácio real", mas na verdade, fala na cidade inteira. A Revised Standard Version diz *capital,* em vez de *palácio,* conforme lemos em algumas traduções. Provavelmente, a maioria daqueles 500 era de cortesãos do próprio Hamã, seu pessoal na capital, seus apoiadores mais fanáticos.

9.7-9

Matança dos Dez Filhos de Hamã. Além da matança das quinhentas pessoas mencionadas no vs. 6, os *dez filhos* de Hamã foram mortos, e o autor sacro registra os nomes deles *todos,* a fim de que possamos perceber quão grande triunfo *ocorreu.* Coisa alguma se sabe sobre essas pessoas, exceto seus nomes, e o pouco que pode ser dito sobre eles está registrado em artigos com seus nomes, no *Dicionário.* Podemos supor que eles foram *empalados,* tal como sucedera ao pai (ver Est. 7.10). Quanto ao modo de execução, sugerimos o enforcamento, a crucificação e a empalação, e a última dessas três execuções é a mais confirmada historicamente. Cf. Est. 2.23. Enquanto outras pessoas, 500 delas só na capital, morreram *facilmente,* com golpes de lanças e espadas, ou com o golpe esmagador dos cacetes, os dez filhos de Hamã receberam tratamento especial. Foram mortos por meios normais (provavelmente à espada), mas em seguida seus corpos foram empalados, talvez no mesmo poste de empalação que matara o pai deles (ver Est. 9.13).

O Targum *diz-nos* que Hamã tinha mais de 200 filhos e, considerando que todos os poderosos da época tinham amplos haréns, isso provavelmente está certo. Julgamos, por conseguinte, que os *dez filhos seletos* deste versículo eram todos filhos de sua esposa Zeres (ver Est. 5.10,14). Fora ela quem encorajara os preparativos para a morte de Mordecai por empalação (conforme informa o capítulo 5), e assim temos aqui outra pequena demonstração de *justiça poética.*

Os nomes dados podem ser traçados até antigas raízes persas, exceto *Adalia.* Nas cópias da Bíblia hebraica, os nomes são listados verticalmente, um por linha, ocupando assim dez linhas, por motivo de ênfase e triunfo sobre aquelas *feras,* como qualquer um da família de Hamã deveria ser considerado.

9.10

Porém, no despojo não tocaram. Os judeus não estavam atrás de dinheiro. Eles não saquearam as casas e propriedades daqueles a quem mataram, nem mesmo dos dez filhos de Hamã, embora pudessem tê-lo feito (ver Est. 8.11). "Os judeus, respeitadores como eram, não se deixaram motivar por considerações mercenárias" (Bernhard W. Anderson, *in loc.*). Contudo, considerando toda aquela matança sem razão, esse fator não me consola muito.

9.11,12

No mesmo dia foi comunicado ao rei. Um *auxiliar* levou ao conhecimento do rei o *número total* dos que foram mortos. É vidente que ele requereu esse ato, com o propósito de apresentar os "resultados" a Ester, cujo favor procurava e cujos desejos queria satisfazer. Devidamente, ele entregou o relatório a Ester e perguntou-lhe se haveria alguma outra petição. O rei queria chegar ao fim daquele negócio terrível, mas sabia que só poderia terminar quando Ester dissesse: "Basta!". Para Ester, entretanto, o *bastante* ainda não tinha chegado. O vs. 13 informa o que mais ela queria.

O Targum diz-nos aqui que 70 dos filhos de Hamã (por meio de outras mulheres) tinham conseguido fugir, e por isso teriam de ser caçados. É de presumir que Zeres havia fugido com eles. Ester precisava de tempo para caçá-los, bem como a outros apoiadores da causa de Hamã.

9.13

Então disse Ester. *Ester precisava de mais tempo* para caçar os que tinham fugido (talvez incluindo os 70 filhos de Hamã e sua esposa, Zeres, que haviam escapado ao primeiro assalto (ver sobre os vss. 11,12). Alguns odiadores dos judeus, parte da multidão que tinha apoiado Hamã, tinham escapado e estavam escondidos. Portanto, Ester precisava de um *dia extra* para pôr fim ao jogo da matança. Esse pedido, o rei concedeu prontamente. Mas a dama tinha ainda outra petição: ela queria que o *corpo morto* dos filhos de Hamã fosse empalado e exibido, para que todos vissem: "Isto é o que acontece aos que se opõem aos judeus!". Essa petição também foi concedida pelo rei.

Portanto, a vingança de Ester foi impulsionada "pelo céu e pelo inferno" (conforme disse Shakespeare em outra situação).

Porventura isso pôs fim à inimizade de sangue entre a tribo de Benjamim e os amalequitas? Ver a introdução ao capítulo 3 deste livro quanto a essa possibilidade. Talvez o autor sagrado tenha em mente I Sam. 15. A casa de Agague foi obliterada nesse ponto (ver I Sam. 31.10)? Isso pode ter inspirado a *fúria* do ataque, mas talvez Hamã fosse simplesmente um persa de um lugar chamado *Agague,* conforme uma descoberta arqueológica poderia subentender, o que também menciono nas notas sobre a introdução ao capítulo 3 deste livro. Talvez a real motivação da matança ilimitada tenha sido a *prevenção.* Ester queria pôr fim à ameaça, para seus dias e para as gerações seguintes.

Somos para os deuses como as moscas são para meninos.
Eles nos matam por esporte.

(Shakespeare)

Aqueles a quem os homens temem, eles odeiam,
E a quem temem, eles os querem mortos.

(Quintus Ennius)

9.14

Então disse o rei que assim se fizesse. Tudo quanto Ester queria, ela obteve. Até os corpos mortos dos dez filhos de Hamã foram empalados e expostos para que todos vissem. Que cena horrenda a dama preparou! Assim os judeus tiveram um feriado de matança. Os atos de Ester foram um "aviso visual para outras pessoas não cometerem os mesmos crimes daqueles que foram punidos" (John A. Martin, *in loc.*).

"Não devemos julgar Ester pelos padrões cristãos" (Ellicott, *in loc.*, que assim nos consolou em meio a todo aquele sangue e entranhas expostas). Há agora um caminho superior que Cristo nos trouxe. Não precisamos sancionar tudo quanto lemos no Antigo Testamento.

Os homens odeiam com maior constância do que amam.

(Samuel Johnson)

Se o amor é perfeito, expele o temor. Portanto o ódio, se for perfeito, expelirá o temor.

(Tennyson)

9.15

Reuniram-se os judeus que se achavam em Susã. A colheita de matanças do segundo dia produziu 300 homens adicionais, levando o grande total a 500+10+300=810. Presumimos que a matança adicional vitimou Zeres, bem como bom número de outros filhos de Hamã, cuja mãe não era essa esposa principal. Entrementes, grandes matanças estavam sendo efetuadas por todo o império persa, em todas as províncias.

O Targum inclui entre essas mortes adicionais a família de Amaleque, mas não sabemos se isso é historicamente exato. No entanto, os judeus não estavam interessados em saques, conforme somos informados no vs. 10, onde comento o assunto. "Assim Susã foi expurgada de todos os inimigos dos judeus" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.16

A Matança nas Províncias Remotas. Por todo o império persa, 75.000 pessoas foram mortas (vs. 16), número dado por Josefo, pela Vulgata Latina, pelo siríaco e pelo Targum. Mas a Septuaginta fornece um número conservador e misericordioso de 15.000. O número maior certamente é o correto e justifica o relatório posterior de I Macabeus 11.47, que diz que os judeus "fizeram o que lhes agradou mais", e o que mais os agradou foi matar o maior número possível de inimigos. Mas nesse caso (de uma ocasião posterior), somos informados que eles mataram nada menos de 100.000 pessoas!

Quem se lembraria do rosto de Helena
Se lhe faltasse o terrível halo de lanças?

Nunca chores. Deixa-os brincar.
A antiga violência não é antiga demais
A ponto de não poder gerar novos valores.

(Robinson Jeffers)

Conforme é dito nos vss. 10 e 15, os judeus não enriqueceram à custa do saque, embora fosse direito deles saquear (ver Est. 8.11). Isso porque seus motivos eram "puros".

Um sábio comentário é o do bispo Wordsworth, *in loc.,* que escreveu: "A história mostra quão temerária é a vida humana, e especialmente a vida dos persas, que prevaleceram os soberanos das mais célebres nações do mundo oriental. Ficam demonstradas as ruinosas conseqüências que resultariam à civilização humana se Xerxes tivesse sido vitorioso contra os gregos, em Salamis. Se a Grécia não tivesse triunfado em sua luta contra a Ásia, teriam dominado, no Ocidente, a rudeza original e a poligamia oriental, e grandes dificuldades obstruiriam o progresso da civilização e do cristianismo. O livro de Ester revela-nos que foi a mão de Deus que fez Xerxes estacar nos estreitos de Salamis".

9.17,18

Sucedeu isto no dia treze do mês de adar. A *matança* nas províncias durou um dia, em contraste com as duas matanças ocorridas na capital (vs. 13). Por essa razão, os judeus, em Susã, celebravam o décimo quinto dia do décimo segundo mês como o dia da vitória, ao passo que, nas províncias, o dia catorze era o dia da celebração. Essa informação explica como chegaram a existir dois diferentes dias de *Purim.* Esses dias tornaram-se uma festa e um feriado. O jejum e a lamentação eram reservados para *outros* dias. Contrastar Est. 4.3. Ver os vss. 20-32 quanto à instituição formal dos dois dias de Purim. Quanto a detalhes sobre *Purim,* ver no *Dicionário.* Dois dias continuaram a ser observados na história posterior, mas o primeiro permaneceu como o principal dia de Purim. Atualmente, a festa ainda ocupa dois dias, e diferentes atos de comemoração e adoração são distribuídos entre os dois, conforme explica o artigo. O décimo quinto dia era o dia de celebração dos judeus da capital.

9.19

Também os judeus das vilas que habitavam nas aldeias abertas. Este versículo repete o que fora declarado no vs. 17. Nas províncias, o décimo quarto dia tornou-se o dia da celebração. O autor sacro explicou *por que* os judeus das províncias celebravam a festa de Purim no décimo quarto dia, em contraste com a data observada em Susã (*Susã Purim,* conforme a festa é conhecida no calendário judaico atual). Visto que as cidades destituídas de *muralhas* (aldeias) são especificamente mencionadas acerca do feriado longe da capital, alguns supõem que as cidades maiores, dotadas de muralhas, guardariam a data do Susã Purim. A Septuaginta expande o versículo a fim de incluir as cidades muradas na mesma data que a capital. Porém o mais provável é que devemos compreender com cidades "lá fora", quer muradas quer não, é que a celebração da festa era provincial. Conforme o tempo passava, este versículo dava base bíblica para a elaborada discussão talmúdica da matéria. A conclusão foi que as cidades muradas tinham de observar o Susã Purim.

Instituição da Festa de Purim (9.20-32)

Quanto a detalhes e a um sumário dessa questão, ver sobre *Purim* no *Dicionário.* Temos aqui o fundamento bíblico para a festa que não fazia parte, como é natural, da legislação mosaica, sendo uma espécie de festa de "última hora". Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Festas (Festividades) Judaicas,* terceira seção, "Festividades Após o Exílio Babilônico". *Purim* (sortes) está ligado à palavra hebraica *puro,* "cesta", uma referência à cesta onde as *sortes* eram postas. Ver Est. 3.7 ss. quanto ao uso das *sortes* para determinar qual seria o melhor dia para a matança dos judeus. Com base nessa circunstância (adicionando-se o fato de que a data determinada, o décimo terceiro dia do décimo segundo mês, tornou-se a data em que os inimigos dos judeus foram destruídos), a festa veio a ser chamada *Purim* (sortes). Ver a própria explicação do autor sagrado em Est. 9.24.

Os versículos desta seção mostram-nos que Mordecai oficializou os dias que seriam observados como a *festa do Purim,* e o judaísmo tem seguido essa orientação desde *então.* Ambos os dias da celebração espontânea, tanto nas *províncias* (o décimo quarto dia) quanto na *capital* (Susã Purim) foram legalizados, pelo que a festa dividiu-se em dois dias. Foi assim que nasceu uma nova *tradição.*

9.20

Mordecai escreveu estas cousas e enviou cartas. *A carta de Mordecai* criou a festa de Purim. "... ela não fora estabelecida pela lei mosaica, mas ordenada por Mordecai (vss. 20-28) e Ester (vss. 29-32). A festa de *dois dias* servia para *relembrar* a bondade de Deus, que operava através de certo número de circunstâncias para proteger o Seu povo da extinção. Mordecai redigiu uma proclamação cujo propósito era *celebrar* o evento *anualmente,* com um banquete e regozijo (cf. 8.17), dar alimentos aos necessitados e compartilhar com os pobres" (John A. Martin, *in loc.*).

Celebrava-se a *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). O nome de Deus nem ao menos foi mencionado em conexão com a proclamação da festa.

Supomos que isso evidencie uma *superpiedade* por parte do autor sagrado, o qual, em consonância com o judaísmo posterior, não proferia os nomes divinos. O livro e suas festas têm sido acusados de *secularismo,* mas, se considerarmos a questão dessa questão por esse prisma, essa acusação perde poder.

A Palavra Escrita. A formalização da festa veio através da carta de Mordecai, o que deu autenticidade à festa, embora não fizesse parte da Torá.

9.21

Ordenando-lhes que comemorassem o dia catorze do mês de adar. Tanto o dia catorze (o das províncias) como o dia quinze (o de Susã) foram aprovados e autenticados pela carta de Mordecai. Mas *por que* a diferença de datas ocorreu, ver as notas expositivas sobre o vs. 13. Ester pedira um *dia extra* para terminar apropriadamente a matança, e isso ocorreu na capital. Portanto, somente apenas dois dias de matanças os judeus da capital descansaram. Assim, eles comemoravam a vitória no décimo quinto dia. Mas nas províncias houve somente um dia de matanças, pelo que ali se comemorava a vitória no décimo quarto dia. Cf. os vss. 17 e 18, que nos dão essa informação.

A festa tornou-se uma instituição oficial do judaísmo e era celebrada *anualmente.* Quanto aos problemas históricos relacionados à questão, ver as explicações no artigo sobre *Purim,* no *Dicionário.*

9.22

Como os dias em que os judeus tiveram sossego dos seus inimigos. *Elementos Originais.* Com a passagem dos séculos, a festa adquiriu natureza mais complexa, incluindo a leitura de todo o livro de Ester. Este versículo nos dá os elementos originais da festa.

1. A festa era um feriado, um sábado, um dia de descanso (vs. 18), devotado a celebrações alegres. Nada havia de lamentações naquele dia. Era um tempo para cantar, comer, beber e dançar.
2. Era um dia de *comemoração.* Os inimigos dos judeus tinham sido destruídos pelo poder de Deus, por meio de Sua providência constante. Os homens, pois, eram convocados a relembrar esses fatos.
3. O povo trocava presentes de acepipes, alimentos especiais e doces, e, presumivelmente, outros tipos de presentes também. As regras judaicas posteriores requeriam que um homem enviasse pelo menos dois presentes a um amigo. Muitos presentes podiam ser enviados, mas homens presenteavam a homens, e mulheres a mulheres (Labush e Schulcan, em *Talmude Bab. Migillah,* cap. 694, sec. 4).
4. Alimentos, bebidas e presentes fluíam como se fossem o rio Amazonas. Mordecai não queria que fossem deixados de fora das festividades os pobres, os quais não tinham dinheiro para celebrar e por certo não podiam enviar presentes a outras pessoas. Portanto, ordenou-se que fossem dados presentes aos pobres. As regras posteriores permitiam presentes em dinheiro, mas, se fosse doado dinheiro, este tinha de ser gasto na compra de alimentos e bebidas, para fazer parte das celebrações. O dinheiro não podia ser usado com outros propósitos. É por isso que lemos sobre "os dinheiros do Purim" (Lebush e Schulchan, *Talmude Bab. Megillah,* sec. 2.3).

9.23

Assim os judeus aceitaram como costume. Os *judeus obedeceram* à carta sobre a festa de Purim enviada por Mordecai, e assim a festa começou a ser anualmente observada. Era uma festa de dois dias e incorporava os elementos alistados e discutidos nas anotações sobre o versículo anterior. "Mordecai escreveu para eles que se comprometessem a si mesmos e a seus sucessores, e a todos os seus prosélitos, a celebrar a festa anual, através de todas as suas gerações" (Adam Clarke, *in loc.*).

Os judeus temiam inovações que talvez fossem tidas como contradições com Moisés. Mas a autoridade de Mordecai era suficiente para fazer o Purim entrar no calendário judaico das festas nacionais. O *Talmude Hieros Megillah,* fol. 70.4, menciona os anciãos e rabinos importantes que se opuseram à celebração da festa, como também alguns profetas que temiam que fosse uma *inovação* que pudesse debilitar os mandamentos de Moisés. Mas a comunidade judaica em geral sempre celebrou com entusiasmo essa festa.

9.24

Porque Hamã, filho de Hamedata, o agagita. *Este* versículo nos faz lembrar Est. 3.1 (os antepassados de Hamã) e Est. 3.5,6 (o seu desejo de matar toda a comunidade judaica). Foi assim que ele se tornou o "inimigo dos judeus". Ele havia lançado *purim* (sortes) para determinar o dia mais propício à grande matança dos judeus (ver Est. 3.7). A essência do decreto que ele fizera Assuero proclamar era o aniquilamento absoluto dos judeus, "para os assolar e destruir", que é paralelo de Est. 3.13. Por conseguinte, o autor fornece uma breve nota de sumário para o caso de termos esquecido o que estava por trás da nova festa instituída pela carta de Mordecai. O vocábulo hebraico por trás da tradução *assolar* (literalmente, *esmagar*) é uma palavra de som semelhante ao do nome de Hamã (a saber, *hummam*) e, provavelmente, é um jogo de palavras propositado.

9.25

Tendo Ester ido perante o rei. O autor sacro fornece outro versículo de sumário, agora acerca da heróica intervenção de Ester, para impedir os maus desígnios de Hamã. A intervenção original está registrada no capítulo 5 do livro, e a questão de ela impalar o corpo dos filhos de Hamã aparece em Est. 9.13. Dessa maneira, Ester foi capaz de tratar Hamã tal como ele teria tratado a Mordecai, porquanto o poste de impalar foi preparado por aquele homem ímpio para executar a Mordecai (ver Est. 5.14).

9.26

Por isso àqueles dias chamam purim, do nome Pur. Os vss. 24 e 25 fazem uma breve *recapitulação* do atrevido plano formado contra os judeus, e como ele foi revertido, a fim de podermos compreender como a festa de Purim veio a existir. O vs. 26 age como outra recapitulação, agora sobre o que acabara de acontecer, ou seja, a carta pela qual Mordecai instituíra a festa (ver Est. 9.20-23). Este versículo fornece a primeira referência *explícita* à nova festa, mas já podemos compreender a essência da questão. Ver no vs. 22 os elementos originais da festa, e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Purim,* para detalhes, incluindo os desenvolvimentos (e problemas) históricos da festa. A leitura do livro de Ester, nessa ocasião, pode ser remetida a II Macabeus 15.36 e a Josefo (*Antiq.* XI.6.13); Mishna, *Rosh ha-Shanah,* 3.7.

Àqueles dias. Quais dias? Os dois dias da festa do purim. A razão pela qual essa festa é celebrada em *dois dias* é dada nos vss. 17-19.

9.27

Determinaram os judeus. *Este versículo* é ainda outra recapitulação, desta vez referindo-se ao vs. 23. A carta de Mordecai foi eficaz. Os judeus cumpriram as ordens recebidas, e assim têm feito através dos séculos. A festa foi e continua sendo celebrada anualmente.

Sobre todos os que se chegassem a eles. Isto é, os prosélitos (cf. 8.17). Tudo fora feito sem caducar (comparar a linguagem de Est. 1.18). Não houve nenhuma negligência, alteração ou revogação. Diz uma Midrash: "Mesmo que todas as festividades viessem a ser anuladas, o *Purim* jamais será anulado". O autor sagrado trabalha sobre a questão porque o Purim não fazia parte da Torah, e houve alguma oposição a ele, como *inovação* (ver o vs. 23).

Lebush e Schulchan, *Talmude Bab. Megillah,* cap. 687, sec. 2, mostraram-se enfáticos sobre o fato de *todo o povo judeu,* incluindo homens, mulheres, crianças e prosélitos, ser obrigado a ouvir a leitura do livro ou lê-lo pessoalmente. Foi assim que a festa de Purim se tornou uma ocasião nacional de grande importância, uma obrigação para todos.

9.28

E que estes dias seriam lembrados. O autor sagrado (ou editor posterior) continuava a trabalhar na questão, salientando a *obrigação* da festa para *todas as gerações.* Ela tinha de ser observada *em todos os lugares,* por todos os judeus, onde quer que se encontrassem, e em *todas as famílias.* O purim é um importante memorial que comemora a *providência de Deus* em favor dos judeus. Todos os judeus piedosos foram convocados a *relembrar* aquele exemplo histórico da providência divina e a concluir que Deus está em Seu trono e tudo está bem no mundo, para os judeus, em qualquer ponto da história. A piedade pessoal seria assim inspirada em todas as gerações.

Temos uma declaração radical no sentido de que, *naquele dia,* seria melhor omitir a leitura regular e a observância de coisas da lei do que omitir a festa do Purim (Lebush e Schulchan, *Talmude Bab. Megillah,* cap. 687, sec. 2)). A palavra *Megillah* é uma referência ao livro de Ester.

Observâncias posteriores da festa assumiram alguns elementos pitorescos, conforme Jamieson, *in loc.,* ilustrou: "Em ambos os dias da festa, judeus modernos lêem inteiramente a *Megillah* (o livro de Ester), em suas sinagogas. A cópia lida não deve ser impressa, mas escrita a mão sobre velum, na forma de um rolo. Os nomes dos *dez filhos* de Hamã são escritos ali de uma maneira peculiar, espalhados como se fossem outros tantos corpos em uma tábua posta na vertical, com cruzes que se projetam formando ângulos retos. O leitor deve pronunciar todos esses nomes em um único hálito, unindo-os para formar um só nome. Sempre que o nome de Hamã for pronunciado, os judeus fazem um barulho terrível na sinagoga. Alguns judeus batem com os pés no chão. Os meninos têm malhos com os quais batem nas coisas e fazem ruídos". Em tempos posteriores, após a invenção da pólvora, os judeus passaram a explodir bombas sob as

cadeiras, aumentando assim o barulho e a confusão em geral. É tempo de eles dizerem: "Vede o que Deus fez em favor de nossos antepassados, e compreendei que Ele também está conosco".

A Autoridade de Ester quanto à Festa de Purim (9.29-32)

9.29

Não é claro se Ester enviou ou não uma carta extra, ou se o nome e as palavras dela faziam parte da segunda comunicação de Mordecai. Seja como for, ela acrescentou sua autoridade e autenticou a festa, adicionando algo à sua natureza obrigatória. Ela escreveu "com toda a autoridade", pois como "rainha" contava com o apoio e a autoridade do rei, que também encorajou a celebração. No vs. 29, Ester e Mordecai aparecem como co-autores, mas no vs. 30 o verbo é do gênero masculino, singular. Obtemos assim a idéia de uma *carta conjunta,* na qual tanto Mordecai quando Ester escreveram o que queriam dizer. Ou então Ester enviou uma carta separada, em seu próprio nome. As cartas adicionais reforçaram a carta original, talvez porque alguma negligência tinha entrado na questão da observância anual. Seja como for, a carta em duas ou três edições parece ter adicionado autoridade para garantir a observância da festa de Purim. A observância da festa precisava dessa *sanção leal,* visto que não fazia parte dos eventos ordenados pela Torah.

Portanto, temos: a carta original de Mordecai; outra carta escrita por ele (tendo como co-autora Ester), a qual foi enviada para reforçar o documento original. Ou então Mordecai enviou uma segunda carta, e Ester adicionou sua própria autoridade, enviando ainda uma terceira carta, da qual ela foi a autora. O hebraico dos vss. 29 ss. é um tanto desajeitado, deixando-nos em dúvida quanto à natureza exata da comunicação.

Segunda vez. Estas palavras são deixadas de fora pela Septuaginta, pelo latim antigo e pelo siríaco, podendo ter sido uma glosa de um editor posterior. Nesse caso, os detalhes específicos da comunicação ficam em ainda maior dúvida. Seja como for, o que parece evidente é que a série de cartas confirmava e autenticava a natureza obrigatória da festa do Purim.

9.30

Expediram cartas a todos os judeus. *A distribuição* das cartas foi garantida pelo sistema postal persa, o primeiro sistema postal universal na história da humanidade. Ver sobre isso nas notas expositivas de Est. 3.13 e 8.10. O fato de ter sido utilizado o sistema postal do império persa mostra que Assuero entrou pessoalmente na questão. Essa carta recebeu a mesma distribuição que o decreto do rei, a saber, foi espalhada por todas as 127 províncias do império persa. Cf. Est. 1.1 e 8.9, onde há notas expositivas sobre a questão. O fato de que os judeus foram capazes de usar o sistema postal imperial mostra o prestígio que eles haviam obtido. Isso também fez parte da providência de Deus, um dos temas principais do livro de Ester.

Com palavras amigáveis e sinceras. A festa de Purim promoveu a paz de Deus e Sua verdade entre o povo judeu, e isso pode ser a referência dessas palavras. Mas talvez tenham sido enviadas palavras adicionais, juntamente com as cartas, que transmitiam a idéia de paz e verdade ao povo judeu. O autor sagrado, uma vez mais, evitou cuidadosamente mencionar os nomes divinos, os quais, no judaísmo posterior, não eram proferidos. Isso foi sinal de superpiedade, e não de secularismo. O autor sacro não "usou sua fé religiosa na manga da camisa", conforme diz certa expressão idiomática moderna. Em outras palavras, o autor sacro evitava a *ostentação* e a vulgarização da fé, desviando-se de falar demais em Deus. Meus amigos, como os evangélicos modernos vulgarizam a fé, com tanto "o Senhor me disse", "o Senhor me levou a fazer isto ou aquilo" etc. Além disso, há aqueles cultos religiosos barulhentos, que chamam mais a atenção para os crentes que se põem a gritar do que para Deus. Pessoalmente, tento evitar o uso demasiado dos nomes divinos, substituindo-os por *autoridades,* o que se parece com o costume dos hebreus que temiam dizer *Yahweh,* preferindo o nome divino *Adonai.*

9.31

Para confirmar estes dias de purim nos seus tempos determinados. As cartas tinham por intuito *confirmar* a observação dos dois dias de purim, conferindo-lhes maior autoridade. Deveriam ser observados sempre nas datas corretas (dias catorze e quinze do décimo segundo mês), todos os anos. A autoridade tanto de Mordecai quanto de Ester apoiava a questão, e isso foi suficiente para adicionar uma ordem ao que Moisés tinha ordenado, embora, como é óbvio, a festa fosse uma *inovação.* A festa de Purim, pois, foi assim *adicionada* às festividades, celebrações, feriados, dias de lamentação etc. que caracterizavam o judaísmo. Tinha-se tornado uma instituição e uma tradição nacional, e assim, de fato, continua até os nossos dias. Apesar de não haver aqui nenhuma menção da ratificação do sacerdócio, dos levitas etc., podemos estar certos de que tudo isso está em consonância com a instituição, conforme comento no vs. 23 deste capítulo.

9.32

E o mandado de Ester estabeleceu. Provavelmente este versículo significa que uma *cópia* das cartas concernentes ao purim, ou uma cópia da carta original de Mordecai, foi posta nos arquivos oficiais dos persas, visto que aborda atividades de súditos que viviam espalhados pelo império. Cf. Est. 2.23; 6.1 e 10.2, onde ofereço notas expositivas adequadas. Ver também Esd. 6.1,2.

Capítulo Dez

Mordecai em Posição de Autoridade (10.1-3)

Descrição da Grandeza de Mordecai. Este pequeno capítulo é uma espécie de *epílogo* que relata quão grande era Mordecai, o primeiro-ministro de Assuero ou Xerxes I. Mordecai não foi como um cometa que relampejou no firmamento, teve um breve período de duração e terminou. Ele continuou a ser a mão direita do rei e mostrou-se um ministro fiel e capaz.

Em algumas antigas cópias (gregas) do livro de Ester, após Est. 10.3, foi acrescentada *parte* da obra apócrifa, *Adições ao Livro de Ester,* que descrevi com o título de *Ester, Adições ao Livro de,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Esse documento consiste em 107 versículos, os quais, nas antigas Bíblias gregas, foram adicionados em vários lugares, na Septuaginta. Há um total de seis adições. Cada adição foi acrescentada em um lugar diferente no livro grego de Ester, em vez de serem agrupadas e formarem uma unidade.

10.1

Depois disto o rei Assuero impôs tributo sobre a terra. Assuero naturalmente tinha grande poder, e o seu império precisava de um hábil administrador. O homem certo para o trabalho era Mordecai. Ele foi promovido à posição de primeiro-ministro e muitos detalhes do governo lhe foram delegados. Mordecai foi um grande patriota judeu, mas também foi capaz de ministrar habilidosamente uma potência estrangeira. Ele foi um homem grande o bastante para preencher ambas as posições e funções.

Mordecai conseguiu aumentar os já vastos recursos econômicos de Assuero. Maior número de impostos se baixou sobre as 127 províncias. Não obstante, não há uma única menção à *piedade* pessoal de Mordecai; cumpre-nos compreender, entretanto, que somente um *judeu piedoso* poderia ter sido elevado a tal poder, porque Deus, afinal de contas, é o Poder que há por trás de todos os poderes terrenos. O autor sagrado não ficou falando "muito" sobre Deus. Nem ao menos mencionou algum dos três nomes divinos em hebraico, em todo o livro. No judaísmo posterior, o uso dos nomes divinos era evitado por motivo de extrema piedade, e não por secularismo.

As Guerras Contra a Grécia? Alguns estudiosos supõem que impostos foram levantados para pagar a guerra de Assuero contra os gregos (a qual terminou em desastre para os persas e é descrita com detalhes por Heródoto). Mas o autor do livro de Ester não menciona esse acontecimento. Na verdade, ele não cita *nenhum* evento capaz de sacudir o império persa. Apenas fala sobre como a *providência de Deus* operou em favor dos judeus.

10.2

Quanto aos mais atos do seu poder e do seu valor. *Assuero foi um homem grande, poderoso e rico,* conforme nos diz o autor sagrado. Entre seus atos (que foram de interesse especial para o autor sacro), esteve a elevação de Mordecai à posição de primeiro-ministro. Isso estabeleceu o palco de real interesse do autor sagrado, a preservação dos judeus em um período especialmente difícil na história do povo judeu. De fato, o período histórico de Mordecai-Ester foi um instrumento da salvação nacional, conforme o livro nos diz. A orientação de Deus estava por trás da elevação de Mordecai, no império persa, por parte de Assuero. O autor sagrado como que disse-nos: "Se você está curioso em saber mais sobre Assuero, então leia os arquivos oficiais do império, o 'livro da história dos reis da Média e da Pérsia'". Quanto a isso, ver a exposição sobre Est. 2.23; 6.1; 9.32; 10.2 e cf. Esd. 6.1,2.

10.3

Pois o judeu Mordecai foi o segundo depois do rei Assuero. Mordecai foi um grande patriota judeu e, como tal, um homem piedoso (embora o autor deixe isso de fora, omitindo qualquer referência específica a essa questão). Ele também foi a mão direita de Assuero, seu primeiro-ministro. Obteve a aceitação dos grandes do império persa e era popular com as massas. Sempre buscou o bem-estar de seu povo, bem como da população persa em geral. E, acima de tudo, falava de *paz* ao remanescente perseguido dos judeus, trazendo-lhes a luz de um novo dia.

O *livro de Ester* deixa de lado qualquer informação sobre eventos subseqüentes, a morte e o sepultamento de Mordecai e Ester. Cippi Hebraici (*Moreh Nevochim,* par. 3, cap. 22) diz-nos que Mordecai foi sepultado na cidade de Susã e que todos os judeus se reuniram para prestar-lhe altas honrarias. Ademais, nos dias da festa de Purim, eles visitavam sua sepultura, entoavam cânticos, tocavam instrumentos musicais, regozijavam-se no milagre operado através dele em favor do povo judeu e, de modo geral, louvavam o seu nome. A sepultura de Ester alegadamente estava localizada a cerca de 800 metros de Tzephat. O povo judeu também se reunia ali nos dias de Purim para louvar o nome dela, comer e beber, regozijar-se e, de modo geral, celebrar as realizações dela. Mas Benjamim de Tudela (*Talmude Bab. Bava Bathra,* fol. 14.2) diz que ambos foram sepultados perto de uma sinagoga em um lugar chamado *Hamdã.* Usualmente, adições dessa categoria são lendárias. Seja como for, não temos meios para julgar a historicidade dessas tradições.

Neste ponto, a Septuaginta tem *onze* versículos adicionais, *parte* das *Adições ao Livro de Ester.* Ver a introdução a este capítulo quanto aos detalhes.

As Três Grandes Lições do Livro de Ester. Em minha opinião, entre as muitas lições do livro de Ester que poderiam ser salientadas, enfatizo *três:*

1. A *providência de Deus* que está sempre ativa entre os homens. Esse é o tema dominante. Quanto a esse assunto, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo.*
2. Deus tem *instrumentos especiais* para missões especiais. Todos nós, em certo sentido, seguimos no trem de Mordecai e Ester, dotados de nossas tarefas, privilégios e oportunidades especiais.
3. Devemos seguir o exemplo deixado pelo autor, que não se mostrou exibido acerca de sua fé religiosa. Ele conseguiu escrever uma espécie de monólogo sobre a providência de Deus, sem mencionar nenhum dos três nomes divinos uma única vez! Ele fez isso por motivo de extrema piedade, e não em razão de seu secularismo. O judaísmo posterior evitava pronunciar os nomes divinos, crendo serem estes por demais sagrados para serem proferidos. Contraste-se essa prática ao oposto extremo que se vê hoje em dia. Um número exagerado de pessoas vive com o nome de Deus entre os lábios, e pessoas dadas à ostentação, em nome do louvor a Deus ou por quererem meter Deus em cada pequeno detalhe de sua vida, apenas chamam a atenção alheia para si mesmas, e não para Deus.

Sucesso. "Obteve sucesso quem viveu bem, quem riu com freqüência e quem amou muito; quem obteve o respeito de homens inteligentes e o amor das criancinhas; quem preencheu o seu lugar e realizou a sua tarefa; a quem nunca faltou apreciação pelas belezas terrenas nem deixou de expressá-las; quem buscou o melhor que há nos outros; quem deu o melhor que possuía; cuja vida foi uma inspiração e cuja memória é uma bênção" (Robert Louis Stevenson).